

120

39

REFLEXÕES SOBRE A VAI DADE DOS HOMENS, OU DISCURSOS MORAES Sobre os efeitos dā Vaidade, *Offerecidos* A ELREY NOSSO SENHOR **D. JOSEPH OI.** POR MATHIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE ECA.



LISBOA,
Na Offic.de Antonio Vicente da Silva

MDCCLXI.

Com todas as licenças necessarias.



D.102.17.1 Q1
MATHEWS RAMOS
DU SAVAGE CITY

B1

1565

E3

1761

A

M. D. G. de Almeida Vilela de Oliveira Silveira

MDCCCLXII.

Companhia das Indias Orientais

SENHOR.

O ffereço a Vossa Magestade as
Reflexões sobre a vaidade dos homens;
isto he o mesmo que offerecer em hum
* ii pe-

pequeno livro aquillo de que o mundo todo se compoem, e que só Vossa Magestade não tem: feliz indigencia, e que só em Vossa Magestade se acha. Declamey contra a vaidade, e não pude resistir á vaidade inocente de pôr estes discursos aos Reaes pés de Vossa Magestade; para que os mesmos pés, que heroicamente pizaõ as vaidades, se dignem proteger estas Reflexões. Mas que muito, Senhor, que as vaidades estejaõ só aos pés de Vossa Magestade, se as virtudes o occupaõ todo? Alguma vez se havia de ver a vaidade sem lugar.

Tem os homens em si mesmos hum espelho fiel, em que vem, e sentem a impressão, que lhes faz a vaidade: Vossa Magestade só neste livro a pôde sentir, e ver; e assim para Vossa Magestade saber o que a vaidade he, seria necessário que a estudasse aqui. Quanto deraõ os homens, e quanto

va-

valeriaõ mais , se podessem , ainda que fosse por estudo , alcançar huma ignorancia taõ ditosa . Não he só nesta parte , Senhor , em que vemos hum prodigo em Vossa Magestade . As gentes penetradas de admiraçao , e de respeito , achaõ unidos em Vossa Magestade muitos attributos gloriosos , que raramente se puderão unir bem ; e com effeito , quando se vio senaõ agora , sentarse no mesmo Throno a Soberania , e a Benignidade , a Justica , e a Clemencia , o Poder supremo , e a Razaõ ? Em Vossa Magestade ficaraõ concordes , e faceis aquelles impossiveis .

A mesma Providencia quiz manifestar o Rey , qne preparava para a sua Lusitania ; assim o mostrou logo , porque o Oriente , ou Regio berço , em que Vossa Magestade amanheceo , nunca vio figura taõ gentil ; nesta se fundou o primeiro annuncio da felicidade

Por-

Portugueza, e foy a voz do Oraculo por onde a natureza se explicou. Naõ foy preciso que os successos verificassem aquelle vaticinio, porque Vossa Magestade assim que veyo ao mundo, só com se mostrar, disse o que havia de ser. Hum semblante augusto, mas cheyo de bondade, e agrado, foy o penhor precioso das nossas esperanças: venturoso, e claro presagio, pois se fez entender até pela mesma forma exterior.

Chegou finalmente o tempo, em que os acertos de Vossa Magestade persuadem, que se ha huma arte de reinar, essa naõ podem os Monarcas apreender, Deos a infunde, naõ em todos, mas naquelles só, a quem as virtudes mais sublimes fizeraõ merecer hum favor celeste: isto dizem as resoluções de Vossa Magestade; ellas mostraraõ que naõ foraõ aprendidas, inspiradas sim. Por isso as primeiras ações

ções de Vossa Magestade naõ se distinguem das que se vaõ seguindo ; todas saõ iguaes , e todas grandes : aquelles preludios , ou ensayos , naõ cedem na perfeição a nenhuma parte da obra : daqui vem o parecer nos , que Vossa Magestade naõ só nasceo para reinar , mas que ja sabia reinar quando nasceo.

Pelas mãos da idade recebem os Soberanos a experienzia de mandar : Vossa Magestade sem depender dos annos , logo com o poder , recebeo a sciencia de usar delle : o que os mais devem ao exercicio , Vossa Magestade só o deve á Omnipotencia ; por isso as disposições de Vossa Magestade todas saõ justas , porque com ellas se justifica Deos . Aos outros Reys servem os homens por força do preceito ; a Vossa Magestade servem por obrigaçao da ley , e tambem por obrigaçao do amor ; destes douis vinculos , naõ sey qual be mayor , mas be certo , que hum del-

delles he violento ás vezes, o outro he suave sempre; porque as cadeas, ainda as que saõ mais pezadas, ficaõ sendo leves, quando he o amor quem as faz, e as supporta. Todos sabem, Senhor, que antes que as nossas vozes acclamassem a Vossa Magestade ja o tinhaõ acclamado os nossos corações; nestes levantou o mesmo amor o primeiro throno a que Vossa Magestade subio; e se he certa aquella memoravel profecia, que promette a hum Rey de Portugal o ser senhor de toda a terra, ja podemos crer que chegou o tempo de cumprirse, e esta fé deve fundarse nas virtudes de Vossa Magestade: e em quanto naõ chega a feliz hora de vermos na maõ de V. Magestade o Cetro universal, ja vemos que V. Magestade he digno delle; sendo que he mais glorioso o merecer, do que o alcançar. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos infinitos annos.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

PROLOGO

A O LEITOR.

EU que disse mal das vaidades ,
vim a cahir na de ser Author :
verdade he que a mayor parte destas
Reflexões escrevi sem ter o pensamen-
to naquella vaidade ; houve quem a
uscitou,mas confessó que consenti sem
repugnancia , e depois quando quiz
retroceder , naõ era tempo , nem pu-
de conseguir o ser Anonymo. Foy pre-
ciso pôr o meu nome neste livro , e
assim fiquei sem poder negar a minha
vaidade. A confissão da culpa costu-
ma fazer menor a pena.

Naõ he só nesta parte em que sou
reprehensivel : he pequeno este volu-
me , mas pôde servir de campo largo
a huma censura dilatada.Huns haõ de
dizer que o estylo oratorio , e cheyo
**
de

de figuras, era improprio na materia; outros haõ de achar que as descripções, com que ás vezes me afasto do sujeito, eraõ naturaes em verso, e naõ em prosa; outros dirão, que os conceitos naõ saõ justos, e que alguns ja forao ditos; finalmente outros haõ de reparar, que affectei nas expressões alguns termos desusados, e estrangeiros. Bem sey que contra o que eu disse, ha muito que dizer; mas he taõ natural nos homens a defesa, que naõ posso passar sem advertir, que se os conceitos neste livro naõ saõ justos, he porque em certo genero de discursos, estes naõ se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soaõ, nem em toda a extensaõ, ou signisicaõ dellas. Se os mesmos conceitos se achaõ ditos, que haverá que nunca o fosse? E além disto os primeiros principios, ou as primeiras verdades, saõ de todos, nem pertencem mais a quem

quem as disse antes , do que a aquellas que as differeõ depois. Se o estylo he improprio , tambem pôde ponderar se que no modo de escrever ; ás vezes se encontrão humas taes imperfeições , que tem naõ sey que gala , e brio : a observancia das regras nem sempre he prova da bondade do livro ; muitos escreveraõ exactamente , e segundo os preceitos da arte , mas nem por isso o que differeõ foy mais seguido , ou approvado : a arte leva consigo huma especie de rudeza ; a fermosura attrahe só por si , e naõ pela sua regularidade , desta sabe afastarse a natureza , e entaõ he que se esforça , e produz cousas admiraveis ; do fugir das proporções , e das medidas , resulta muitas vezes huma fantasia tosca , e impolida , mas brilhante , e forte. Nada disto presumo se ache aqui ; o que disse , foy para mostrar , que ainda em hum estylo improprio se pôde achar

alguma propriedade feliz , e agrada-
vel.

Escrevi das vaidades , mais para
instrucçāo minha , que para doutrina
dos outros , mais para distinguir as
minhas paixões , que para que os ou-
tros distingaō as suas; por isso quiz de
alguma sorte pintar as vaidades com
cores lisonjeiras , e que as fizessem
menos horriveis , e sombrias , e por
consequencia menos fugitivas da mi-
nha lembrança , e do meu conheci-
mento. Mas se ainda assim fiz mal em
formar das minhas Reflexões hum li-
vro , ja me naō posso emendar por es-
ta vez , senaō com prometter , que
naō hey de fazer outro ; e esta pro-
messa entro a cumprir ja , porque em
virtude della ficaō desde logo suppri-
midas as traduções de Quinto Curcio,
e de Lucano. As accções de Alexan-
dre , e Cesar , que estavaō brevemen-
te para sahir á luz no idioma Portu-
guez ,

guez , ficaõ reservadas para serem o-
bras posthumas , e talvez que entaõ
sejaõ bem aceitas ; porque os erros fa-
cilmente se desculpaõ em favor de
hum morto ; se bem que pouco vale
hum livro , quando para merecer al-
gum suffragio , necessita que primei-
ro morra o seu Author ; e com effeito
he certo que entaõ o applauso naõ
procede de justiça , mas vem por com-
paixaõ , e lastima .

Naõ me obrigo porém a que (vi-
vendo quasi retirado) deixe de occu-
par o tempo em escrever em outra lin-
gua ; e ainda que a vulgar he hum the-
souro , que contém riqueza immensa
para quem se soubesse servir della ,
com tudo naõ sey qae fatalidades me
tem feito olhar com susto , e desagra-
do para tudo quanto nasceo comigo :
além disto , as letras parece que tem
mais fortuna , quando estaõ separadas
do lugar em que nasceraõ ; a mudan-

ça

ça da linguagem he como huma árvore que se transplanta , naõ só para fructificar melhor , mas tambem para ter abrigo.

Vale.

*Vanitas vanitatum, & omnia
vanitas.* Eccl. cap. 1. vers. 2.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

P O'de-se reimprimir o livro de que se trata , e depois voltará conferido para se dar licença que corra , sem a qual naõ correrá. Lisboa 18. de Agosto de 1761.

-Trigoso. Silveiro-Lobo. Carvalho. Mello.

DO ORDINARIO.

P O'de-se reimprimir o livro de que se trata , e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 19. de Agosto de 1761.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO P A Ç O.

Q Ue se possa reimprimir vistas as licenças do S. Officio , e Ordinario , e depois de reimpresso tornará á Mesa para se conferir , taxar , e dar licença para que corra , sem a qual naõ correrá. Lisboa 21. de Agosto de 1761.

Carvalho. Emaüs. D. Velho. Castello.

DO SANTO OFFICIO.

PO de correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1761.

Trigoso. Sylveiro Lobo. Mello.

DO ORDINARIO.

PO de correr.. Lisboa 12. de Dezembro de 1761.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO P A C, O.

Que possa correr , e taxaõ em quinhentos reis em papel. Lisboa 14. de Dezembro de 1761.

Carvalho. Emaüs. D.Velho. Affonsoeca.

RE-



REFLEXOES SOBRE A VAIDADE *dos homens.*

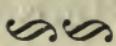


ENDO o termo da vida limitado , não tem limite a nossa vaidade ; porque dura mais , do que nós mesmos , e se introduz nos apparatus ultimos da morte . Que mayor prova , do que a fabrica de hum elevado mausoleo ? No silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias , para com a fé dos mar-

A

mores

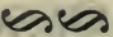
mores fazerem seus nomes immortaes : querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneraçao , como se fossem reliquias as suas cinzas , e que corra por conta dos jaspes a continuaçao do respeito. Que frívolo cuidado ! Esse triste resto daquillo , que foy homem , ja parece hum idolo collocado em hum breve , mas soberbo domicilio , que a vaidade edificou para habitaçao de huma cinza fria , e desta declara a inscripçao o nome , e a grandeza . A vaidade até se extende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.



Vivemos com vaidade , e com vaidade morremos ; arrancando os ultimos suspiros , estamos dispondo a nossa pompa funebre , como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para

para occupaçāo: nessa hora , em que estamos para deixar o mundo , ou em que o mundo está para nos deixar ; entramos a compor , e a ordenar o nosso acompanhamento , e assistencia funeral ; e com vangloria anticipada nos pōmos a antever aquella ceremo-
nia , a que chamaõ as Nações ultimas honras , devendo antes chamallas vai-
dades ultimas. Queremos , que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade , e fausto , outrā infeliz porçaō da terra : tributo inexorável ! A vaidade no meyo da agonia nos faz saborear a ostentaçāo de hum luxo , que nos he posterior , e nos faz sensiveis as attenções , que haõ de dirigirse á nossa insensibilida-
de. Transportamos para o tempo da vida aquella vaidade , de que naõ po-
demos ser capazes depois da morte : nisto he piedosa commosco a vaidá-
de ; porque em instantes chejos de

dor , e de amargura , naõ nos desempara ; antes nas disposições de huma pompa funebre , dá ao nosso cuidado huma applicaçao , ainda que triste , e faz com que divertido , e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte , e luzida a nossa mesma sombra .



De todas as paixões , a que mais se esconde , he a vaidade ; e se esconde de tal forte , que a si mesma se oculta , e ignora : ainda as acçoens mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica , que quem a tem , naõ a conhece , nem distingue : a satisfaçao propria , que a alma recebe , he como hum espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos , e nisso consiste a vaidade de obrar bem .

Naõ ha mayor injuria , que o desprezo ; e he porque o desprezo todo se dirige , e offende a vaidade ; por isso a perda da honra afflige mais que a da fortuna ; naõ porque esta deixe de ter hum objecto mais certo ; e mais visivel , mas porque aquella toda se compoem de vaidade , que he em nós a parte mais sensivel . Poucas vezes se expoem a honra por amor da vida , e quasi sempre se sacrificia a vida por amor da honra . Com a honra , que adquire , se consolha o que perde a vida ; porém o que perde a honra , naõ lhe serve de alivio a vida , que conserva : como se os homens mais nascesssem para terem honra , que para terem vida , ou fossem formados menos para existirem no ser , que para durarem na vaidade . Justo fora , que amassem com excesso a honra , se esta naõ fosse

se quasi sempre hum desvarío , que se sustenta da estimaçao dos homens ; e só vive da opiniao delles.

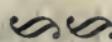


O naõ fazer caso do que he vaõ , tambem pôde nascer de huma excessiva vaidade , e a este grão de vaidade naõ chega aquella , que he mediocre , e ordinaria ; e desta sorte o excesso no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude , que he a de naõ ser vaidoso : e com effeito assim como o excesso na virtude parece vicio , tambem o excesso no vicio vem de algum modo a parecer virtude . Na mayor parte dos homens se achaõ os mesmos generos de vaidade , e quasi todos se desvaneçem dos mesmos accidentes , de que estaõ , ou se imaginaõ revestidos : porém alguns ha , em quem a vaidade he mysteriosa , e exquisita ; porque

que consiste em desprezar a mesma vaidade , e em naõ fazer caso dos motivos , em que se funda a vaidade dos outros.



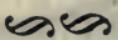
Trazem os homens entre si huma continúa guerra de vaidade ; e conhecendo todos a vaidade alheya , nenhum conhece a sua : a vaidade he como hum instrumento , que tira dos nossos olhos os defeitos proprios , e faz com que apenas os vejamos em huma distancia immensa , ao mesmo tempo que expoem á nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto , e maiores do que saõ. A nossa vaidade he a que nos faz ser insopportavel a vaidade dos mais ; por isso quem naõ tivesse vaidade , naõ lhe importaria nunca , que os outros ativessem.



Todas as paixoes tem hum tempo

po certo em que começaõ , e em que acabaõ : algumas saõ incompatibleis entre si , por isso para nascerem humas he preciso , que acabem outras. O odio , e o amor nascem comnosco , e muitas vezes se encontraõ em hum mesmo coraçaõ , e a respeito do mesmo objecto. A liberalidade , a ambiçaõ , e a avareza , saõ ordinariamente incompatibleis ; manifestaõ-se em certa idade , ou ao menos entaõ adquirem mayor força. Naõ sey se diga , que as paixões saõ humas especies de viventes , que moraõ em nós , cuja vida , e existencia , semelhante á nossa , tambem tem hum tempo certo , e limitado ; e assim vivem , e acabaõ em nós , da mesma forte que nós vivemos no mundo , e acabamos nelle. Com todas as paixões se une a vaidade ; a muitas serve de origem principal ; nasce com todas ellas , e he a ultima , que acaba :

ba : a mesma humildade , com ser huma virtude opposta , tambem costuma nascer de vaidade ; e com effeito saõ menos os humildes por virtude , do que os humildes por vaidade ; e ainda dos que saõ verdadeiramente humildes , he raro o que he insensivel ao respeito , e ao desprezo , e nisto se vê , que a vaidade exercita o seu poder , ainda donde parece , que o naõ tem .



A vaidade por ser causa de alguns males , naõ deixa de ser principio de alguns bens : das virtudes meramente humanas , poucas se haviaõ de achar nos homens , se nos homens naõ houvesse vaidade : naõ só se riaõ raras as acções de valor , de generosidade , e de constancia , mas ainda estes termos , ou palavras se riaõ como barbaras , e ignoradas totalmente . Digamos , que a vaida-

de as inventou. O ser inflexivel : he ser constante ; o desprezar a vida he ter valor: saõ virtudes , que a natureza desaprova , e que a vaidade canoniza. A aleivosia , a ingratidaõ , e deslealdade , saõ vicios notados de vileza , por isso delles nos defende a vaidade ; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê , que ha vicios , de que a vaidade nos perserva , e que ha virtudes , que a mesma vaidade nos ensina.



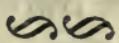
Mas se he certo , que a vaidade he vicio , parece difficult o haver virtude , que proceda delle ; porém naõ he difficult , quando ponderarmos , que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha , que se formaõ do gosto , e quantos gostos , que resultaõ da dor ! Essa infinita variedade dos objectos tem a mesma causa por origem : as differentes producçoes , que

que vemos, todas se compoem dos mesmos principios, e se formaõ com os mesmos instrumentos. Algumas couzas degeneraõ á proporçaõ, que se affastaõ do seu primeiro ser; outras se dignificaõ, e quasi todas vaõ mudando de forma á medida, que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ; porque apenas deixaõ a brecha, ou rocha donde nascem, quando em huma parte ficaõ sendo limo, em outra flor, e em outra diamante. Que outra couza mais he a natureza, do que huma perpetua, e singular metamorphosis?



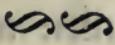
A vaidade parece-se muito com o amor proprio, se he que naõ he o mesmo; e se saõ paixoes diversas, sempre he certo, que ou a vaidade procede do amor proprio, ou este he effeito da vaidade. Nasceo o ho-

mém para viver em huma continua approvaçaõ de si mesmo : as outras paixões nos desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , naõ só nas Cidades , mas tambem nos desertos , naõ só na primavera dos annos , mas em toda a vida , naõ só no estado da fortuna , mas ainda no tempo da desgraça : paixaõ fiel , constante companhia , e permanente amor.



Nada contribue tanto para a sociedade dos homens , como a mesma vaidade delles : os Imperios , e Republicas , naõ tiverão outra origem , ou ao menos naõ tiverão outro principio , em que mais seguramente se fundassem : na repartição da terra , naõ só fez ajuntar os homens os mesmos

mos generos de interesses , mas tambem os mesmos generos de vaidades , e nisto se vê douz effeitos contrarios ; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens , tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades , que saõ universaes , e comprehendem Villas , Cidades , e Naçōens inteiras : as outras saõ particulares , e proprias a cada hum de nós ; das primeiras resulta a sociedade , das segundas a divisaõ.



Dizem , que gostos , e desgostos naõ saõ mais que imaginaçāo ; porém melhor fora dizer , que gostos , e desgostos naõ saõ mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem no modo , com que os homens olhaõ para nós , e no modo com que fallaõ em nós ; assim até nos fazemos dependentes das acçōens , e dos pensamentos dos mais homens , quando cre-

cremos , que elles nos attendem , e consideraõ esta imaginaçao , que lisonjea a vaidade ; precisamente nos dá gosto : se por alguma causa imaginamos o contrario , a mesma imaginaçao nos perturba , e inquieta . Não ha gosto , nem desgosto grande naquillo , em que a imaginaçao não tem a mayor parte , e a vaidade empêcho .

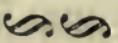
A vaidade diminue em nós algumas penas ; porém augmenta aquellas , que nascem da mesma vaidade : a estas nem o esquecimento cura ; nem o tempo ; porque tudo o que offende a vaidade , fica sendo inseparavel da nossa memoria , e da nossa dor . Entre os males da natureza , alguns ha que tem remedio ; porém os que tem a vaidade por origem , são incuraveis quasi todos : e verdadeiramente como ha de acabar a pena ,

na , quando a lembrança da offensa basta para fazer , que dure em nós a afflicçāo ? Ou como pôde cessar a magoa , se naõ cessa a vaidade , que a produz ? Alguns sentimentos ha , que se incorporaõ , e unem de tal sorte a nós , que vem a ficar fendo huma parte de nós mesmos .



A imaginaçāo desperta , e dá movimento á vaidade ; por isso esta naõ he paixaõ do corpo , mas da alma ; naõ he vicio da vontade , mas do entendimento , pois depende do discurso . Daqui vem , que a mais forte , e a mais vā de todas as vaidades , he a que resulta do saber ; porque no homem naõ ha pensamento , que mais o agrade , do que aquelle , que o representa superior aos mais , e superior no entendimento , que he nelle a parte mais sublime . A sciencia humana o mais a que se extende , he ao conhe-

conhecimento, de que nada se sabe : he saber o saber ignorar, e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.



Bem se pôde dizer , que o juizo he o mesmo que entendimento , porém he hum entendimento solido ; por isso pôde haver entendimento sem juizo , mas naõ juizo sem entendimento : o ter muito entendimento ás vezes prejudica , o ter muito juizo sempre he util : o entendimento he a parte que discorre , porém pôde discorrer mal : o juizo he a mesma parte que discorre , quando discorre bem : o entendimento pensa , o juizo tambem obra ; por isso nas accções de hum homem conhecemos o seu juizo , e no discurso lhe vemos o entendimento : o juizo duvida antes que resolvá , o entendimento resolve primeiro que duvide ; por isso este

este se engana pela facilidade , com que decide , e aquelle acerta pelo vagar , com que pondera . Ordinariamente fallamos no juizo , e naõ no entendimento de Deos , e deve ser pela impressaõ , que temos , de que o juizo he menos sujeito ao erro , que em Deos he impossivel : com toda esta vantagem , que achamos no juizo , pouco nos desvanece o ter juizo , e muito nos lisongea o ter entendimento . Consideramos o juizo como coufa popular , ou sómente como huma especie de prudencia , sendo aliás coufa muy rara ; e olhamos para o entendimento como coufa mais saltiva , e em que reside a qualidade da agudeza ; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente , do que o discorrermos com acerto , e ainda fazemos vaidade de voltar de tal forte as coufas , que fiquem pareçendo , o que claramente

C se

se sabe, que não saõ. O engano vestido de eloquencia, e arte, attrahe, e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza, e temos pejo de acertar rusticamente.



Todos fazem vaidade de ter malicia; nem ha quem diga, que a não tem, antes he defeito, que reconhecemos com gosto, e confessamos sem repugnancia: a razão he; porque a malicia consiste em penetrância, por isso não nos defendemos de hum defeito, que indica o termos entendimento. A vaidade faz, que não ha cousa, que não sacrificemos ao desejo de parecer entendidos, ainda que seja á custa de hum vicio, ou de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo, dizemos, que não temos malicia alguma: porém este pen-

pensamento não dura muito em nós ; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento , do que bons sem elle : verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento ; porque malicia propriamente he aquella intelligencia , ou acto , que prevê o mal ; ou o medita ; por isso he differente o ter malicia , e o ser malicioso : tem malicia quem descobre o mal para o evitar : he malicioso quem o antevê para o exercer : a malicia he huma especie de arte natural , que se compoem de combinações , e consequencias , e neste sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das couzas tem muitos modos , em que podem ser consideradas ; por isso á mesma couza pôde ser pequena , e grande ; pôde ser má , e tambem boa ; pôde ser injusta , e justa : a vaidade porém sempre se appro-

prião o modô , ou o sentido , em que a coufa em nós fica fendo superior , e admiravel.



A razaõ naõ nos fortalece contra os males , que resultaõ da vaidade , antes nos expoem a toda a actividade delles ; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. No principio dos nossos desgostos , a razaõ naõ serve para diminuillo , para exasperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade , tambem a nossa razaõ naõ he outra coufa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razaõ o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cançados , e naõ por advertidos. Daqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade , do que á nossa fraqueza ; devemos

vemos á nossa moderaçāo menos ao discurso , do que á nossa própria debilidade. Deixamos o sentimento por cançados de padecer. A duraçāo do mal , que nos abate , nos cura.



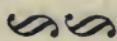
Ha occasiōes , em que contrahimos a obrigaçāo comnosco , de nāo admittirmos alivio nas nossas magoas , e nos armāmos de rigor , e de aspereza contra tudo o que pôde consolarnos , como querendo , que a constancia na pena nos justifique , e sirva de mostrar a injustiça da fortuna : parece-nós , que o ser firme a nossa dor , he prova de ser justa : esta idéa nos inspira a vaidade , menos cuidadosa no socego do nosso animo , do que attenta em procurar a estimaçāo dos homens. Huma grande pena admira-se , e respeita-se : he o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.

Os

Os retiros, é as solidões nem sempre saõ effeitos do desengano, as mais das vezes saõ delirios de hum sentimento vaõ, ou furores, em que brota a vaidade: entaõ nos move o fim occulto de querermos, que a demôstraçao da dor nos faça recomendaveis: fazemos vaidade de tudo quanto he grande: a mesma pena quando he excessiva, nos lisongea; porque nos promette a admiraçao do mundo.

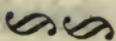
Buscamos a Deos quando o mundo nos naõ busca; se alguma offensa nos irrita, deixamos a sociedade, naõ por arrependidos, mas por queixosos, e menos por amar a Deos, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquele modo de vingança, e parece com effeito, que o deixar o mundo he desprezal-lo. Assim será; mas quem deseja
vin-

vingarse ainda ama , e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo , e as suas vaidades ; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo , e a vida tudo he o mesmo ; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida ? Tudo no mundo he vaõ , por isso a vaidade he a que move os nossos passos : para donde quer , que vamos , a vaidade nos leva , e himos por vaidade. Mudamos de lugar , mas naõ mudamos de mundo .



A mesma vaidade , que nos separa do comercio dos homens , para sepultarnos na solidão de hum Claustro , vem depois a conservarnos nelle , e por hum mesmo principio nos conduz , e nos faz permanecer sempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade , por isso muitas vezes somos firmes só

só por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia na vocaçāo, o que só he constância na vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas accções se reputem como effeitos da nossa variedade: queremos mudar, mas tememos o parecer varios; e assim a constancia na virtude não a devemos á vontade, mas ao receyo; não a conservamos por gosto, mas por vaidade: e esta assim como nos faz constantes na virtude, tambem outras vezes nos faz constantes na culpa.



Ha varios termos no progresso da nossa vaidade: esta no primeiro estado da innocencia vive em nós como occulto, e escondido: o tempo faz que ella se move, e se dilate: semelhante ás aves, que nascem todas sem pennas, ainda que todas em si trazem a materia dellas. A nossa alma

ma está disposta para receber, e concentrar em si as impressões da vaidade; e esta, que insensivelmente se forma, do que vemos; do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós; he imperceptível, da mesma sorte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem disserra, que aquillo, que nos devia defender do mal, he o mesmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixões daõ comnosco passos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, he também quando em nós começa a apparecer o entendimento; por isso a

emenda da vaidade he tão difficult,
porque he erro; nem que o entendimen-
to tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre
vaidade he incapaz de premeditar
emprezas, nem de formar projectos:
tudo nelle he sem calor: a sua mes-
ma vida he huma espécie de lethar-
go: tudo o que procura he com
passos vagarosos, cobardes, e des-
cuidados; porque a vaidade he em
nós como huma espirito dobrado, que
nos anima; por isso o homem, tem
que a vaidade não domina he timido,
e sempre cercado de duvida, e
de receyo: a vaidade logo traz com-
sigõ o desembaraço, a confiança, o
arrojo, e a certeza. Presume muito
de si quem tem vaidade; por isso he
confiado: não presume de si nada
quem não tem vaidade, por isso he
timido. A vaidade nos faz parecer,

que

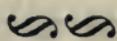
que merecemos tudo, por isso nem prendemos, e conseguimos ás vezes: a falta de vaidade nos faz parecer, que não merecemos nada, por isso nem buscamos, nem pedimos. Este extremo he raro; o outro he muy commum, daquelle se compoem o mundo, deste o Ceo.

A diferença, e desigualdade dos homens he huma das partes, em que se estabelece a sociedade, por isso esta se funda em principios de vaidade; porque só a vaidade sabe corporificar idéas, e fazer diferente, e desigual o que ha composto por hum mesmo modo, e organizado de huma mesma forma. Os homens mais vaidosos saõ os mais proprios para a sociedade: aquelles que por temperamento, por razaõ, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, saõ os que pe-

la sua parte contribuem menos na
communicação dos homens: occu-
pados em huma vida mole, isenta, e
sem acção, só buscao no descanso a
fortuna solidá, e desprezao as ima-
gens de que se compoem a vaidade
da vida civil.

A desordem dos homens parece
que he precisa para a conservação da
sociedade entre elles: he preciso
com effeito, que sejamos loucos, e
que deixemos muitas vezes a realida-
de das cousas, só por seguir a appa-
rencia, e vaidade dellas. Que ma-
yor loucura, que a que nos expoem
a perder a vida ha expectação de po-
dermos servir de objecto ao vaidoso
ruido da fama? Que maior delirio,
que sacrificarmos o descanso ao de-
sejo de sermos admirados? Que des-
vario maior, que o fazer idolo da
reputação, fazendo-nos por essa cau-
si

fa dependentes , naõ só das acções dos homens , mas tambem das suas opiniões ; naõ só das suas obras , mas tambem dos seus conceitos ?



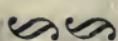
A vaidade nos ensina , que as acções heroicas se fazem immortaes por meyo das narrações da historia ; porém mal pôde caber na lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compoem a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça immensa a sua efféria. Naõ ha historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles teraõ havido , cujas noticias se acabaraõ , só porque naõ tiveraõ Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meyo do encanto de hum Poema illustre ? Quantos Eneas sem Virgilius ? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios ?

Na

Na infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isso as vitorias sempre foraõ de todas as idades ; porém esses mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a fortuna do vencer sempre foy variia , e inconstante. As noticias das vitorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou , a poucos passos havemos de encontrar a fabula , cuberta de hum véo escuro ; e impenetravel : tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens , que á força do fogo , e sangue se fizeraõ arbitros da terra , nos mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acções : o valor com que poderaõ perpetuar nos seus descendentes o poder , e a magestade , naõ lhes pôde perpetuar o nome : das mayores

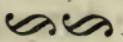
Mo-

Monarchias ainda se ignorar quem forem os primeiros fundadores.



Que são os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he representaõ, que a vaidade guia: a fatal revolução do tempo, e o seu curso rapido, que cousa nenhuma pára, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de huma eternidade. Neste abysmo, donde tudo entra, e nada sahe, se vão precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperíos. Os nossos antepassados ja vieram, e ja forão; e nós daqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovam, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos não

não tem fim , à torrente das idades ,
e dos seculos corre diante dos seus
olhos , e elle vê a vaidade dos mor-
taes , que ainda quando vaõ passan-
do o insultaõ , e se servem desse mes-
mo instante , em que passaõ para o
offenderem . Miseraveis homens ,
genero infeliz , que nesse momento ,
que lhes dura a vida , preparaõ a sua
mesma reprovaçaõ ; e qve tendo vai-
dade , que lhes faz parecer , que tú-
do meditaõ , que tudo sabem , e que
tudo prevêm , só a não tem para an-
teverem as vinganças de hum Deos
irado , e que com o seu mesmo sof-
frimento , e silencio , clama , amea-
ça , julga ; condemna .



Acabaõ os Heróes , e tambem
acabaõ as memorias das suas accções ;
aniquilaõ-se os bronzes , em que se
gravaõ os combates ; corrompem-se
os marmores , em que se esculpem
os

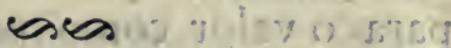
os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as emprezas , e se dissipão as harmonias do verso , em que se depositaõ as vitorias : tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabaõ-se as tradições muito antes que acabe o mundo ; porque a ordem dos successos naõ se inclue na fabrica do Universo ; he cousa exterior , e indiferente. Os monumentos , que fazem da historia a melhor parte , e a mais visivel , naõ só se estragaõ , mas desapparecem , e de tal sorte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Naõ tem m áis duraçaõ as cinzas dos Heróes ; porque as mesmas urnas , que as escondem , se defazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os caracteres , insensivelmente vaõ fugindo

E

do dos nossos olhos , até que se apagaõ totalmente. Ainda as coisas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras , de que se formaõ os padrões , vaõ perdendo a uniaõ das suas partes , em que consiste a sua dureza , até que vem a reduzirse ao principio comum de tudo ; terra , e pó .

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternizar o nome ; porque dos mesmos Heróes Itambem morre o nome , e à gloria : à diferença he , que a vida dos Varões illustres compoem-se de annos ; como nos mais homens , e a vida das suas acções compoem-se de seculos ; porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra nelles , vem a entrar finalmente no cáos do esquecimento . Tudo no mundo saõ sombras , que passaõ ; as que saõ maiores , e mais agigantadas ,

das, duraõ mais horas, mas tambem se extinguem, e do mesmo modo; que aquellas, que apenas tiveraõ de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes, e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade; sendo que o mesmo ar, que lhe dilata os eccos, lhe confunde, e apaga a voz. Nas coufas he transito, o que nos parece permanencia: a diversidade, que vemos na duraçaõ dellas, he porque humas gastaõ mais tempo em acabar que outras; de sorte que propriamente só podemos dizer, que as coufas estaõ acabando, e não que estaõ sendo.



Porém destes mesmos delírios resulta; e depende a sociedade; porque a vaidade de adquirir a fama infunde aquelle valor nos homens, que quasi chega a transformallos em muralhas

ralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de serem attendidios os reduz á trabalhosa occupação de indagarem os segredos da Divindade, o giro dos astros, e os misterios da natureza: a vaidade de serem leaes os faz obedientes: a vaidade de serem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos. Daqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo: olha para a reputação como para huma fantasia, que se forma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de huma opiniao sempre inconstante: olha para o valor como para hum meyo cruel, que a tyrannia ideou para introduzir no mundo a escravidao: olha para o respeito como para huma ceremonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e nos

nos outros medo , semelhante á estatua de Jupiter , diante da qual todos se prostraõ , naõ por amor do idolo , mas por causa do rayo , que tem na maõ : olha para a benignidade como para hum modo , ou artificio de atrahir a si a inclinaçao dos outros , e por isso virtude mercenaria : olha para a lealdade como para hum acto , que precisamente resulta de huma submissaõ necessaria : e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago , e incerto , e que na realidade val menos do que custa a conseguir.

Com os annos naõ diminue em nós a vaidade , e se muda , he só de especie. A cada passo , que damos no discurso da vida , se nos offerece hum theatro novo , composto de representações diversas , as quaes sucessivamente vaõ sendo objectos da nossa

nossa attenção , e da nossa vaidade . Assim como nos lugares , ha tambem horizontes na idade , e continuamente himos deixando huns , e entrando em outros ; neiem todos elleś a mesma vaidade , que nos cega , nos guia . Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressões ; nem sempre somos sensiveis ao mesmo sentimento ; sempre somos vaidosos , mas nem sempre domina em nós o mesmo gênero de vaidade .

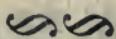
Ha vícios , que raramente deixamos , se elleś primeiro nos não deixão ; e quando como o tempo seguimos no exercicio de obrar bem , não he porque o conhecimento , ou a experiençia nos determine , mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal ; e assim virtudes ha , que primeiro começão pela nossa incapacidade , do que por

por nós mesmos ; e nos nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só à vaidade naõ enfraquece, por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.

Naõ temos alegria ; se está descontente a vaidade ; da mesma sorte, que a desgraça naõ afflige tanto, quando se acha à vaidade satisfeita. A mesma morte naõ se mostra com igual semelhante nos supplicios ; porque a qualidade delles influe mayor, ou menos pena : por isso as honras do cidadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade, que está vendo a attenção do golpe, desto esconde ao mesmo tempo o horror, e entretida nos faustos do luto, desvia da memória huma grande parte da consideração da ruina.

Para nada ser permanente em nós, até o odio se extingue: cançamo-nos de aborrecer: a nossa inclinação tem intervallos, em que fica isenta da sua maldade natural: não esquece porém o odio, que teve por principio a vaidade offendida; assim como nunca o favor esquece quando se dirige, e tem por objecto a vaidade de quem recebe o beneficio. A nossa vaidade he a que julga tudo: dá estimação ao favor, e regula os quilates á offensa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz substancia: e sempre faz mayor tudo o que diz respeito a si. Nos beneficios pagamos-nos menos da utilidade, que do obsequio: nas offensas consideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por isso se sente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulso; e assim na vaidade nunca se forma cicatrizes fir-

firmes, e seguras; porque a lembrança do agravo a cada instante as faz abrir de novo; e verter sangue.



O corpo naõ he sensivel igualmente em todas as suas partes: humas sofrem, e resistem mais; qualquer desconcerto em outras he mortal: assim tambem no corpo da vaidade ha partes, em que penetra mais o sentimento: daqui vem inimisades, que nem a morte reconcilia, odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira, ou diminue a estimacão, nos serve de tormento; porque o respeito he o idolo commum da vaidade; aquillo que o offende, naõ se perdoa facilmente, e fica fendo como hum sacrilegio irremissivel, e como hum principio de donde se originaõ tantas áversoens hereditarias.



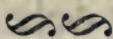
Acabando tudo com a morte,

F

só

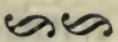
só a deshonra não acaba ; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensível que esteja hum cadaver na sepultura (permitta-se o hyperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe na memoria dos que ficão , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflícçāo , e sentimento : terrivel qualidade , cujos effeitos , ou cujo mal , não se acaba , ainda depois que acaba quem o tem ; sendo a unica desgraça , que se imprime na alma , como hum carácter immortal ! A morte não serve de limite á deshonra ; porque esta vay seguindo a posteridade como huma herança barbara , é infeliz . Estes são os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixão inconsolavel , até nos persuade , que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia : esta diminue a estimação , e o respeito ;
ol e por

e por isso mortifica tanto; como se a infâmia do delicto só consistisse na attenção, e opinião dos homens, e não no delicto mesmo; ou se só fosse deshonra aquella que se sabe, e não aquella que se ignora.



Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir comnosco a vaidade; e então somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebe o golpe, sempre leva no peito a travessada a setta: nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, himos com os nossos mesmos desvarios, se bem que as vaidades do ermo são vaidades inocentes. A natureza não tem lá por objecto mais do que a si mesma, e a vaidade, que tem na complacencia, com que se contempla, consiste em reflectir sobre os enganos do seculo, e sobre as verdades

des da solidão; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude; e assim vimos a ter naquelle caso hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.



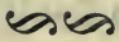
Oh quanto he especiosa a tranquilidade do deserto! Lá não ha odio, nem soberba; não ha crueldades nem inveja; estes monstros são feras invisiveis, que habitaõ entre nós, para serem ministros fataes das nossas discordias, e das nossas afflictõeens; nascem da nossa sociedade, e se sustentam da nossa mesma communicaõ: por isso a virtude costuma fugir ao tumulto, porque a nossa maldade não he pelo que toca a cada hum de nós, mas pelo que respeita aos outros: somos perversos por comparação; e

reciprocamente huns servimos de objecto ás iniquidades dos outros ; a vaidade sempre foy origem dos nossos males; mas primeiro que a vaidade, foy o comercio commum das gentes ; porque delle resulta a vaidade como contagio contrahido no trato , e converfaçao dos homens. O nosso entendimento facilmente se inficiona , naõ só com as opinioens proprias , mas tambem com as alheas ; naõ só com as proprias vaidades , mas tambem com as dos outros : naõ sey se seria mais util ao homem o ser incommunicavel.



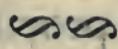
Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compoem : os nossos discursos raramente encontraõ com a verdade , com a duvida sempré ; de sorte que a sciencia humana toda consiste em duvidas. Ainda dos primeiros principios visiveis , e materiaes , sū conhecemos a exis-

existencia , a natureza naõ ; porque a contextura do universo he em si unida , e regular em forma , que na ordem das suas partes naõ se podem conhecer humas , sem se conhecerem todas ; por isso todas se ignoraõ , porque nenhuma se conhece : só a vaidade costuma decidir sem embaraço , porque naõ chega a imaginarse capaz de erro : os homens mais obstinados saõ os mais vaidosos , e sempre á porfia vem á proporção da vaidade.



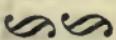
Algumas duvidas , ha que respeitamos ; mas nem a essas perdoa a vaidade , pois nunca quer que fiquem indecisas : mas infelizmente , porque nellas sempre a soluçaõ da duvida vem a consistir em outra duvida mayor . Quasi tudo transcende á nossa comprehensaõ , mas nada transcende á nossa vaidade . Naturalmente nos

nos he odiosa a irrefoluçāo , e antes nos inclinamos a errar , do que a ficar irresolutos : o confessar ignorancia he acto a que se oppoem a vaidade ; fendo que rara he a coufa , que se nos mostra , sem hum certo véeo que a esconde ; de sorte que naō vemos , nem buscamos os objectos , mas a sombra delles .



Nas paixoens he natural o entreternos cada huma com a esperança , que lhe he propria ; e com effeito nada he mais agradavel do que huma esperança lissonjeira . O desejo se deleita em meditar no bem , que espera ; e a natureza , a quem as paixoens tem sempre em acção , naō cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte , para donde a nossa inclinaçāo propende ; por isso o amor continuamente nos promete , que ha de acabar a tyrannia , e que

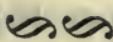
que cedo ha de vir a feliz correspondencia ; o odio nos segura , que vem chegando o dia da vingança ; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito , e de grandeza ; e desta forte naõ vivemos , esperamos a vida.



Ha hum genero de vaidade , que toda consiste em procurarmos que se falle em nós ; por isso a mesma vaidade inventou a fraze de dizerse , que vive no escuro aquelle de quem se naõ falla ; dando a entender , que as emprezas , por meyo das quaes se falla nos homens , saõ a claridade que os mostra , e os distingue : com effeito por mais que vivamos juntos , e nos vejamos sempre , he por hum modo como vago , e passageiro : as coufas nem por estarem muito perto se vem melhor , e os Heroes o que os faz mais visiveis , he a distancia , e des-

desproporção dos outros homens em que os poem as suas acções : não só os homens , mas ainda os successos , quanto mais longe vaõ ficando , mais crescem , e nos vaõ parecendo maiores , até que os vimos a perder da vista , e muitas vezes da memoria ; porque no tempo tambem ha hum ponto de perspectiva , donde como em espelho vaõ crescendo todos os objectos , e em chegando a hum certo termo , desapparecem . As emprezas , que hoje vemos , talvez não saõ inferiores ás que a tradiçāo refere do tempo do heroísmo ; porém tem de menos o estarem proximas a nós , e as outras tem de mais , o valor que recebem de huma antiguidade veneravel : aquellas admiramos porque não temos inveja , nem vaidade , que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos ; contra os que existem sim , e destes , se sabemos

bemos as acções , tambem sabemos as circunstancias dellas ; por isso as desprezamos , porque he rara a empreza heroica , em que naõ entre algum fim indigno , e vil ; a mais ilustre acção fica infame pelo motivo.



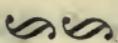
O que chamamos inveja , naõ he senaõ vaidade. Continuamente acusamos a injustiça da fortuna , e a consideramos ainda mais cega do que o amor , na repartição das felicidades. Desejamos o que os outros possuem , porque nos parece , que tudo o que os outros tem , nós o mereciamos melhor ; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheyas , por nos parecer , que deviaõ ser nossas : que he isto senaõ vaidade ? Naõ podemos ver luzimento em outrem , porque imaginamos , que só em nós he proprio : cuidamos , que a grandeza

deza só em nós fica sendo natural , e nos mais violenta : o explendor alheyo passa no nosso conceito por desordem do acafo , e por miseria do tempo. Quem diria aos homens , que no mundo ha outra coufa mais do que fortuna , e que nas honras ha predestinaçāo ?



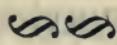
Naõ vivemos contentes , se a nossa vaidade naõ vive satisfeita : ainda temos o bem , que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradavel , que achamos nas pessoas eminentes , e que por mais , que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor ; hum obsequio , que tem por principio a dependencia , e em que o interesse se esconde subtilmente ; huma submissaõ , que nos faz crer que os homens tem obrigaçāo de respeitarnos ; huma lisonja dita com tal arte , que fica sendo impossivel ,

conhecermos-lhe o veneno ; qualquer cousa destas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de sorte que naõ vivemos alegres , se naõ vivemos vaidosos.



Procuramos ser objectos da memória , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da historia. Este delirio nos entrega a applicaçāo das letras , e nos inspira a inclinaçāo das armas , como douis pólos , que guiaõ para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cançados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda esses lá se formaõ huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ nelles , e discorrem sobre a cau-

a causa dos seus retiros. Quantas vezes nos parece, que o bosque, que nos serve de muda companhia, se magôa dos nossos infortunios, e que o valle recebe o sentimento das nossas queixas, quando em eccos entrega aos ventos, partidos os nossos ays! Parece-nos, que a Aurora nasce rindo dos nossos males; que as fontes murmuraõ dos nossos desafocegos; que as flores crescem para symbolo das nossas delicias; e que as aves festeaõ os nossos triunfos.



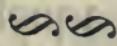
Os homiens, a quem a concurrencia de acasos felices faz chamar grandes, presumem, que ainda que delles não depende a existencia do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das cousas: todos fallaõ nas suas acções, e nisto consiste a sua mayor, e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o comercio dos ho-

homens , mas naõ renunciamos o viver na admiraçao , e noticia delles ; consentimos em apartarnos de sorte , que nunca mais sejamos vistos , mas naõ consentimos em naõ ser lembrados : finalmente queremos , que se falle em nós : as mesmas sepulturas , que saõ huns pequenos theatros das mais lastimosas tragedias , espantaõ menos pelo horror das sombras , que pelo silêncio.



Mil preceitos ha que nos ensinaõ , o quam pouco saõ estimaveis em si , esses mesmos objectos , que buscamos com fadiga : o conhecemos a vaidade das cousas , naõ basta para as naõ querermos ; porque o conhecimento de hum mal , que se appetece , he hum meyo muito debil para o deixar. No mesmo retiro temos todo o mundo no coraçao , e neste viyem as paixões entaõ mais con-

concentradas , e por isso mais vigorosas , e mais fortes : o ser o lugar mais apertado naõ nos livra do combate , antes o faz mais arriscado : a vaidade he como o amor , este quando o deixamos , sempre nos fica huma saudade lenta , que insensivelmente nos devora ; porque he hum mal , cuja privaçao se fente como outro mal mayor : ainda depois de passados muitos annos , a lembrança , que ás vezes nos ocorre de hum amor , que parece que acabou , sempre nos vem com sobresalto ; o coraçao nunca fica indiferente ; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido , e como que o reclama . Verdadeiramente perdida a vaidade , é perdido o amor , que nos fica ?



He proprio da vaidade o dar valor a muitas coufas , que o naõ tem , e quasi tudo o que a vaidade estima , he

he vaõ. Que couſa pôde haver, que tenha em ſi menos ſubſtancia do que humas mas certas felicidades, que ponderada a melhor parte dellas, conſiste, ou em palavras, ou em gestos: a denominação de grande, de mayor, e de excellente, e as ſubmiſſões, que indicaõ o respeito, fazem huma parte eſſencial das glórias deste mundo; a primeira naõ conſiste mais do que em palavras; a ſegunda toda ſe compoem de gestos. Que importa á felicidade do homem, que os outros, quando lhe fallaõ, articulem mais hum ſom, que outro, e que nas reverencias que introduzio a lisonja, ſe dobrarem mais, ou menos? A vaidade nos faz crer felices á porporçaõ, que ouvimos esta, ou aquella voz, e que vemos este, ou aquelle culto: a vi- da civil ſe reduz a hum ceremonial compoſto de genuflexões, e de pa- vras.

Só

Só a vaidade sabe dar existencia ás couzas que a naõ tem , e nos faz idolatras de huns nadas , que naõ tem mais corpo , quē o que recebem do nosso modo dē entender , e nos induz a buscarmos esses mesmos nadas , como meyos de nos distinguir ; sendo que nem Deos , nem a natureza nos distinguio nunca. Na ley universal , ninguem ficou isento da dor , nem da tristeza ; todos nascem sujeitos ao mesmo principio , que he a vida , e ao mesmo fim , que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos ; todos sentem o ardor do Sol , e o rigor do frio ; a fome , e a fede , o gosto , e a pena , he commun a tudo aquillo que respita : o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme , e igual , e na ordem com que dispoz a natureza , naõ conheceo exceições , nem privilegios : nunca o homem pô-

de ser mais , nem menos do que homem ; e por mais , que a vaidade lhe esteja suggerindo huns certos attributos , ou certas qualidades , que o fazem parecer mayor , e mais consideravel , que os mais homens , essas mesmas qualidades , ainda sendo verdadeiras , sempre saõ imaginarias ; porque tambem ha verdades fantasticas , e compostas sómente de illusões .



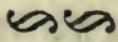
A vaidade he cheya de artificio , e se occupa em tirar da nossa vista , e da nossa comprehensaõ o verdadeiro ser das coisas , para lhe substituir hum falso , e apparente . De que serve a purpura , mais que de encobrir o homem a si mesmo ; e huma figura simplez , commua , e igual em todos , mostralla desfigurada , e outra debaixo de hum véo puramente exterior ? Tudo o que se esconde fica com carácter de mysterio , e por isso com

com veneração, e com respeito: à vaidade foy o primeiro artifice, que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato, e pela singularidade da côr; assim saõ as distincções, que a vaidade nos procura; nenhuma he, nem pôde ser em nós, mas nas coisas que nos cobrem.



Só a vaidade dos Reys he vaidade justa, porque a Providência ja quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras da divindade, e com huma semelhança mais que material, e indiferente; porque a mesma essencia, de que saõ imagens, parece, lhes communica huma porçao da idéa, que representaõ. Por mais que os successos sejaõ regidos pelo acaso, com tudo aos Reys não os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligência, que dá os primeiros, e principaes mo-

vimentos ao Universo. Ainda nos Orbes Celestes vemos alguns corpos , que parece custaraõ mais cuidado ao Author do mundo , pois brilhaõ com luz mais firme , mais intensa , e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens na humanidade , mas differem nas qualidades da alma : a Coroa , que os cinge, naõ só lhes ilustra a cabeça , mas tambem o pensamento : o Sceptro , que indica á magestade , tambem inspira o esforço ; e a grandeza no poder tambem influe extensaõ no espirito ; por isso na arte de reinar naõ ha regras , que possaõ ser sabidas por quem naõ he Rey.



Affim como he justa a vaidade de hum Rey justo , tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o esplendor de hum throno adquirido injustamente naõ cega a attençao de sorte ,
que

que fiquem os olhos sem poder examinarlhe os rayos ; hum lugar taõ sagrado , nem sempre o considerão os homens com immunidade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , naõ só dos louvores , mas tambem da critica ; naõ só das admirações , mas tambem dos reparos ; naõ só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ aversões no odio. As submissões naõ saõ todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoração , nem sempre tributa hum incenso puro , e muitas vezes procede de huma violencia interior , e occulta ; entaõ por mas que as expressões se elevem , sempre a verdade se distingue da exageração ; e por mais que
ojo-

ojoelho sobre , sempre o desprezo
fica inflexivel no conceito.



Nos Principes he virtude , huma
vaidade bem intendida ; e discorre
fantamente hum Rey , quando se des-
vanece da qualidade de ser justo : ha
vicios necessarios em certos homens ,
assim como ha virtudes impropias em
outros. Os soberanos sendo a fonte
da justiça , saõ os que mais injusta-
mente saõ julgados : os mais homens
saõ ouvidos , os Principes naõ ; to-
dos os julgaõ , e ninguem os ouve ;
como se à preheminencia da dignida-
de os fizesse incapazes , ou indignos
da defeza : o julgar por este modo
aos Reys , he sacrilegio , porque à
traiçao he mayor aquella que se diri-
ge á fama , que a que conspira con-
tra a vida ; esta nos Monarcas he
lhes menos importante , que a mé-
moria ; a existencia deve serlhes me-
nos

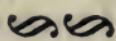
nos preciousa do que a fama : com a vida se acaba o respeito , a grandeza , e o poder , mas naõ acaba a reputaçāo ; o tumulo naõ encobre , nem a ignominia do nome , nem o esclarecido , porque nos Principes nunca acaba , a gloria , nem a infamia : o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reys ; porém por mais que as confunda a morte , a historia as separa , e as divide : a tradiçāo anima essas mesmas cinzas , humas para honra da natureza , outras para horror da posteridade.



A mayor parte das acções dos homens consiste no modo dellas ; o modo com que se propóem , com que se diz , com que se falla , com que se ouve , com que se olha , com que se vê , com que se anda , e em fim todos os mais modos , que saõ inseparaveis

paraveis de qualquer acção, nos daõ a conhecer o que devemos pensar delas : quasi sempre o modo , ou nos obriga , ou nos offend , e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as couſas mesmas. Humas vezes nos engana o modo , porém tambem outras o mesmo modo nos desengana : a imaginaçāo verdadeira , falsa , ou vaidosa , he a que produz os differentes modos , que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar ; de ver , de ouvir , de andar , de preguntar , e de responder , que só nelles he natural ; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o mesmo modo , que vem nos Soberanos ; os mais homens tomaõ o mesmo modo , que vem nos Grandes , e cada hum se irrita de ver hum modo improprio , e sente como hum desprezo o achar hum modo , que não convem a quem usa delle ; o que

que diversifica os modos he a alegria ,
a tristeza , o amor , o odio , o desejo ,
ou a indifferença , e mais que tudo a
vaidade .



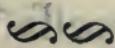
A mayor parte da vida passamos
em buscar a fortuna , e a que vemos
nos outros , he a que nos engana a
nós : porém he feliz o engano , que
nos anima sempre . Que mayor des-
graça que o viver indiferente , e sem
acção ; e que mayor ventura que a
esperança com que a buscamos ! O
conceito , que fazemos de qualquer
bem , sempre excede ao mesmo bem ,
e assim perdemos quando o alcan-
çamos ; de sorte que a fortuna pa-
rece não está tanto em possuilla , co-
mo em desejalla . As fortunas huma-
nas , ou consistem na abundancia ,
ou no poder , ou no respeito : estas
são as maiores fontes donde nasce a
vaidade , e com effeito se ha vaidade

sem fortuna , naõ ha fortuna sem vaidade.



Por nosso mal lá chega a idade ,
em que naõ queremos mais fortunas ,
que o viver ; conhecemos a illusão
dellas , e se as buscamos , he como
por costume , mas sem aancia , e sem
desafocego ; o desejo de as alcançar ,
he como hum resto de calor , que
apenas se faz sentir . Naõ reflectimos
sobre o pouco tempo , que devemos
gozar hum bem , senão depois de o
ter : só entaõ consideramos o muito
que custou a alcançar , e o pouco que
o havemos possuir . Em cada paiz ha
hum modo com que as cousas se ima-
ginaõ ; o que he fortuna em huma
parte , he desgraça em outra , o que
aqui se busca com empenho , alli se
despreza totalmente . Os objectos que
entretem a vaidade , e estimação dos
homens , saõ como idolos , que só se
vene-

veneraõ em lugar determinado , e fóra daquelle tal espaço , a adoraçaõ se troca em vituperio : o mésmo marmore de que em Athenas se faria huma Minerva , transportado a outro lugar , apenas servirá de baze a huma columna ; assim he a vaidade , por mais que seja universal nos homens , os motivos della naõ saõ universaes .



He raro o mal , de que naõ venha a nascer algum bem , nem bem , que naõ produza algum mal : como só o presente he nosso , por isso naõ nos serve de alivio o bem futuro , nem nos inquieta o mal que ainda naõ sentimos ; hum infeliz naõ se persuade , que a sua sorte possa ter mudança ; hum venturoso naõ crê , que possa deixar de o ser : a este a vaidade tira o menor receyo ; á aquelle o abatimento priva de esperança . Se fizermos reflexaõ , havemos de admirar o pou-

co que basta para fazer o nosso bem , ou o nosso mal : de hum instante a outro mudamos da alegria para a tristeza ; e muitas vezes sem outro algum motivo , que o de huma vaidade mais , ou menos satisfeita . Os homens naõ saõ todos igualmente sensíveis ao bem , e ao mal ; a huns penetra mais vivamente a dor , a outros só faz huma impressão ligeira : o bem naõ acha em todos o mesmo gráo de contentamento . Nas almas deve de haver a mesma diferença , que ha nos corpos ; humas mais debeis , e outras mais robustas ; por isto em humas obra mais o sentimento , e acha mais resistencia em outras ; em humas domina a vaidade com imperio , e com furor , em outras só assiste como cousa natural ; naquellas a vaidade he huma paixão com impeto , nestas he hum vicio socegado , e sem desordem .



O en-

O entendimento nos homens , he como a fermosura nas mulheres ; naõ ha desgraça de que hum espelho as naõ console , nem tristeza de que se naõ esqueçāo , vendo-se em estado de inspirar amor : a hum homem infeliz serve de alivio , o considerarse sabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo , para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a diferença he grande : a mulher fermosa , com o tempo conhece que ja o naõ he , o homem entendido nunca alcança que só o foy : a mulher naõ pôde deixar de ver o estrago , que os annos fazem na belleza , o homem naõ penetra a ruina , que o tempo causa ao entendimento ; mas naõ importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvaneça sempre , e que tenha

fim

fim na mulher a vaidade : ninguem adora ao homem por entendido , e á mulher todos á idolatraõ por fermo-
sa. Acabe pois a vaidade na mulher ; porque foy taõ excessiva , e no ho-
mem dure ; porque foy mais mo-
derada.

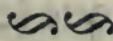
Olhamos para o tempo passado com saudade , para o presente com desprezo ; e para o futuro com espe-
rança : do passado nunca se diz mal ;
do presente continuamente nos quei-
xamos , e sempre appetecemos que
o futuro chegue : o passado parece-
nos que não foy mais do que hum
instante ; o presente apenas o senti-
mos ; e julgamos que o futuro está
ainda mui distante. Para dizermos
bem do tempo , chega necessário que
elle tenha passado , e para que o de-
sejemos he preciso consideralho longe.
A vaidade faznos olhar para o tempo ,
que

que passou , com indifferença ; porque ja nelle fica sem accaõ : faznos ver o presente com desprezo ; porque nunca vive satisfeita ; e faznos contemplar o futuro com esperança , porque sempre se funda no que hade vir ; e assim só estimamos o que ja não temos ; fazemos pouco caso do que possuimos ; e cuidamos no que não sabemos se teremos .

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras ; não porque queiramos mudar de vaidade , mas porque algumas ha , que em certos annos saõ incompativeis , e só tem lugar em outros . A gentileza he a primeira vaidade , que a natureza nos inspira ; vaidade simples , e inocente ainda quando he mentirosa : a natureza quer que nos amemos , por isso faz que nos vejamos dotados de huma forma , ou figura encantadora ; so-

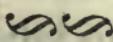
somos Narcisos logo no berço : a nossa imagem apenas acabada de fórmar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisongea , ainda quando ignoramos o artificio do crystal ; e desta sorte himos passando successivamente a vida , entretidos em hum laberyntho de vaidades, até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discurfiva , prudencial, historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo naõ dá juizo a todos, antes o tira , porque o tempo insensivelmente vay destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o naõ sintamos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce,até outro se conserva, e depois sempre vay diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razaõ , e perdemos a razaõ assim que tornamos ao estado da innocencia: huma,

e outra couſa ſão virtudes puras , e excellentes , mas infociaveis. Primeiramente adquirimos a razaõ á cufa da innocencia , e depois alcançamos a innocencia á cufa da razaõ ; naõ fey quando he que perdemos , ou ganhamos. Indiscretamente fazemos vaidade de fermos entendidos : o entendimento parece que nos foy dado por castigo , pois com elle ficamos ſem desculpa para nada, Que mayor mal !



He rara a couſa , em que naõ tenha parte a vaidade. A melma ingratidao , de quem recebe hum beneficio , he effeito da vaidade ; porque ſendo o beneficio huma ſpecie de ſoccorro , ſempre indica superioridade em quem o faz , e necessidade naquelle que o recebe ; por iſſo a lembrança de hum beneficio , humilha , e mortifica a noſſa vaidade , e ſe alguma vez nos

lembra , he porque a natureza se accusa de sentirse ingrata. Muitos por vaidade confessão benefícios , que nunca receberaõ ; he confissão , que os naõ afflige , porque assenta em huma divida supposta : outros tambem por vaidade reconhecem benefícios verdadeiros , e isto porque fazem vaidade de huma divida , que ja julgaõ satisfeita pela confissão.

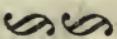


Quando pretendemos hum favor , parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle ; mas he erro , porque apenas o alcançamos , quando logo se forma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer : a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia ; por isso naõ há ingratidão sem odio ; aborreçemos a quem remio a nossa vexação , só porque a ficou conhecendo. Naõ se paga hum be-

beneficio, senão com outro mayor, e quem o não pôde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigaçāo de que nunca podemos estar livres.

A ingratidão não consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em huma averiaõ occulta, que temos à quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sempre he com nosso pezar, e desagrado. Insensivelmente se forma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; este por vaidade affécta o não lembrar-se do beneficio feito, aquelle tem pejo de haverse esquecido delle; hum e outro se retira: a ausencia, ou a ruina daquelle a quem somos obrigados, nunca nos he desagradavel; porque entaõ parece que respira a vaidade, como livre de hum peso insupporta-

vel: naturalmente naõ podemos amar a quem devemos; a dvida leva comigo hum desejo da extinção do seu objecto.



Naõ succede assim nos beneficios, que os Soberanos fazem; quem os recebe, sempre os reconhece; porque a mesma vaidade, que nos faz ser ingratos para com os mais homens, he a que nos faz ser agradecidos para com os Príncipes; e com razão, porque nestes o favor sempre he puro, e generoso, em lugar que nos mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse: nos Príncipes os benefícios nascem de liberalidade, nos mais homens procedem de premeditação, e está fundada communmente na satisfação do que ja devem, ou esperão dever; de sorte que nos Príncipes os benefícios he grandeza, nos mais homens he com-

mercio. O mayor favor he aquelle que se faz sem condiçāo: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuiçāo alguma, porque esta naõ pôde ter lugar de nós para elles; daõ, e naõ esperaõ, por isso as mercês de hum Rey mostraõ a sua inclinaçāo; e naõ a sua intençāo: as graças dos Reys, e as de Deos, só se pagaõ com amor. Como os Principes saõ os melhores avaliadores dos homens, por isso supponmos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver na lembrança dos Reys, ainda que seja por meyo da desgraça: o mesmo decreto, que impoem a pena, suaviza o effeito della, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós: o castigo, que imediatamente vem do Throno, parece que de algum modo nos illustra.

Tu-

Tudo são producções da vaidade , esta até nos faz achar consolação nas mesmas razões do nosso dano ; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda ; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna na nossa mesma ruina. Huma circunstancia leve , e incerta , em que a vaidade se entretenha , basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal , e para desviar do nosso pensamento a mayor parte delle. A virtude maltratada encontra alivio na mesma persecução , porque a vaidade lhe suggerem em si a imagem de hum martyrio : a innocencia opprimida sente menos a afflição , porque se desvanece em considerar-se victima , de que he propriedade o ser innocent; e com effeito a constancia no sofrimento he hum justo motivo de vaidade , porque ainda na fama de hum heróe não ha tanta grandeza , como

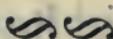
como no silencio de hum homem afflito; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis: hum homem mudo na desgraça parece que força a providencia ao consolar. O merecimento desprezado entra na vangloria de crer, que todos reparão no descuido do premio: hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros, e vay com resolução para o supplicio, a vaidade que lhe anima os passos, consiste na mesma atrocidade do delicto: a mesma pobreza costuma fazer ostentação da miseria. A vaidade he de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissões, e de todos os estados.



Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal: o objecto da vaidade he que huma acção se faça attender, e admirar, seja pelo motivo, ou razão

zaõ que for. Naõ só o que he digno de louvor , he grande ; porque tambem ha couzas grandes pela sua execraçaõ ; he o que basta para a vaidade as seguir , e approvar. A mayor parte das empresas memoraveis , naõ tiveraõ a virtude por origem , o vicio sim ; e nem por isso deixaraõ de attrahir o espanto , e admiraçaõ dos homens. A fama naõ só se compoem do que he justo , e o rayo naõ só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetece o estrondo , sem entrar na discuçaõ da qualidate do estrondo : faz nos obrar mal , se deste mal pôde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos representar nelle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circunstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma dellas he , que a singularidade naõ só se

se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , naõ só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; naõ só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade .



A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro , e feroz ; muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considere-se o punhal cravado em hum coraçao , que ainda palpita , e donde o sangue que sahe , e vay regando a terra , alli se congella em parte , aqui ainda corre fumando , e cheyo de espirito , e calor : finalmente considere-se hum cadaver agonizante , e convulsivo , e donde as feridas humas sobre as outras , apenas mostraõ lugar livre de golpe ; tudo forma hum espectaculo horroroso : o tyranno que he o mesmo

executor da crueldade , por mais que no semblante inculque hum aspecto duro , interiormente se estremece , e se naõ mostra que se afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder : que mais he necessario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso , e proporçaõ da tyrannia? Até nos desvaneçemos da mesma barbaridade , chamamos á compaixaõ fraqueza , e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios , a que a vaidade nos incita ; mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós tem duas vontades sempre oppostas entre si; ao mesmo tempo queremos , e naõ queremos ; ao mesmo tempo condenamos , e approvamos ; ao mesmo tem-

tempo buscamos, e fugimos; amamos, e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e detestar o vicio; mas tambem temos outra prompta para o abraçar; huma vontade nos inclina, a outra arrasta-nos: a vontade dominante, he a que segue o partido da vaidade; por mais que queiramos ser humildes, e que tenhamos vontade de desprezar o fausto, a vontade contraria sempre vence, e se acaso se conforma, a violencia com que o faz, he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia, naõ se lhe resiste com as forças do corpo, com as do espirito sim; a carne naõ he fragil só por hum principio, mas por muitos, e a vaidade naõ he o menor delles.



O aplauso he o idolo da vaidade, por isso as accções heroicas naõ se fazem em segredo, e por meyo del-

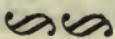
las procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito , que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos , só pela generosidade , nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propoem , que o mundo todo se applica em registar os nossos passos ; para este mundo he que obramos ; por isso ha muita diferença de hum homem , a elle mesmo: posto no retiro he hum homem commum , e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens : porém posto em parte donde o vejaõ , todo he acçaõ , movimento , esforço. Nunca mostramos o que somos , senaõ quando entendemos que ninguem nos vê , e isto porque naõ exercitamos as virtudes pela excellencia dellas , mas pela honra do exercicio , nem deixamos de ser máos por averfaõ ao mal , mas pelo que se segue de o ser. O vicio pratica-se oculto

cultamente , porque cremos que a ignominia só consiste em se saber ; de forte que se somos bons , he por causa dós mais homens , e naõ por nossa causa : haja quem nos assegure , que naõ ha de saberse hum desacerto , e logo nos tem certo , e disposto para elle ; a difficuldade naõ está em persuadir a nossa vontade , mas o nosso receyo. Os aggravos occultos callaõ-se , naõ só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de aggravos ; mas tambem porque a queixa naõ publique o atrevimento da offensa ; a vaidade naõ sente as coufas pelo que saõ , mas pelo que se ha de dizer dellas : mil vinganças ha que se supprimem só pelo perigo de que se naõ perceba o desacato , pela vingança. Quem dissera , que sendo a vaidade , de si mesma huma coufa arrebatada , haja occasiões , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes : ha huma

huma especie de arte em se disfarçar a injuriā , de que naō ha prova ; a mesma vingança leva consigo huma sorte de injuria , porque a confessā : a satisfaçāo publica suppoem publica a offensa , que muitas vezes naō o he , ou ao menos naō he tanto como a satisfaçāo a faz. A paciencia he huma virtude com nota , mas raramente se arrepende quem a tem ; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo ; em hum instante nos precipita a vaidade naquillo que nos vem a servir de tormento toda a vida ; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego, errou ; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a fermosura , e quem nunca a vio como a ha de amar ? No amor ha huma escolha , ou eleiçāo , e quem naō vê , naō distingue , nem ele-

elege; o amor vem por natureza, a vaidade por contagio; o amor busca huma felicidade fysica, e por consequencia material, e visivel; a vaidade busca hum bem de idéa, e fantasia, e por consequencia cego: a estimação dos homens he o objecto mayor da vaidade; objecto vago, e que não tem figura propria em que possa verse. Ha porém na vaidade a diferença, que tudo o que se faz por vaidade, queremos que se veja, que se diga, e que se saiba; entaõ he fortuna a publicidade, se he que nos não parece, que o mundo inteiro não basta para testemunha: daqui vem que hum furor heroico até chega a invocar o Ceo, e a terra, para estarem attentos a huma acção: como tudo se faz pelo estimulo da vaidade, por isso se julga perdida huma façanha, que não tem quem a divulgue; como se hum acto generoso consistisse

se mais em se saber , do que em se obrar. A vaidade , que nos move, naõ he pela substancia da virtude , mas pela gloria della.



No desprezo da vida , he donde a vaidade se mostra altiva , e arrogante. Os clarins , que incitaõ ao combate,naõ saõ vozes,que a natureza intenda, a vaidade sim ; aquella sempre vay com hum passo vacilante , e tremulo ; esta conduz o peito ardente , e furioso : por mais que se encontrem precipicios , e que os olhos só vejaõ fogo , e sangue , nem por isso desmaya o coraçaõ que a vaidade anima. Aquelle a quem o escudo da fortuna cobre , e que marcha resoluto , ja cuida que está vendo os faustos do triunfo : aquelle que prostrado , ja fica agonizando , parece-lhe que expira , ou nos braços da vitoria , ou nos da fama. Que felicidade de morrer !

A

A vaidade tira da morte o semblante pallido, e horroroso, e só a deixa ver ornada de palmas, e troféos.



O valor não he igual em toda a parte; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha emprezas de mais, e de menos vaidade, por isso as ha de menos, e mais valor. A vaidade augmenta, e diminue, á proporção do seu motivo; e dá mesma forte o valor diminue, e augmenta á proporção da sua vaidade. A razaão do esforço, regula-se pela razaão da vaidade; daqui vem, que em hum conflicto grande, os animos se elevaõ, e arrebataõ; porque algumas vezes he questaõ do destino de hum Imperio; em lugar que o ardor he lento, quando só se disputa hum posto ventajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco na fortuna militar; entaõ quer o Soldado

M

distin-

distinguirse com mayor excesso , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rey : aquella he a occasião, em que cada hum dos combatentes vaticina , que o seu nome ha de escreverse nos annaes da historia ; por isso corre a assinalarse em hum dia , que ha de servir de epoca aos seculos vindouros : nenhum entra na peleja indiferente , todos fazem a causa sua ; huns combatem pela gloria do successo , outros pela honra da assistencia ; e a todos parece que o Soberano os vê . O estrepito das armas antes que chegue ao coração , inflamma a vaidade , e esta , que communmente move , entao accende.

Naõ he isto assim na solidão de hum ermo . O mesmo homem , que fez a admiração da guerra , posto em hum bosque he outro . O sussurro de huma

huma fonte , que se despenha , o sobrefalta ; o movimento de huma folha , que cahe , o atemorisa ; o ruido , que o vento faz , o altera ; tudo lhe parece huma emboscada ; na mesma sombra de hum carvalho , se lhe figura hum esquadraõ armado : esta he a diferença , que vay de hum homem com vaidade , ao mesmo homem quando está sem ella ; na campanha domina o espirito de vaidade , no bosque naõ ; por isso o valor sobra na campanha , e no bosque falta ; e com effeito naquellea parte adquire-se a fama , e nesta só se salva a vida ; naquellea consegue-se o applauso , nesta só se busca a liberdade do caminho ; naquellea ha muitos que vejaõ , que digaõ , e que escrevaõ , nesta naõ ha mais do que troncos mudos ; naquellea fazem Corte os Soberanos , nesta só se alvergaõ foragidos ; naquellea todos se mostraõ , nesta todos se ef-

condem ; aquella he hum theátro de accções illustres , esta he hum reducto de accções abominaveis : finalmente alli nasce a nobreza , aqui extingue-se ; alli perde-se a vida com honra , aqui conserva-se a mesma vida com ignominia . Que notaveis differenças ! Em hum lugar tantos motivos de vaidade , e nenhuns em outro : por isso o valor he proprio na campanha , e no érmo he natural a cobardia . O valor falta-lhe à alma , se lhe falta a vaidade , o braço logo fica sem vigor , e sem alento o peito : no perigo em que naõ ha vaidade , a natureza só se lembra do horror da sua ruina .



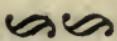
A fugida traz consigo o vituperio , por isso muitos naõ fogem , porque os vem ; e fugiriaõ , se os naõ vissem ; muitos se retiraõ em quanto os naõ conhecem , mas naõ depois de conhecidos ; como se a deshonra naõ

não estivesse na retirada , mas na noticia della : ninguem se quer expôr ; se a vaidade o não expoem ; e ainda que a vaidade não tira o medo , com tudo esconde-o ; e assim vimos a ser destemidos , não só porque a vaidade nos obriga , mas tambem porque nos engana : no meyo do precipicio , não nos deixa ver toda a extensaõ delle , e por mais que seja certo o nosso estrago , sempre a vaidade para animarnos , o mostra como duvidoso ; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade não nos deixa , senão depois que nos entrega á morte , e só a morte que nos acaba , he o que acaba tambem a nossa vaidade.



O facinorofo he timido , porque o crime que envilece , acobarda. A vaidade , que também interiormente accusa , assim como augmenta as forças

ças, donde vê alguma occasião de brio, tambem as debilita; donde encontra huma apparencia de desdouro: no crime o animo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade delle; daqui vem que ha mais resolução no delicto, que não irroga infamia; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe serve de tormento, e o obriga a confessar. As leys conheceraão bem este principio, por isso imaginaraão penas vis; pozeraão distinção no modo de as executar; e sabiamente introduziraão nobreza, até no modo de morrer.



Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda mayor; isto he huma pena permanente, successiva, indelebil; que comprehenda culpados, e inocentes; que induza infecção fatal,

tal, naõ só no sangue dos que estaõ, mas tambem no sangue dos que haõ de vir; e que faça detestavel, naõ só o author do crime, e a sua descendencia, mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que naõ temem o castigo, pelo que este tem de insupportavel, mas pelo que tem de infame; e que o naõ receaõ pelo que toca a si, senaõ pelo que ha de tocar aos seus? A corrupçaõ da natureza, chega nelles a desprezar a sua propria conservaõ, mas naõ a sua reputaõ; desattendem ao seu opprobrio pessoal, mas naõ á aquelle que ha de ficar, e continuar nos que hnõ de vir depois: este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina, que o perder a vida naõ he grande pena; porque esta verdadeiramente naõ afsesta em se perder a vida, mas em a perder anticipadamente; e com ef-
feito

feito naõ he grande o mal, que sempre
he infallivel por outra parte, e que
por ora só consiste na circunstancia
do tempo; isto he, em ser com ante-
cedencia, e ser ja, aquillo que certa-
mente ha de vir a ser daqui á pouco:
por isso o prezo, que se mata, he co-
mo hum prezo que foge; hum, e ou-
tro, illúdio o castigo, porque este
devia consistir na duraçao, e naõ na
extincçao. Daquella sorte ficou impu-
nido o crime? Naõ, porque suppos-
to se auzentasse o delinquente, cá
deixou o nome, e a memoria; e nes-
ta ainda tem lugar a pena; contra el-
la se fulmina a condenaçao de hum
labéo perpetuo: o que acabou com
a fugida, ou com a morte, foy a pe-
na temporal, e por consequencia pe-
na curta, porque acabava com a vi-
da; mas fica subsistindo a pena da-
ign minia, pena quási sem fim, por-
que a tradiçao, e a historia a fazem
re-

renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito, e a estimação dos homens; por isso o desprezo afflige, ainda só considerado em hum cadáver, em huma posteridade, em hum nome; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor, não pelo que he, mas pelo que representa; o criminoso, que de longe a considera, se estremece; por via do pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor, e assim nem por fugir ao castigo, fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso, he susceptivel de afflição, e de prazer, de respeito, e de vituperio; e assim nos persuade, que para as razões da magoa, e do contentamento, a nossa semelhança tem ser, a nossa sombra vida, e a nossa estatua sentimento.



A falta de Religião, e de bons costumes, faz cahir o homem no es-

N

tado

tado total de perversidade , a falta de Religiao consiste em se naõ temer a Deos , a falta de costumes resulta de se naõ temer os homens : e verdadeiramente quem naõ temer a Ley de Deos ; nem as leys dos homens , que principio lhe fica por onde haja de obrar bem ? A nossa natureza propensa para o mal , por isso foy preciso prescreverlhe hum certo modo de viver ; vivemos por regras . No exercicio do mal achamos huma especie de doçura , e de naturalidade , as virtudes practicaõ-se por ensino , o vicio sabe-se , a virtude aprende-se . Miseravel condiçao do homem ! O que devia saber , ignora , e o que devia ignorar , sabe : para o que nos he util necessitamos de estudo , e para o que nos he pernicioso naõ ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento . He necessario que nos esqueçamos do mal ,
que

que ja sabemos , e que nos lembremos do bem , que devemos saber ; huma couisa custa-nos a lembrar , a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte , sem tempo , sem mestre , e sem trabalho ; a virtude naõ vem commummente , senaõ como fruto da experiençia , da meditaçao , dos preceitos , e dos annos : para o vicio naõ necessitamos de conhecer , nem saber nada ; para a virtude he nos preciso conhecer , e saber tudo. Difficulsofa empreza ! Exercitamos o vicio , ficando da mesma sorte que somos ; em lugar que as virtudes , naõ as praticamos , sem que nos mudemos ; toda a vida levamos nestã emenda : feliz o que a consegue ! Hum homem ás avessas feria hum homem perfeito. Para obrarmos bem , naõ temos mais do que consultar a natureza , e fazer o contrario ; se este documento fosse universal , e naõ tivesse alguma , ou

muitas limitações, estava achado o
meyo de abbreviar huma das sciencias
que nos he mais importante; entaõ
cada hum de nós tinha em si o caso,
e a ley; só com a diferença, de que
por obrigaçãõ da mesma ley, se ha-
via de seguir a disposiçãõ, que lhe fos-
se mais contraria; a sua observancia
devia consistir na inobservancia, e a
obediencia na desobediencia: e com
efeito ha muitas cousas, que as naõ
vê quem está no mesmo lugar, mas
sim quem está em lugar opposto; ou-
tras conhecem-se melhor por aquillo
que lhe he desconfórme; e outras, pa-
ra serem vistas como saõ, naõ se haõ
de ver direitamente. Ha muitas par-
tes donde se naõ pôde chegar, se logo
no principio se naõ toma huma der-
rota falsa; e ainda nas verdades ha
algumas, que se naõ pôdem alcançar,
senão pelo caminho do erro; para
acertar tambem he necessario ver pri-
meiro

meiro o desacerto; a qualidade da luz distingui-se melhor pelos effeitos da sombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro nacer o Sol, do que quem inclina a vista no Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós, isto he das nossas paixões, e entre ellas das nossas vaidades, destas porém naõ devemos fugir sempre, porque a vaidade ás vezes he hum vicio, que serve de moderar, ou impedir os outros; e com effeito quem naõ tem vaidade alguma despreza a reputaçāo, e por consequencia a honra: esta constitue huma religiaõ humana, que se naõ pôde desprezar sem crime; por isso o homem de iniquidade he a quem desparou naõ só a virtude da razão, mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade, a substancia naõ; naõ ha de ser o corpo, mas a superficie.

Nos

Nos contratos tem pouca parte a boa fé; as obrigações não bastaõ , e as clausulas, por mais que sejaõ fortes , todas se controvertem , e per- vertem : as condições , por mais que sejaõ claras , escurecem-se ; nunca faltaõ pretextos para duvidar , nem meyos para se fazer questão daquillo , em que a não pôde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida , da duvida na- ce o argumento , do argumento a des- uniaõ ; e desta a dissoluçaõ do con- trato; ou a acção para o desfazer. No principio das nossas convenções nin- guem adverte por onde possa nellas entrar a controversia , depois de cele- bradas em cada ponto se achaõ mil motivos de disputa ; huma virgula de menos , ou de mais , he bastante fun- damento para huma larga discussão . Quando se não pôde negar o ajuste nega-se-lhe o sentido ; e este quando se não pôde mudar , interpreta-se , e vem

vem a ser o mesmo : o que não tem interesse em cumprir o ajuste he , o que descobre nelle as implicancias , e defeitos , que os outros lhe não vem: não ha cousa mais subtil do que a malicia ; à sinceridade he simples , grosseira , e inocente : o engano todo se compoem de arte ; por isso a perspicacia nos homens he qualidade suspeitosa , e que tem menos valor , que o que commummente se lhe dá ; porque senão he final de hum animo dobrado , e infiel , ao menos he prova de que o pôde ser. Quem sabe o como o mal se faz , está muy perto de o fazer ; e quem sabe o como o engano se práctica , tambem não está longe de enganar. A sciencia do engano he ja hum principio delle ; que lhe falta a occasião , e a vontade ? A occasião pôde offerecerse , e a vontade poucas vezes resiste á occasião. Por isso nos contratos he mais peri-

perigosa a fé nos que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou naõ ha conveniencia, ou esta ja passou : queremos affastarnos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta o modo , a resoluçāo naõ. O nosso cuidado todo está em desco-
brir o expediente , e isto em ordem a
mostrar, que se mudamos, he por vicio
do contrato, e naõ por nosso vicio. A
repugnancia voluntaria, queremos fa-
zer passar por necessaria : o violar a
boa fé nunca nos serve de embaraço ,
com tanto que a violaçāo se attribua
a outrem ; e o ser a culpa nossa naõ
importa , com tanto que pareça
alheya ; aquillo em que hontem naõ
havia nada de impossivel , porque era
questaçāo de receber , hoje he todo im-
praticavel , porque he questāo de
dar ; hontem parece que os montes
se reduziaçāo a planicies , hoje as plani-
cies

cies se reduzem a montes. Qualquer couſa he hum obstaculo intratavel : assim devia ser, porque o prometter he facil , o cumprir difficultoso ; para prometter basta a intençao. Quem promette, exercita hum acto de liberdade , por isso pôde haver gosto na promessa ; quem cumpre , ja he por força da obrigaçao , por isso em cumprir ha huma especie de violencia : a ninguem se obriga a que prometta , a que cumpra sim ; no prometter fazemos nós , no cumprir fazem-nos fazer ; em huma couſa nós somos o que obramos , na outra naõ ; para aquella vamos , para esta levaõ-nos ; no tempo de prometter o que vemos , saõ agrados , no tempo de cumprir o que achamos , saõ durezas ; huma couſa nos inclina , a outra offendê-nos ; quando promettemos , ficâmos bem com nosco , porque nunca faltaõ agradecimentos , e lisonjas , e por

O

con-

consequencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal commosco , porque commummente nos arrependemos . Que coufa he o arrependimento , senão huma ira contra si proprio ? Estes saõ os motivos de que nasce a deslealdade nos contratos ; e que poucos se haviaõ de observar , se a vaidade que em tudo nos governa , naõ nos obrigasse a guardar a fé nas nossas convensões ! Estas , quando se cumprem , naõ he por vontade , mas por vaidade ; como o nosso empenho he conservar a estimaçao , e opiniao dos homens , por isso tememos que alguem diga , que mudamos , que faltamos ao ajuste , e á palavra , ou que enganamos : todas estas expressões infamaõ , porque contém hum caracter de reprovaçao universal , trazem o desprezo em consequencia , e se se justificaõ , fazem perder o nome , e o respeito , á maneira de huma procripçao ,

cripçāo , ou anathema civil ; por isso a vaidade se estremece , e nos obriga a ser leaes , por força da nosla mesma vaidade. He justiça rigorosa : de forte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos , contra nós mesmos se revolta , e se dirige : e assim saõ poucas as couzas , que fazemos só pela obrigaçāo , que temos de as fazer ; he necessario que outro mayor motivo nos incite ; o que naõ fazemos pela verdade , fazemos pela vaidade , e desta sorte tudo quanto obramos , he por hum principio vicioso : o bem muitas vezes desce de huma origem má ; a razaõ no homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro ; o licor sempre se contamina com a infecçāo do vaso ; este em nós he a vaidade .

Saõ raras as accções , que sejaõ ilustres por si mesmas ; apenas haverá algumas , que naõ deixem conhecer

cer que vem do homem. As mais das coisas admiraõ-se, porque se naõ conhecem; e juntamente porque nelas ha hum rico yéo, que as cobre: vemos hum exterior brilhante, que muitas vezes serve de esconder hum abysmo horrêndo; a mesma luz arma-se de rayos, para que naõ possa examinarse de donde lhe vem os resplandores: a fermosura em tudo nos attrahe; a nossa admiraçao naõ pôde passar alérm; donde a encontra, ahí fica suspensa, e cega. Isto succede nas acções dos homens; as mais sublimes, parece que nos cegaõ, e suspendem; e talvez seriaõ detestaveis, se lhes naõ ignorassemos as causas. Tudo o que tem ar de grande, prende a nossa imaginaçao de sorte, que naõ fica livre para discorrer na coufa, senão no estado de grandeza em que a vê, e naõ para indagar de donde vejo, nem como vejo. As aguas

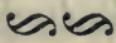
que saltaõ de hum rochedo ; e que correm velozmente para o mar , mantes que lá cheguem , vaõ passando por lugares differentes ; em huns alargao-se , em outros cabem mal ; em huns achaõ fundo , e caminhaõ docemente , em outros só vaõ lavando a branca area ; em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-se ; em huns naõ encontraõ embargo , correm facilmente , e com socego , em outros detem-se , porque passão por penedos desiguaes ; em huns parece que fogem , em outros tambem parece que descangaõ ; em huns vaõ sem rodeyo , em outros retrocedem , e se quebraõ em mil gyros ; aqui vaõ regando a flor do campo , alli vaõ banhando o junco humilde ; aqui correm transparentes , e alli vaõ turvas , e limosas . Estas saõ todas as mudanças por onde passão as aguas de huma fonte , desde que deixaõ o rochedo

do donde nascem, até que entraõ no mar a donde morrem: confundidas hoje ás suas aguas, ja naõ saõ aguas de huma fonte; ja naõ saõ aquellas, que vieraõ de hum rochedo sombrio, e cavernoso, mudado o nome, e o theatro, agora estaõ formando a immensidade do Oceano: ja naõ servem de animar o prado, nem de triste companhia a hum amante solitario; ja naõ servem de espelho ás verdes ramas, nem o seu sussurro serve ja de liquido instrumento ao canto singular das aves; finalmente ja naõ saõ crystaes as suas aguas, saõ ondas. Desta mesma sorte saõ os homens: assim sahem, assim buscaõ, e assim chegaõ ao estado da grandeza; a vaidade, que os leva, e acompanha, logo lhes tira da memoria o lugar de que vieraõ, e os que andaraõ, e só lhes mostra aquelle a donde estaõ: ha muitas coulas que

que naõ queremos , ou naõ podemos ver nem na sua origem , nem no seu progresso ; a excellencia do fim nos occupa inteiramente , e impede , que vejamos a fatalidade , ou indignidade dos seus meyos; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de atençāo , e de respeito , a fortuna naõ escolhe os homens , favorece ao primeiro que encontra , porque todos para a fortuna saõ iguaes , e valem o mesmo ; por isso o imperio do destino he absoluto , sem regras , nem preceitos ; a vaidade nos insinúa , que todos os meyos ; e caminhos saõ bons , quando se alcança : a gloria do successo regula-se pela qualidade da vitoria , e naõ pela qualidade do vencedor ; importa menos saber , quem he o que venceo , ou como venceo , do que saber sómente quem venceo : os homens só na razaõ de homens tem igual direito huns para subirem , e outros

tos para descerem; o merecimento só se peza naquelles que cahem, e não nos que sobem. Os caminhos examina-se aquelles por onde se não chegou, e os meyos são desapprovados, quando por elles se não conseguiu; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados; a desgraça não he assim, porque os deixa duvidosos, e sujeitos ao exame: as acções, que conduziraõ a algum fim grande, ainda que injusto, são menos aborrecidas; e isto á imitação da luz, que introduz a claridade na mesma escuridaõ das trévas. Na parte em que dominava algum usurpador, para elle hei que se olha, e não para a usurpação; vê-se a altura do trono, e não se vê os degráos por onde se subio á elle; os meyos por mais que sejaõ horrorosos, não se consideraõ, porque são como degráos, que se passaõ; o ponto hei que o fim seja feliz.

liz. Se a vaidade fosse huma virtude , só nos havia de inspirar meyos virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , naõ faz horror a quem necessita da traíçaõ , da tyrannia , e da crudelidade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a fortuna parece que se irrita de que a naõ busquem por todos , e quaesquer modos : naõ ha coufa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.



A ambiçaõ dos homens por huma parte , e pela outra a vaidade , tem feito da terra hum espectaculo de sangue : a mesma terra , qne foy feita para todos , quizeraõ alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres , os Cesares , e outros mais conquistadores ; heroes naõ por principio de virtude , ou de justiça , mas por hum ex-

excesso de fortuna , dē ambiçāo , e de vaidade. Esseſ mesmos , que toma-dos por ſi ſós cabiaõ em hum breve espaço , medidos pelas suas vaidades, apenas cabiaõ em todo o mundo : que mais podia excogitar a vaidade , do que fazer que alguns fe lamentassem de fer o mundo eſtreito , e limitado ! Ja llhes parecia que o tinhaõ todo de- baixo do seu poder ; que tudo estava ja ſujeito , e que ainda assim era cur- to imperio todo o circuito da terra , e toda a vastidaõ do mar. Aquella vaidosa infelicidade de que fe lamentavaõ , conſiftia em naõ haver mais mundos que pudeſſem invadir , de- vastar , vencer ; era desgraça nelles o naõ poderem fazer mais desgraça- dos. Huma conquista injusta ſempre começoſ pela oppreſſaõ dos homens conquisdados , e pelo deſtroço de hu- ma terra alheya , por iſſo as façanhas que ſó tem por principio a vaidade do

do valor , reputaõ-se grandes á proporçaõ da impiedade, com que o mesmo valor as executa; fazem-se famosas pela mesma impiedade:daqui vem que nos annaes da Historia , a parte que se admira mais , e que mais se imprime na lembrança , he aquella em que a narraçaõ se compoem de successos mais crueis; e em que os campos , que foraõ de batalha , cubertos ainda hoje de esqueletos informes , e partidos , conservaõ certo horror ; esses campos fataes, em que se observaõ espectros , de baixo da vistaõ de humas luzes volateis , e em que se ouvem ainda hoje , entre o rouco som de caixas , e trombetas , vozes mal articuladas , alaridos confusos , e lamentos tristes ; esses campos , que depois de muitos seculos , ainda trazem á memoria representações funestas , e em que as plantas , parece nascem com medo , e que o humor , que rece-

bem da terra , he sensitivo ; esses campos finalmente forão os mesmos , em que a vaidade vencedora , arrancou os louros para coroar as suas emprezas. Que monstro inspiraria a regra de medirse a gloria dos combatentes , menos pela consequencia delles , que pelo estrago ; menos pela utilidade , que pela ruina ; menos pela fortuna dē huns , que pela desgraça de outros ? Quanto mayores saõ os ays , os gemidos , e os clamores , tanto mayor he a accaõ , e a yaidade de quem os move. Que imaginação barbara , e feroz , seria a que ideou no vencimento o ser superior aquelle , de que resulta huma desolação universal ? O ser causa de que o mundo tome outra figura , outra ordem , outro movimento ; o ver perturbadas as gentes , cheyas de afflição ; e espanto ; o achar todos os caminhos humedecidos com lagrimas , rubricados

cados com sangue , e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonizantes ; o ouvir no ar em eccos entrecadentes huma multidaõ de soluções , e suspiros ; o abater imperios , e fazer delles desertos solitarios ; tudo fórmâ hum objecto agradavel , pomposo , e illustre , em que a vaidade se inflamma , se estende , e ensoberbece . A vaidade de hum entusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força , que a Providencia repartio por muitos ; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana .



Nascem os homens iguaes ; hum mesmo , e igual principio os anima , os conserva , e tambem os debilita , e acaba . Somos organisados pela mesma fórmâ , e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões , e ás mesmas vaidades . Para todos nasce o

Sol ;

Sol ; a Aurora a todos desperta para o trabalho ; o silencio da noite , annuncia a todos o descânço. O tempo que insensivelmente corre , e se distribue em annos , mezes , e horas , para todos se compoem do mesmo numero de instantes. Essa transparente regiaõ a todos abraça ; todos achaõ nos elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se communicaõ. O mundo naõ foy feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso dele todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituiçaõ ; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleyo de vaidades , e hum gyro succelsivo

sivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão, e o amor? Ainda ninguem nasceu com a propriedade de insensível; a vida não pôde subsistir; sem estar subordinada ás impressões do gosto, e do sentimento. Todos nascemos para chorar, e para rir; a circunstância de chorar mais, ou menos, resulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appetece, ja se expoem aos delírios do riso, e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer ainda só por si, he huma especie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegaõ primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, ja nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheyos de alegria: somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem,

verem, não he necessario que estejaõ em nós; basta que os vejamos de lonje; a nossa sensibilidade tem maior força na nostra mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se receya, não pôde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão mayor; em lugar, que o mal que ja se sente, pôde consolar-se, porque entâo se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginâmos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguém; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, ja saõ nossas; e quando a causa se apresenta, ja temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que há falta naquillo que vimos a conseguir; as cousas, quando chegaõ, ja nos

nos achaõ faciados ; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa , e mais duravel , mais forte , e mais continua ; daqui procede o ser tão deleitavel a esperança , porque he huma especie de possessaõ daquelle que se espera . Quem imágina o que deseja , tudo pinta com cores lisonjeiras , e más vivas ; por isso a verdade he grosseira , e mal polida , tudo o que descobre , he sem adorno ; antes faz desvanecer aquella ap- parencia feliz , com que os objectos primeiro se deixaõ ver na idéa , do que se mostrem na realidade . Todas estas propensões , e inclinações se encontraõ em cada hum de nós ; e assim devia ser , porque as variações do tempo , da idade , da fortuna , e dos successos , a todos comprehende , e a todos iguala ; só a vaidade a todos distingue , e em todos poem hum final de diferença , e hum cará-

Q

cter

eter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual; que ha diferença no que he o mesmo; e que ha diversidade donde a naõ pôde haver: mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos saõ huns, e que os naõ ha de diferente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, naõ havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso timido,

e co-

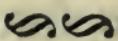
e cobarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que se vestem ; como se o habito infundisse huma nova natureza : verdadeiramente naõ he o homem o que muda , muda-se o effeito que faz em nós a indicaõ do habito. De baixo de hum apresto militar , concebemos hum guerreiro valeroſo ; de baixo de huma vѣſtidura negra , e talar , o que se nos figura , he hum Jurisconsulto rigido , e inflexivel ; de baixo de hum semblante descarnado , e macilento , o que descobrimos , he hum austero Anachoreta. O homem naõ vem ao mundo mostrar o que he , mas o que parece ; naõ vem feito , vem fazerſe ; finalmente naõ vem ser homem , vem ser hum homem graduado , illustrado , inspirado ; de sorte que os attributos , com que a vaidade veste ao homem , ſão ſubstituidos no lugar do mesmo homem ; e este fica ſendo como hum accidente fu-

Q ii perfí-

perficial, e estranho: a máscara, que encobre, fica identificada, e consubstancial á causa encuberta; o véo que esconde, fica unido intimamente á causa escondida; e assim naõ olhamos para o homem; olhamos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarnição he a que faz o homem, e a este homem de fóra he a quem se dirigem os respeitos; e atenções; ao de dentro naõ; este despreza-se como huma causa commûa, vulgar, e unifórmel em todos. A vaidade, e a fortuna saõ as que governaõ a farça desta vida; cada huma se poém no theátro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade opoem; ninguem escolhe o papel; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que sahe sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica, que he sujeito á dor, á afflictião, e á miseria, esse he o que representa o papel de homem. A morte

morte que está de sentinella , em huma maõ tem o relogio do tempo , na outra tem a fouçé fatal , e com esta de hum golpe certo , e inevitavel , dá fim á tragedia , corre a cortina , e desapparece : a fortuna , e a vaidade , que vem desbaratada á sce-na , cahidas por terra as apparencias , prostrados os actores , emmudecido o coro , trocados os clarins em flau-tas tristes , os hymnos em trenos , os canticos em elegias , e em epitafios os emblemas ; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos , os gyra-foes em desmayadas affucenás , entre-laçados os louros no cypreste , os cajados confundidos com os cetros , e com burel a purpura ; a vaidade pois , e a fortuna , que em menos de hum instante virão desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte , precipitadamente fogem , e deixão hum lugar cheyo de horror , e som-

e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.



A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das cousas na sua simplicidade natural. Os elementos não são em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser proporcionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio; no vicio tambem se podem encontrar alguns rayos de virtude; incapazes de hum ser constante, e solido, apenas se pôde dar em nós virtude sem mancha, ou perfeito vicio: a justiça tambem se compoem de iniquidade semelhante á armonia, que

que naõ pôde subsistir sem dissonancia , antes com correspondencia certa , a dissonancia he huma parte da armonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver , isto he, confusamente , e por isso quasi sempre as vemos como ellas naõ saõ. As paixões formaõ dentro de nós hum intrincado laberyntho , e neste se perde o verdadeiro ser das couisas , porque cada huma dellas se apropria á natureza das paixões por onde passa. Tomamos por substancia , e entidade , o que naõ he mais do que hum costume de ver , de ouvir , e de entender ; a vaidade , que de todas as paixões he a mais forte , a todas arrasta , e dá ao nosso conceito a fórmā , que lhe parece : o entendimento he como huma estampa , que se deixa figurar , e que facilmente recebe a figura , que se lhe imprime. A vaidade propoem , e decide logo , de forte que quando as cou-

cousas chegaõ ao entendimento já este está vencido ; o que faz he aprovar a preocupação anterior , que a vaidade lhe introduz , e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade , e só para a defender , e authorisar , e naõ para aconselhar . O discorrer com liberdade , suppoem huma exclusão de todas as paixões ; que os homens se possaõ isentar de algumas , pôde ser , mas que de todas fique isento ao mesmo tempo , he muy difficultil . Tudo quanto vemos , he como por huma interposta nuvem ; o que imaginamos , tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes , incertos , re duvidosos ; e quando nos parece que a nossa vista rompeõ a nuvem , e que o nosso discurso desfez o embaraço , entao he que estamos cegos , e entao he que erramos mais . A vaidade nos temem

hum continuo movimento , e como
he paixaõ dominante em nós, a todas
as mais sujeita , e prevalece á todas :
semelhante ao impulso das ondas , a
que naõ resiste o fragil de huma náo ,
quando o mar embravecido á faz
correr com a tormenta ; o navegan-
te parece que busca o perigo , por-
que naõ se oppoem á corrente das
aguas , antes as segue , e só assim
escapa o naufragio. Quantas vezes
o buscar o precipicio he o unico
meyo de o evitar ! A vaidade he a
tormenta , ou o mar tempestuoso
qué nos move ; o deixar de a seguir ,
nem sempre pôde ser , nem he acer-
tado sempre ; porque a vaidade he
hum mal commum , e entre os ho-
mens he culpa o naõ participar de
hum contagio universal ; he crime o
conservarse puro no meyo da impur-
eza : essas mesmas aguas nos ensi-
naõ ; todas se movem ; o furor , com

R

que

que se quebraõ , as conserva ; o seu repouso feria o mesmo que a sua corrupçāo .

Em nada podemos estar firmes ,
pois vivemos no meyo de mil revolu-
ções diversas : as idades , e a fortu-
na continuamente combatem a nossa
constancia ; tudo consiste em repre-
sentaçāo que começa , naõ para exis-
tir , mas para acabar ; menos para
ser , que para ter sido . Vimos ao
mundo a mostrarnos , e a fazer par-
te da diversidade delle ; as cousas
parece que nos vaõ fugindo , até que
nós vimos a desapparecer tambem .
Somos formados de inclinaçōes op-
postas entre si , e temos em nós hu-
ma propensaõ occulta , que sobre a
apparencia de buscar os objectos , só
procura nelles a mudança . A incons-
tancia nos serve de alivio , e desoppri-
me , porque a firmeza he como hum
pezo ,

pezo , que naõ podemos supportar sempre , por mais que seja leve : e com effeito como pódem as nossas idéas serem fixas , e sempre as mesmas ; se nós sempre vamos fendo outros ? Tudo nos he dado por húm certo tempo ; em breves dias , e em breves horas se desvanece a razaõ da novidade , que nos fazia appetecer ; fica invisivel aquelle agrado , que nos tinha induzido para desejar . Quan-
tas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que ás lu-
zes do dia ; naõ por vicio do dese-
jo , mas porque naõ temos forças para supportar o bem , nem para conservar o mal ? Tudo nos cança : naõ só nos he preciso constancia pa-
ra soffrer ; tambem necessitamos pa-
ciencia para gozar ; a mesma delicia nos importuna . Perdemos as cou-
sas , primeiro pela nossa indifferen-
ça , que pelo fim dellas ; primeiro

R ii por-

porque se acaba em nós o gosto, do que nellas à duração; unicamente sentiveis quando começamos a ver, ou a alcançar; então gozamos; depois só possuimos. Os objectos depois de vistos muitas vezes, ficam como diferentes da primeira vez que os vimos; perdemos todo o nosso reparo, e attenção: os olhos facilmente se esquecem do que sempre vem; naó porque o costume nos tire a admiração; mas porque a fraquezza dos nossos sentidos a naó pôde conservar. Oh quam diversos saõ em si os principios de que se compoem o homem; primeiramente terra, e ultimamente tracional! Começa a melhorarse desde a sua primeira origem, até que vem a tornar á aquilhão que procedeo. Infeliz metamorphosis! Tudo o que nasce hé para naó ser firme, nem constante: a terra apenas alenta as suas produções,

quando logo as deixa , e desanima ;
o mesmo firmamento , com gyro rá-
pidó , esconde pela tarde os Astros
que amanheceraõ com a Aurora . Só
a vaidade he constante em nós ; em
tudo o mais a firmeza nos molesta :
com o tempo , e a razão evimos a
pérder huma grande parte da sensibi-
lidade no exercicio das paixões ; po-
rém o exercicio da vaidade não se
perde com a razão , nem com o
tempo . O nosso gosto debilita -se ,
altera -se , muda -se , e também se aca-
ba ; a vaidade sempre persiste , e du-
ra : isto deve ser , porque os nossos
sentidos usaõ -se ; a vaidade não : na-
quelles o costume os enfraquece ;
nesta o costume aumenta ; e aviva . A jurisdicçāo dos sentidos he mu-
ito limitada ; porque os olhos só vem ,
os ouvidos só ouvem , e o tacto só
sente ; e para haver ainda menos fir-
meza nos sentidos , este quasi sem-
pre

pre estaõ enfermos ; e naõ pôde ha-
ver constancia , donde pôde haver en-
fermidade , de sorte que a inconstan-
cia naõ he mais do que enfermidade
dos sentidos . As nossas acções de-
pendem mais da constituição do nos-
so corpo , que da estabilidade da
nossa vontade ; o estado do nosso
animo depende da nossa disposi-
ção ; por isso a inconstancia he na-
tural , porque logo que nascemos ,
entramos em hum estado continuo
de mudar . O tempo naõ conta a
nossa idade pelos annos , mas sim
pelos instantes , e cada instante de
mais tambem he de mais em nós hu-
ma mudança . Caminhamos com
pressa ; e com gosto para o fim ; se-
melhantes aos rios , que apressada-
mente correm para o mar , donde
perdem a docura , e acabão . Naõ
ha imagem mais propria da vaidade
humana , do que esses mesmos rios ;
nem

nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem todos trazem do monte Olympo a origem ; nem todos correm por entre flores , por entre platanos , e cedros ; nem todos trazem ouro nas aréas , porque nem todos vem de donde vemo Tejo ; huns assim que nascem , logo formaõ hum diluvio de agua , innundaõ a campanha , e com violencia , e pezo , tudo abatem , forçaõ , levaõ ; o leito que os sustenta , em partes se abre , se rompe , e se desfaz . Outros rios mais pequenos no principio , depois se fazem caudalosos , no caminho engrossaõ com emprestadas aguas , que recebem : huns correm por cima de esmeraldas , outros naõ tem no fundo mais do que humildes conchas , pardos seixos , verdes limos ; huns nascem entre crystaes claros ; outros entre rocha escura ; huns passaõ escumando , e com estron-

estrondo, outros só murmurão; huns achaão campo largo, em que as águas se dilataão, e em que o Sol se vê, outros correm prezos, e opprimidos por entre serras agrestres, e sombrias; huns tem alto o nascimento, porque este he no cumé de altos montes, por isso ainda quando descem passaão com estrepito, e furor; outros tem o mesmo nascimento baixo, porque este he na parte mais remota de hum valle inferior, por isso correm mansamente, e sem ruído, só se deixão ver, e não se ouvem; finalmente huns saão frios com excesso, outros tem calor; huns servem de remedio, outros de mal; de huns sabe-se o principio, de outros não; huns tem nome famoso nos annaes da historia, outros apenas se conhecem. Todas estas diferenças, encontrão-se nos rios; huns pequenos, outros grandes; huns elevados, outros abatidos.

dos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna , e vaidade. Mas que importa , a differençā dos lugares , naõ faz que as aguas sejaõ differentes : que humas naſçaõ nos montes , e outras nos valles ; que humas venhaõ das nuvens , e outras da terra ; que humas corraõ claras , e outras turvas , nada disso faz nas aguas diversidade alguma ; todas saõ as mesmas na razão de aguas ; o que succede he passarem por lugares differentes ; a natureza , o principio , e o fim he o mesmo ; todas vem do mar , e tornaõ para o mar ; o serem as aguas muitas , de sorte que cheguem a formar hum rio , ou serem poucas , de sorte que só fórmem huma fonte , naõ introduz nellas differençā. Quem ha de dizer , que muitos homens juntos na razaõ de homens , sejaõ differentes daquelleas que estaõ sós ? O mar he o centro de donde

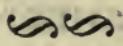
as aguas sahem , e para donde tornaõ ; os meatos da terra em humas partes saõ estreitos , e em outras largos ; daqui vem que quando as aguas chegaõ á superficie do globo , succede sahirem com mais , ou menos abundancia , e assim naõ differem os rios das fontes , senaõ no diametro do canal , e em este se terminar em algum monte , ou algum valle ; e nesta forma , de que se desvanecem esses rios ! Será de passarem por caminhos mais , ou menos largos ? De se juntarem huns com outros , e fazerem mais volume ? De encontrarem diamantes ? Ou de acharem hum campo mais , ou menos dilatado ? Nada disso he seu . Que lustre pôde resultar do encontro de huma coufa aleya , disticta , separada , e estranha ? As aguas passaõ como saõ , e por passarem por rubins , naõ se convertem nelles ; nem se dignificaõ pela

la qualidade do caminho: o corre-rem mais juntas, naõ lhes muda a natureza; a substancia de huma pin-ga de agua, he a mesma que a de huma rio inteiro; o tamanho he cir-eunstancia exterior, e independen-te. Na creaçao do mundo naõ hou-ve nas aguas diferença, só houve divisaõ; a diversidade só foy no nome, e no lugar, mas naõ na mate-ria original: o Espírito vivificante, e eterno, em todas infundio hum movimento proprio, circular, fe-cundo, e sujeito ás leys do pezo, e do equilibrio. Ha pois nas aguas o mesmo nascimento em todas, a mes-sma propriedade, e o mesmo fim. As-sim saõ os homens; no seu genero, tem com as aguas hum parallello, ou figura igual. Nem todos nascem na abundancia; nem a todos a fortuna lisonjea; huns parece que nascem para o descanço, outros para o tra-S ii balho,

balho ; huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulencia , outros para a miseria ; huns para o respeito , outros para o desprezo ; huns para a memoria , outros para o esquecimento , huns para a bonança , outros para a tormenta ; huns para venturas , outros para desgraças ; huns para as attenções , outros para os descuidos ; a huns vemos subir , a outros descer. Mas que importa que no exterior do homem ha ja tanta diferença , se no seu interior não ha nenhuma ? Que importa que sejaõ diversos os lugares , se nos sujeitos não ha diversidade ? Quem ha de haver que diga , que o homem que está posto no elevado de huma torre , seja mais homem , que aquele que está posto em campo razo ? O homem muda de lugar , mas não muda o ser de homem ; em toda a parte he o mesmo , e em nenhuma he mais , nem

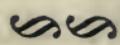
nem menos ; pôde parecer mayor , mas ser , naõ. O Sol no meyo dia brilha mais , naõ porque deixe de ser o mesmo , nem porque entaõ tenha mais luz , mas porque esta faz mais effeito em hum lugar , que em outro ; no Occaso , e no Oriente he o mesmo Sol , e a mesma luz , mas naõ parece o mesmo . Assim saõ os homens ; em qualquer parte que os ponhaõ , todos saõ iguaes , e uniformes ; a diferença , que ha entre elles , naõ tem outro fundamento , que o que vem da preoccupaçao , e do conceito ; saõ duas couisas , e ambas vaãs , porque nenhuma tem realidade . A fortuna pôde armar o homem com jeroglificos , e adornos figurados , mas naõ o pôde armar senaõ por fóra ; quem levantar as roupas , ha de ver o engano , e a supposiçao , e naõ ha de achar mais do que hum homem como os outros , cujo ornato he de pura

pura fantasia , arbitrarria , artificial , e separavel ; a fortuna pôde vestir , naõ pôde formar ; sabe fingir , mas naõ sabe fazer . O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario , medavel , de instituiçāo nacional , e variante . O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade , e da lisonja , primeiro que exhale o seu perfume , arde , e no ar se extingue , e se consome . Tudo o que nos recreya , e nos attrahe , he exhalacāo , e fumo ; por isso o emprego da vaidade todo cōsiste em dar substancia ás vozes , entidade ao modo , e corpo ao vento .



A vaidade satisfeita , ou offendida , he a que nos faz buscar a solidacāo , e o retiro ; como temerosos de perder a tristeza , em que achamos hum agrado de genero diverso . Ha muitos males , em que a vaidade parece

ce se deleita; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes nos soçobra; naõ só o excesso, mas ainda a mediocridade della; porque nunca a gozamos sem alguma perturbaçao: hum receyo insensiyel de a perdermos, baſta para opprimirnos, e por mais que o contentamento nos extasie, nunca nos deixá em estado de naõ sentir. A vaidade satisfeita naõ nos entrega á alegria, sem primeiro a temperar, com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza. A uniao do gosto com o pezar naõ he incompativel, por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humildade muitas vezes se encontrao, se unem, e se conservaõ.



A mais pura alegria he aquella que gozamos no tempo da innocencia;

cia; estado venturoso, em que nada distinguimos por discurso, mas por instinto; e em que nada considera a razão, mas sim a natureza. Então circula veloz o nosso sangue, e os humores que em hum mundo novo, e resumido, apenas tem tomado os seus primeiros movimentos, os humores são os que produzem as nossas alegrias; e com effeito não ha alegria sem grande movimento; por isso vemos, que a tristeza nos abate, e a alegria nos move: o socego ainda que indica contentamento, com tudo mais he representaçāo da morte que da vida; e a tranquilidade pôde dar descanso, porém alegria não a dá sempre. Mas como pôde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos, se ainda então a vaidade não domina em nós? Então só sentimos o bem, e o mal, que resulta da dor, ou do prazer; depois tambem sentimos

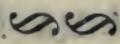
mos o mal , e o bem da opinião ; isto
he da vaidade : por isso muitas coisas
nos alegraõ , que tomadas em si mes-
mas , não tem mais bem , que aquél-
le com que a vaidade as considera ;
e outras tambem nos entristecem ;
que tomadas só por si ; não tem ou-
tro mal , que aquelle que a mesma vai-
dade lhes suppoem . A vaidade natu-
raliza em nós as opiniões do mundo ;
e de tal sorte , que o conceito , que
formamos das coisas , por mais que
nos seja indiferente ; ou incerto ,
sempre faz em nós huma verdadeira
impressão de alegria , ou de tristeza .
Tudo o que sabemos , he como por
tradição ; porque sucessivamente hi-
mos deixando huns aos outros as in-
telligencias , em que se fundão as nos-
sas vaidades , e ás himos passando
como de mão em mão ; assim que rece-
bemos dos que ja vieraõ , iellas mes-
mas hâyemos de deixar aos que hão-

T

de

de vir; he huma herança, que se distribue igualmente a todos, e que todos largaõ, e entregaõ na mcsma fórmā que recebēm; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegítimos, e suppostos, porque lhes falta a authoridade do tempo, que as devia authenticar. Tudo envelhece no mundo; e a velhice em tudo imprime huim carácter veneravel; a antiguidade ennobrece as vaidades, e opiniões, e destas as modernas saõ menos singulares, porque tem a desgraça de começar: daqui vem que naõ temos alegria, senaõ em quanto naõ temos vaidade, e naõ temos vaidade, senaõ em quanto naõ temos sciencia della. A entraida da vida he innocentē, por isso entaõ he pura a alegria; a continuaçāo da mesma vida he vaidoza, por isso a alegria entaõ he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as cousas co-
mo

mo ellas saõ , depois vêmolas , como os homens querem , que ellas se-jaõ ; em hum tempo a alegria só de-pende de nós : depois tambem de-pende dos outros ; naquelle a alegria vem de huma natureza ainda igno-rante , e sem vaidade ; depois proce-de de huma natureza ja instruida , e por consequencia vaidosa . Que cou-sa he a sciencia humana , senão hu-ma humana vaidade ? Quem nos de-ra , que assim como ha arte para sa-ber , a houvesse tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tam-bem , que nos ensinasse a esquecer .



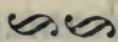
Somos compostos de huma infi-nidade de paixões diversas , e entre ellas a alegria , e a tristeza saõ as que se manifestaõ mais ; e as que saõ mais difficeis de occultar : o semblan-te reveste-se do estado do nosso ani-

T ii

mo :

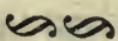
mo , e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima , ou se mostra prostrada , e sem acção , ou cheya de huma justa desordem , e de alento ; se se vê afflita , nos desempara , e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos ; contente , procura aparecer , e se faz visivel debaixo da fórmā do nosso riso .. Isto mesmo succede á vaidade ; naõ se pôde esconder ; por mais que tome a figura de húmildade , de submissaō , e de reverencia ; a mesma vaidade quando está contente , logo se descobre , e se deixa ver debaixo de hum ar altivo , e arrogante ; se está menos satisfeita , entaō hé que toma hum ar de devação , e desengano : com tudo a hypocrisia da vaidade pôde durar muito ; porque como os homens de tudo se intumecem , em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial ; por isso naõ só ha vaidade na alegria , mas

mas tambem na tristeza : o homem não só se desvanece da fortuna , mas tambem da desgraça ; de sorte que a vaidade he o mesmo que huma confolaçao universal.



A fortuna nos dispoem para a alegria , mas não he só o que a causa ; a desgraça conduz para a tristeza , porém não he só , o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porçoão de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgraça não a produz , só a desperta . Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixões , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá . Estamos no mundo para ser alvos

alvos do tempó ; e deste todas as mudanças naõ se dirigem a nós ; dirigem-se á nossa vaidade : os successos fazem effeito em nós , porque primeiro o fazem na nossa vaidade ; de sorte que hum homem sem vaidade feria o mesmo que hum homēm insensivel ; o prazer , e o desgosto , que naõ vem das primeiras leys da natureza , saõ vãos em si mesmos , de instituiçāo politica , e unicamente criaturas da vaidade.



As virtudes humanas muitas vezes se compoem de melancolia , e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão ; he temperamento o que chamamos desengano ; e he enferniidade o que nos parece virtude. Tudo saõ effei-
tos da tristeza ; iesta nos obriga a seguir os partidos mais violentos , e mais duros ; raras vezes nos faz reflectir

flectir sobre o passado ; quasi sempre nos' occupa em considerar futuros ; por isso nos infunde temor , e cobardia , na incerteza de acontecimentos felices , ou infaustos ; e verdadeiramente a alegria nos governa em forma , que seguimos como por força os movimentos della ; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso ; hum coraçao triste encobre mal o seu desgosto : como ha de chorar quem está contente ? E como ha de rir quem está triste ? Se alguma vez se chora donde só se deve rir , ou se ri por aquillo porque se deve chorar , a alma entaõ penetrada de dor , ou de prazer , desmente aquelle exterior fingido , e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor , e esta em prazer , a alegria em tristeza , e esta em contentamento ; por isso as feridas não se sentem , antes lisonjeaõ , quando forão

foraõ alcançadas no ardor de huma
peleja, esclarecida pelas circunstan-
cias da victoria; as cicatrizes por
mais que cauzem [deformidade enor-
me, não entristecem, antes alegraõ,
porquê servem de prova, e instru-
mento visivel, por onde a cada ins-
tante, e sem pálavras, o valor se
justifica; saõ como huma prova mu-
da, que todos entendem, e que todos
vem com admiraçao, e com respei-
to; a tristeza, que devia resultar da
fealdade, confunde-se, perde-se, e se
muda em alegria, por meyo das ac-
clamações do applauso; a dor do
golpe tambem se converte em gosto,
por meyo do remedio, e sympathia
do louvor; este attrahella si toda a
nossa sensibilidade, e deixa a nature-
za como insensivel, absorta, e indo-
lente: assim se vê que la vaidade nos
livra de huma dor como por encan-
to; por isso nos he util, pois serve
de

de acalmar os nossos males; e se os
agrava alguma vez , he como a
mao do artista , que faz doer para
curar : e com effeito a vaidade naõ
persiste muito em fazer sensivel a ra-
zaõ que nos molesta ; na mesma inju-
ria do desprezo sabe descobrir algum
motivo , que ou diminue a pena , ou
totalmente a tira ; lá vay a buscar a
Religiao para fazer da paciencia o
mayor merecimento ; outras vezes
faz que achemos nos exemplos hum
alivio constante ; e que o mesmo vi-
tuperio , visto em sujeitos grandes ,
naõ só desfarça o nosso pela imita-
çao , mas que tambem o authorize ,
e illustre pela razao da semelhança .
A vaidade naõ consente , que a noſſa
presumpçao fique abatida , antes pa-
ra a conservar , lembra mil interpre-
tações , e applicações forçadas ; da-
qui vem o excogitar a vaidade a re-
gra , de que hum dos privilegios da

grandeza, he ser superior ás maximas do vulgo, e que nella o delcredito naõ desacredita, a deshonra naõ deshonra, e a infamia naõ infama. A vaidade da grandeza parece que he mais subtil, e mais vaã do que as outras vaidades, pois introduz o poder, e a authoridade, até no modo de pensar. Mas que importa, que a vaidade estabeleça regras, se estas sempre ficaõ dependentes da approvaçao dos homens; e se estes naõ sa-bem sujeitar os seus conceitos, se naõ á aquillo que he comum, que toca á todos, e que a todos comprehende? Por isso assim como em todos pôde ter lugar a causa da ignominia, tambem sem todos pôde ter lugar o effeito della. A vaidade pôde enganar a cada hum, pelo que respeitava si, mas naõ pôde enganar a todos, pelo que respeita a cada hum. Contra a imaginaçao naõ ha poder,

contra as acções, sim; o pensamento em quanto naõ sahe da sua esfera, tem húma liberdade inteira, impenetravel, e muitas vezes invencivel. Creya pois a grandeza o que quizer de si, porque tambem nós havemos de crer della o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe, ou fingir-lhe varias izenções, porém fundallas, naõ; poderá querer introduzir, mas fazer reconhecer, de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo, e se ha nelle differença, he que nas pessoas eminentes fica sendo mais reparavel, e mayor. Em huma pedra vil naõ ha imperfeiçao a que se attenda muito; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimaçao: as manchas de hum Planeta saõ imperceptiveis; no Sol qualquer vapor o ofusca; o menor eclypse he de todos conhecido; todos o calculaõ,

todos o vêm, e o medem! Nas sombras não há que distinguir, na luz qualquer alteração he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compoem, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos dellas no estado, nem que as achamos, mas sim naquelle em que ellás nos achaõ. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficácia; o mesmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque está com desafogo;

go; e tudo porque naõ somos hoje, o que hontem fomos: o mesmo que hoje nos agrada, a manhã nos desgosta, e os objectos, por serem os mesmos, naõ causaõ sempre em nós as mesmas impressões; por motivos differentes, recebemos alterações iguaes. O pouco que basta para affligirnos, ou para contentarnos, bem mostra o pouco constantes, que saõ em nós a afflictão, e o contentamento; por isso huma, e outra coufa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a mayor parte das cousas, que sentimos, he sem razaõ, tambem nos naõ he necessario razaõ para deixarmos de as sentir; ha espaços de tempo, em que nos esquecemos de sorte, que ficamos indifferentes para tudo; e que tudo nos fica indiferente. A mesma natureza a cada passo equivoca, com ays denota o contentamento, e explica

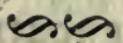
plica com gemidos o alvoroço ; as
ancias , e suspiros , que acompanhaõ
o tormento , tambem saõ do gosto a
imagem , e à expressão mais viva. A
vaidade , que commummente produz
as nossas alegrias , e tristezas , humas
vezes tudo nos representa alegre ,
outras tudo nos offerece triste. Tam-
bem na vaidade ha horas ; em humas
occupa-se em objectos de grande-
za , em outras toda se entretem em
idéas de opulencia ; humas vezes
realiza a nossa fantasia em fórmā ,
que tudo nos propoem ja consegui-
do ; entaõ he que a vaidade nos en-
che de alegria ; e he tambem quan-
do a alegria he vaã , porque o seu
motivo naõ tem corpo , e só se com-
poem de huma visaõ , ou sonho :
outras vezes a vaidade nos enfeita
com adórnos taõ ricos , e sublimes ,
que naõ podendo sopportar , nem o
esplendor , nem o pezo da figura ,
ella

ella mesma se desvanece; entaõ he que a tristeza nos combate, porque entaõ nos vemos como somos. O homem em si, he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que saõ materiaes; a mesma grandeza, e fausto, só consta de hum apparato superficial, risivel, e que naõ tem mais valor, que o que a vaidade, e o costume lhe tem dado: o costume he tudo; as couzas naõ saõ nada; o de que fazemos tanto caso, naõ he mais, do que o modo com que os homens significaõ, ou expliçaõ o respeito; o mesmo costume faz, que buscamos húmas couzas, e fugimos de outras; e que húmas nos entrifecem, e outras nos alegraõ; e como hum mesmo objecto pôde ser considerado por modos muy diversos, por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegraõ, e entrifecem; ao mesmo tempo nos fazem cho-

chorar , e rir ; amar , e aborrecer ; por isso os nossos affectos mudaõ-se , encontraõ-se , e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade ; ella nos tempea , e poem no tom, que lhe parece ; humas vezes nos levanta , outras nos abaixa ; huma vez he hum tom subtil delicado , e agradavel ; outras he hum tom aspero , duro , e pouco armoniozo. A sociedade dos homens fórmá hum concerto de infinitas vozes , e de infinita diversidade. Todos choraõ , e todos cantão ; a vaidade a todos dá porque cantem , e porque chorem ; todos entraõ como partes principaes ; ninguem fica destinado , sómente para ouvir , e ver : em quanto dura a acção ; (isto he a vida) todos fallaõ , depois todos emmudecem ; a estatua , que a vaidade enchia de ardor , e movimento , depois fica immoyel , e insensivel ; o mesmo homem , que attrahia tudo

tudo a si , depois tudo faz fugir de si : que notável diferença ! O mesmo que se via com gosto , e com respeito , depois se se vê , he com horror ; e isto porque finalmente vejo a desfazerse o edificio mais nobre , mais regular , e mais soberbo ; a melhor architectura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro , as colunas sem força , os porticos sem ordem , os ornatos sem graça : ja se naõ vem senaõ torres abatidas , muros arrancados , frizos rotos , bazes despedaçadas : naõ ha parte , por mais minima que seja , em que a ruina naõ seja universal ; he ruina , em que naõ pôde haver reparo ; he templo , cuja destrucção naõ se pôde reedificar por arte : os materiaes confusos , inuteis ja , perdida a proporção , a medida , a correspondencia , o polimento , e ainda a mesma substancia da materia , tendem desordenadamente

a huma transformaçāo fatal ; impura , fetida , verminosa , e horrenda ; a terra piedosamente se abre , como para recolher , ou esconder em seu seyo , o mesmo que tinha sahido dele ; com a diferença lastimosa de receber em hum cadaver , symbolo do espanto , e da tristeza , aquillo mesmo que havia entregue em hum homem , symbolo da alegria , e da vaidade .



Os tempos , e as occasiões , tirão , ou daõ valor á vaidade dos homens ; e ainha que nelles se vejaõ as mesmas vaidades , com tudo ha vaidades predominantes , que se mostraõ mais em certos tempos , e que em certas occasiões se encontraõ mais . Assim como nas outras couisas , tambem na vaidade algumas ha , que saõ como filhas de hum lugar , e que em hum paiz tem mais reputaçāo que em

em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna ; porque as ilusões que os homens idolatraõ , naõ tem igual estimaçāo em toda a parte. Assim como mudamos de destino , tambem mudamos de vaidades , naõ porque deixemos totalmente huimas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidades , que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetaçāo , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lyrio ; alli donde o jasmim se cria , da-se mal a assucena ; lá donde o urmo reverdece , naõ pôde tomar alento a hera : a mesma terra , baze de todo o sensitivo , só na Africa he patria do Leão , na America do Leopardo , na Asia do Elefante ; o Cisne só canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz só na Ara-

bia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Águia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê na vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes ; outras resultaõ das opiniões , que são proprias , e particulares a cada huma das nações ; essas são vaidades locaes , e territoriaes : e nesta fórmã governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante consiste no valor , em outra no luxo , em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade do terreno ; de sorte que aquillo mesmo , que em hum lugar se faz por vaidade , em outro por vaidade não se faz ; aquillo , que em huma parte se estima por vaidade , em outra por vaidade se despreza :

za: como a vaidade depende da opinião das gentes, por isso he taõ mudavel como a mesma opinião; e com effeito a vaidade he causa essencial no homem; a especie della naõ. Vivemos continuamente em esperanças, e quando alguma nos deixa, e nos engana, logo nos deixamos enganar por outra; naõ podemos viver sem aquelle engano. A vaidade que nos anima primeiro; anima todas as paixões, só com a diferença de que esta nossa terra, ou esta terra do homem, naturalmente produz esperança, e vaidade, e tudo o mais vem por força da cultura, e do artificio. O mesmo amor está sujeito ás leys da vaidade. Quem differe, que o amor, que he como a alma de toda a natureza, tenha na vaidade o seu principio, e algumas vezes o seu fim. Nascer o amor da vaidade, e morrer por ella, isto he amar por
vai-

vaidade; e tambem por vaidade naõ amar, ou deixar de amar, parece difficult de entender; com tudo a proposição he certa; mas como havemos de mostralla, sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor, a respeito da fermosura, e por consequencia a respeito das mulheres? Sim faremos alguma digressão: mas que importa, em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só; naõ sejaõ tudo reflexões sobre o fim do homem, sejaõ algumas sobre o seu principio; naõ o busquemos naquelle estado, em que elle acaba, mas sim naquelle, em que começa; larguemos hum instante aquelle assunto triste, e busquemos no amor hum mais alegre; façamos da mesma digressão, divertimento, depois sempre acharemos vaidade na fermosura,

mosura ; no amor , e nas mulheres .



O amor naõ se pôde definir ; e talvez que esta seja a sua melhor definiçāo. Sendo em nós limitado o modo de explicar , he infinito o modo de sentir ; por isso nem tudo o que se sabe sentir , se sabe dizer : o gosto , e a dor , naõ se podem reduzir a palavras. O amor naõ só tem ocupado , e ha de ocupar o coraçāo dos homens , mas tambem os seus discursos ; porém por mais que a imaginaçāo se esforce , tudo o que produzir a respeito do amor , saó atomas. Os que amão naõ tem livre o espirito para dizerem o que sentem ; e sempre achaõ que o que sentem he muito mais do que o que dizem ; o mesmo amor entorpece a idéa , e lhes serve de embaraço : os que naõ amão , mal podem discorrer sobre huma impressão , que ignorão ; os que ama-

amaraõ , saõ como a cinza fria , donde só se reconhece o efeito da chama , e naõ a sua natureza ; ou tambem como o cometa , que depois de gyrar a esfera , sem deixar vestigio algum , desapparece .



Conhiecemos as cousas , naõ pelo que ellas saõ em si , mas pela diferença , que entre elles ha ; e esta diferença consiste em naõ serem humas o mesmo que outras saõ ; a esfência das cousas nos he totalmente occulta ; e assim conhecemos os objectos , pela diversidade das figuras , e naõ pela substancia delles ; a nossa noticia ; toda se compoem de comparações ; por isso aquillo que naõ tem causa , que lhe seja em alguma parte semelhante , fica fendo inexplicavel : isto succede ao amor ; ninguem o pôde explicar verdadeiramente , porque naõ ha causa , a qne seja ver-

verdadeiramente comparavel; o mais a que o conceito chega, he a servirse de expressões oppostas entre si; como quando se diz, que o amor he fogo, que he neve, que he alivio, que he pena, que he luz, que he sombra.

O amor distingue-se das mais paixões, em ter por objecto hum fim corporal, sujeito á faciedade; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo, suscitou o amor, não só nos homens, mas em toda a natureza: ainda os insensíveis, parece que amam, e que sentem; a diferença deve de estar no modo de amar, e de sentir. As créaturas são mais perfeitas, á proporção que são capazes de mais amor; e assim o amor não só he o princípio da vida, mas tambem he hum final de perfeição.

Dizer que o amor procede de huma certa conformidade de humores, e de genio, mais he subtileza, que verdade; a filosofia nesta parte naõ foy mais feliz que em outras, donde a sciencia consiste em saber mais termos, e palavras, e naõ em saber mais cousas. Digamos antes, que o amor procede da fermosura; que origem lhe havemos de dar mais nobre? A razão mais facil costuma ser ás vezes a mais certa; duvide-se embora da origem da fermosura, porém naõ se duvide da do amor.

Cada cousa tem hum limite certo, entre cuja extremidade se deve conter, e regular; porém esse tal limite naõ he facil de se achar, e no amor he quasi impraticavel, porque he huma paixão que naõ tem limite, e que só no excesso se mostra, e se acredita. Naõ ha delirio, que os ho-

mens não desculpem; quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdão se alcança em favor do mesmo crime; entaõ aborrece-se o effeito; mas a causa admira-se; ninguem quizera o successo em si, mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre, e vulgar só se occupa no deleite dos sentidos, e delle faz a mayor felicidade; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama; este hé o amor humano, de quem se diz, tem semelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma sorte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario hé impulso da natureza; o amor subido hé como huma emanacão da alma; aquelle hé sujeito á faciedade, e por consequencia á dor; porque a faciedade hé huma especie de dor, e de tormento, pô-

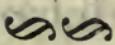
rém este não he susceptivel de algum desascoego ; aquelle busca fóra de si o alivio ; este acha em si mesmo o contentamento ; hum he como dependente da vontade de outrem ; o outro he ¹¹³ izento do arbitrio alheyo. O nosso bem só deve depender de nós ; por isso nos fazemos infelices , á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como pôde deixar de ser assim ? O nosso desejo, não se pôde conter dentro de nós , porque os seus objectos todos saõ exteriores ; a cada instante envelhecemos , porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ , e renascem ; vivemos no mundo rodeados de huma immensidate de cousas diferentes , e estas successivamente vaõ ssendo o emprego do nosso cuidado , e das nossas attenções ; todas achaõ em nós huma certa disposição , que faz , que a humas queremos , e a outras

tras naõ ; as nossas paixões saõ as qne escolhem , ou reprovaõ ; as cou-
fas ja vem configuradas em tal fór-
ma , que assim que nos encontraõ ,
logo achaõ , ou hum lugar proporcio-
nado , ou incompativel ; tudo aquil-
lo em que ha grandeza , e pompa , a
vaidade o recebe , e guarda ; tudo o
em que se mostra fermosura , o amor
o abraça , e se suspende . Tudo en-
tra em nós , ou por força de amor ,
ou por força de vaidade : a quem a
vaidade naõ vence , vence o amor .



Naõ temos liberdade para deixar
de amar a fermosura do mundo , e
das suas partes ; naõ temos livre o
alvedrio para resistir ao encanto , que
a natureza esconde nas suas produc-
ções . A variedade das cores ; o mo-
vimento dos brutos , o canto das
aves , o elevado dos montes , o amé-
nos dos valles , a verdura dos cam-
pos ,

pos, a suavidade das flores, e o crystallino das aguas; tudo attrahe a nossa admiraçāo, e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo hē como hum retrato da Omnipotencia; a grandeza do effeito indica a magestade da causa; por isso o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artifice.



Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos, e de pasmo ao nosso entendimento; toda se compoem de partes agradaveis, como se inteiramente fosse tirada de hum fundo, ou principio imenso de fermosura. A mesma desordem, e confusão das coisas nos recrea; o furor dos elementos forma hum espetáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. Novento

to admiramos hum ar, ou espirito invisivel, cuja força se emprega na ruina de muitas casas solidas; os terremotos ja reduziraõ em montes as planicies, e fizeraõ planicies dos montes, como se o mundo naõ tivera o seu assento firme; as aguas entre si se quebraõ, e despedaçaõ, e quanto mais horriyeis, e agitadas, tanto mais nos mostraõ em liquido theatro, mil vistosas apparencias; o fogo ainda quando parece rayo nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a fermosura até se sabe introduzir na fealdade, no horror, no espanto.

Vemos a perfeiçao dos objectos, mas ignoramos a qualidade delles, por isso os amamos, porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os antigos pintaraõ ao amor cego, talvez para mostrar, que o amor para ser conf-

constante , he preciso que seja incapaz de ver , e que a falta de luz lhe sirva de prizaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as não conhecemos , e outras porque as não conhecemos , as não estimamos ; tanto he certo que não ha nada certo no mundo ; nos mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias , e oppostas entre si .

A primeira cousa , que a natureza nos ensina , he amar ; e assim o primeiro affecto , que sabemos , he aquele mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos no mundo porém não no amor , esse se manifesta em nós logo no berço ; alli mostramos para alguns objectos desagrado ; e inclinaçao para outros ; a huns buscamos com rizo , e de outros fugimos com medo ; huns nos servem de espanto , outros de divertimento

timento choramos por alcançar huns ;
e tambem choramos por evitar ou-
tros ; como se o odio , e o amor na-
quella idade naõ tivessem outro mo-
do de explicarse , nem soubessem mais
idioma que o das lagrimas : tambem
naõ he novo o chorarse, de gosto , do
mesmo modo com que se chora de
pena.



Nos primeiros annos da vida to-
da a variedade nos attrahe ; entramos
neste grande theatro cheyos de gos-
to , e contentamento , sem experien-
cia das impressões da dor , e ignoran-
do os effeitos da vaidade ; por isso
naõ temos entaõ , nem pensamentos
que afflijaõ , nem cuidados que mor-
tificuem ; naõ nos combatem as lem-
branças da morte , e se vemos os seus
triunfos , ou ja nos epitafios , ou ja-
nas pompas funebres , parece-nos que
está taõ longe de nós aquelle estra-

go, que na mesma distancia, em que a nossa idéa o considera, se confunde, e desvanece o horror. Que feliz ignorancia, e que venturoso descuido! Em continua travessura passamos aquelles annos, em que os nossos espiritos, ou por mais vivos, ou por mais alegres, apenas cabem em nós. Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos serve de jogo inocente, e de festiva occupação: estes são os ensayos, e prelúdios, com que o tempo dispoem a nossa docil innocencia, e com que hum amor universal a tudo quanto vemos, depois só se reduz á aquelle amor, que tem por objecto a duração do mundo, ou a nossa mesma reprodução; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso; aquelle agrado commum, com que viam os as cousas, ja se distingue, olhando com especialidade para algumas, e com

indifferença para as mais ; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attenções , sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.

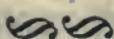


Esse primeiros annos todos se compoem de amor , e de esperança : estes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós , ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida ; no seu principio , e no seu progresso he o amor huma paixaõ cheya de entusiasmo , e de furor , depois perde totalmente a violencia ; por isso amamos mais , quando sabemos amar menos , isto he , quando amamos quasi por instincto ; e com effeito o amor naõ se introduz por discurso , e se alguma vez discorre , he final que está perto de acabar ; porque o amor só he prudente quando acaba , naõ porque entaõ o seja em si ,

si , mas porque entaõ amamos como nos queremos , e naõ como o amor quer.

Culpa-se ao amor de vario , e de inconstante , sendo que as mais das vezes seria mayor a sua culpa , se fosse constante , e firme : o amor só quando deixa de amar se emenda , só quando he vario se justifica , e só quando he inconstante se desculpa : quando começa , parece que naõ he erro o amor ; porque mal se pôde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe ; aquella primeira luz que nos assombra ; aquelle primeiro agrado que nos engana : o nosso arbitrio , ou a nossa reflexão , vem depois , como remedio que sempre suppoem succedido o mal : naõ se pôde fugir do rayo despedido de huma nuvem ; o amor , ainda nos alcança com mais pressa , e mais vigor , porque he rayo , que se fór-

fórmā dentro de nós mesmos: o val-
or consiste em arrancar a setta, por
mais que fique despedaçado o peito.



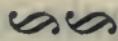
Naõ somos firmes no amor, por-
que em nada podemos ser constan-
tes: continuamente nos vay mudan-
do o tempo; huma hora de mais he
mais em nós huma mudança. A cada
passo que damos no discurso da vida,
himos nascendo de novo, porque a
cada passo himos deixando o que fo-
mos, e começamos a ser outros:
cada dia nascemos, porque cada dia
mudamos, e quanto mais nascemos
desta sorte, tanto mais nos fica per-
to o fim, que nos espera. A inconfi-
tancia, que he hum acto da alma, ou
da vontade, naõ se faz sem movi-
mento; a natureza naõ se conserva,
e dura, senaõ porque se muda, e mo-
ve. O mundo teve o seu princípio
no primeiro impulso, que lhe deo o

su-

supremo Artifice; a mesma luz, que
he huma bella imagem da Omnipotencia,
toda se compoem de huma
materia tremula, inconstante, e varia.
Tudo vive em fim do movimento; a
falta de mudança he o mesmo que
falta de vida, e de existencia, e assim
a firmeza he como hum attributo es-
fencial da morte.

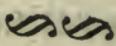
Se em nada pois ha permanencia,
e se o estado da firmeza he contrario
ás leys da vida; como pôde ser que
haja amor constante? Isso he hum
impossivel desejado. Naõ ha nada
izento das revoluções, e alterações
do mundo; tudo nelle se muda, por-
que tudo se move; por isso a firmeza
he violenta, ao mesmo tempo que a
inconstancia he natural. Para sermos
firmes, he nos necessario força, por-
que temos que vencer a economia,
e ordem, que naõ permite repouso
em

em coufa alguma ; para mudármos a mesma natureza, nos inclina , e guia ; semelhante a qualquer pezo , que sobe com violencia , e desce por si mesmo. O movimento , e a mudança , de que depende o ser das coufas , tambem he principio do fim dellas ; sem mudança , e movimento , nem se pôde existir , nem acabar ; a mesma origem da vida tambem he da morte a causa ; por isso he tão certa a morte , e tão curta a vida ; porque hum , e outro extremo , nascem do mesmo modo , e se criaõ no mesmo berço.



O amor he hum influxo da belleza , por isso esta raras vezes anda solitaria , e quasi sempre a acompanha o amor : agradavel mas louca companhia ; appetecida , mas traydora felicidade ! Compoem-se a fermosura de huma certa modulaçao das partes ; obra mais do acaso , que de hum cuidado

dado especial da natureza : mas porém deve admirarse hum instrumento , cujas cordas só produzem armonia : assim he a'fermosura ; e he pouco de estimar aquelle , de donde só resulta dissonancia ; assim he a fealdade. A férmosura rêsude em huma forma exterior ; o amor parece que he hum effeito dā vontade , ou do desejo ; aquella mostra-se , porém este esconde-se ; este he invisivel , porém aquella vê-se : a férmosura pôde dizerse o como he , porém o amor naõ ; porque quem o tem , sente sem saber o que , e quem o naõ tem , ainda o conhece menos.



O amor nasce da férmosura , e com ella morre ; e assim como pôde haver amor constante , se he taõ pouco constante á férmosura ? E se esta muda tanto , como pôde ser que o amor naõ mude ? Ha tres progressos

chob

em

em tudo quanto a natureza abraça; o primeiro he de crescer, o segundo de estar, e o terceiro de diminuir: nesta ley tambem entra a fermosura; cresce, está, e diminue. O amor fielmente segue a fermosura; não muda quando a fermosura cresce; não foge quando ella está, mas com ella diminue, e acaba. O tempo com hum passo subtil, e disfarçado lentamente imprime na belleza o seu carácter; ja começa a ser tibia a luz dos olhos; ja se mostra sem sabor o agrado, e ja fica sem alma a mesma graça; acabou-se pois a fermosura, e apenas pôde descobrirse a sua ruina entre os mesmos sinaes do seu estrago: tudo saõ riscos donde se vê como em padrões fataes escrita a impressão dos dias; tudo saõ concavidades, donde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor do tempo: essa imagem desvélo que foy da idolatria,

Aa cui-

cuidado de attenções, e finalmente emprego que foy de tantos votos, ja se vê sem altar, e sem veneração; e trocado o culto em vituperio, só ficou para objecto do desprezo; como se a idade fosse algum delicto, ou fosse culpa o numero dos annos; assim acaba a fermosura, assim acaba o seu imperio, e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente, vem cheyo de belleza, e resplandor; por isso tudo saõ attributos, tudo admirações, e tudo amores; as fontes o festejaõ murmurando; as aves o annunciaõ com requebros, e as flores com o rizo o lizonjeaõ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso; e depois quel os resplandores se mudaõ no occaso em pallido semblante, logo acabaõ os amores, as admirações, e todos os tributos; na mesma tumba, em que se apaga a luz, tambem se extingue o ap-

o applauso ; na mesma sombra, em que se encobre o dia , tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba nas mesmas ondas , em que faz naufragio o Sol !

Succede muitas vezes mudar o amor ; primeiro que a fermosura mude ; isto dizem que faz o amor ingrato ; porém a mudança quasi sempre he culpa da belleza , e naõ do amor. Naturalmente a fermosura he soberba , vaidosa , impia , e arrogante ; naõ só refuza , mas despreza ; naõ só desdenha , mas injuria. Hum objecto amavel basta para produzir amor , mas naõ basta para o conservar ; o amor nasce facilmente , mas dura com dificuldade ; porque o imperio da belleza sempre foy tyranno , e sem brandura , naõ ha dominio permanente. O amor he acto de hum movimento repentino ; a conservaçao del-

le vem por discurso, por isso a primeira cousa he facil, e difficultosa a outra. Não ha encanto perpetuo; o do amor também tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor seja prompto, e arrebatado em conquistar, por isso mesmo nada tem seguro; porque o que se toma precipitadamente, precipitadamente se larga; daqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas não sey se pôde haver moderação no amor. Ha muitas cousas, em que a moderação he contraria á natureza dellas; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada; porque com effeito o abster he menos difficultoso, que o conter; por isto

isso a prizaõ de algum modo molesta menos , que huma liberdade restricta : o usar das couisas com regra , traz consigo huma especie de afflïçao ; o naõ usar de nenhuma forte , o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de naõ ter , ou de naõ amar , porém naõ o podemos fazer de amar , ou ter debaixo de algum preceito : tudo o que recebemos , ou se nos dá com condiçao , parece-nos violento : olhamos menos para a parte , em que a couisa he livre , que para aquella , em que o naõ he ; a prohibiçao sempre nos deixa suspensos , e como magoados ; porque o nosso desejo naõ tem actividade naquillo que he ja nosso , mas sim naquillo que o naõ he , e que naõ pôde , ou naõ deve ser ; o que se permite naõ parece tão bem como o que se nega ; o muito que se concede , naõ consola do pouco que se pro-

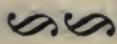
prohibe; por isso o alheyo nos agrada, porque nelle achamos huma negaçāo, ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo, que passou; esperamos o que ha de vir com ancia, e para o presente olhamos com desgosto: assim devia ser, porque o tempo, que passou, ja naõ he nosso; o que ha de vir naõ sabemos se será; e só o presente, porque he nosso, nos aborrece. O amor está seguro, em quanto dura a pertençaō; o que o perde, he a propriedade: sustenta-se mais na duvida, que na certeza; qualquer cousa, que procure, o anima, e desfalece, se lhe naõ falta nada. Isto naõ he só no amor; em tudo succede o mesmo: todas as paixões se acabaõ; assim que se satisfazem; conseguido o fim de cada huma, logo ficaõ sem vigor, e amortecidas: ninguem espera o que posse, ninguem deseja o que ja tem, e nin-

ninguem se desvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e desta sorte o amor , o desejo , a esperança , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e deste modo perdemos as couzas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperança . Daqui vem , que para reprimir as paixões , nem sempre he bom meyo o reprimillas ; na resistencia parece que se formáõ , é fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e não pôdem existir sem ella . Da difficultade das couzas inferimos a excellencia dellas ; o fazellas faceis , e sem opposição , he o mesmo que tirarlhes a graça ; que as fazia appetecíveis . Em todas as paixões se encontra a vaidade de querer vencer ; não ha victoria sem combate , e se a ha , he sem gloria , e sem merecimento . Contra hum
cam-

campo aberto naõ ha desejo ; nem ardor ; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente , armada sim ; a muralha incita ; porque impede.

A vaidade , ou a soberba de huma mulher fermosa , he quasi info-
portavel ; ainda o amor mais fino se
revolta , porque o amor ainda que-
jure escravidões , nem por isso con-
fente nellas ; e quando he bem enten-
dido , naõ costuma ser vil , reveren-
te sim ; a submissaõ por degenerar em
baixeza naõ faz ao amor menos in-
constante ; a firmeza naõ se fez para
obstinaçao . Naõ he suave o jugo da
belleza ; apenas se lhe pôde sustentar
o pezo ; a arrogancia , que a acompa-
nhia sempre , exige condições taõ for-
tes , que o mesmo affecto , que por
força as aceita no principio , depois
as desvanece ; porque o amor se bus-
ca a fermosura , tambem foge da af-
pereza ;

pereza ; hum genio severo , e duro ,
naõ pôde inspirar constancia , retiro
sim : por mais que estejaõ preocupa-
dos os sentidos , nem por isso estaõ
sempre dispostos para sofrer ; e com
effeito o amor fez-se para delicia , e
naõ para castigo ; fez-se para alivio ,
e naõ para tormento , para gosto , e
naõ para martyrio . Naõ ha , encan-
to que naõ possa desfazerse ; por mais
fortes que sejaõ os laços com que o
amor nos prende , muitas vezes hum
discurso os rompe ; hum pensamento
os desfaz ; huma reflexaõ os desata ;
e pela mayor parte esse discurso de
que nasce a inconstancia , procede
da aspereza , da vaidade , e da con-
diçaõ da fermosura .



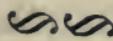
A natureza que na producçaõ da
fermosura se empenha em formar
hum encanto , deste naõ quer que se-
ja invencivel o poder ; por isso na-

Bb mes-

mesma fermosura inclue logo a tyran-
nia , o engano, e a vaidade , para que
estes feyos atributos , expostos á nos-
sa vista , ou sirvaõ de quebrar a força
a esse mesmo encanto , ou ao menos
possaõ limitarlhe o effeito ; e assim
temos o remedio na propria origem
da ruina , e no mesmo mal achamos
o defensivo delle : se a belleza nos
attrahe a imperfeiçao do genio nos
desvia ; se nos enleva huma imagem
viva , donde em justas proporções ,
a natureza mostrou os seus primores ,
tambem huma condiçao aspera , e de-
fabrida nos afasta ; e finalmente se a
nossa propria inclinaçao nos tira a li-
berdade , o nosso entendimento nos
resgata. E assim naõ se queixe a fer-
mosura , nem do amor , nem da in-
constancia ; veja primeiro se acha a
culpa em si ; quanto mais que o amor ,
ainda que cego , nem por isso se obri-
ga a estar sempre em hum lugar ; a

in-

inconstancia ainda que odiosa , nem por isso lhe faltaõ os motivos , que a fazem justamente ser precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança ! Nem sempre he traiçaõ a falta de firmeza ; nem sempre o ser vario he ser infiel ; e nem sempre o ser inconstante he ser ingrato. As semrazões da fermosura authorizaõ o nosso esquecimento, o ser sensivel he o que faz ser amante ; e quem tem sensibilidade para amar , tambem a tem para sentir; porque se a fermosura nos recrea , tambem a injuria nos irrita; se o agrado nos convida , o desprezo nos magoa; e se o amor em fim nos chama , tambem a offensa nos retira.



Sim he soberba a fermosura , mas naõ he para admirar , pois he grande o seu imperio ; he vaidosa , mas como pôde naõ o ser ? He presumida , mas que muito se em se vendo , à sua

mesma vista a lisonjea? He tyranna, que importa, se he virtude esse defeito, e se nella a bondade he culpa? Na fermosura acha-se a circunstancia mais essencial da luz; esta illustra, e faz claros os objectos, que estao perto dos seus rayos; assim a belleza, pois parece faz fermosos aquelles vicios que a acompanhaõ; essa fereza, essa arrogancia, e essa mesma condicão altiva, sim saõ imperfeições grandes na belleza, mas saõ como as sombras, que hum delicado pincel debuxa, e representa, naõ para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrela brilha mais no espantoso silencio de huma noite escura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a sua actividade nos molesta, e escandaliza: as couzas nem por mais perfeitas nos agradaõ mais; antes alguma imperfeiçaõ as modifica em forma que ficaõ

ficaõ proporcionadas ao nosso gosto ; aquillo que he perfeito em hum certo gráo , excede a nossa esfera , e por isso nem o podemos gozar , nem entender , porque o desejo naõ se estende adonde a comprehensaõ naõ chega . O entendimento , ou a alma he o que primeiro move , e assim tudo o que excede a nossa intelligencia , fica sendo impenetravel ao nosso affeçto . Mil cousas ha perfeitas no seu genero , por onde continuamente passamos sem reparo ; a mesma perfeiçaõ nos cega , e nos faz incapazes de admirar ; tudo o que distinguimos , ou sabemos , he por comparaçaõ ; de forte que em naõ podendo comparar , tambem naõ podemos conhecer : a diferença das cousas entre si , he a que desperta a nossa attençaõ , e dá lugar ao nosso conhecimento , por isso tudo o que he formado como de hum só rasgo , de huma só linha , ou como

mo de hum só alento, logo nós fica
sendo incomprehensivel; o discurso
naõ pôde entrar naquillo em que tu-
do he hum, igual, ou uniforme;
porque a unidade naõ admittē combi-
naçāo, e o pensamento naõ pôde in-
troduzirse facilmente donde tudo he
o mesmo; e donde naõ ha nem di-
versidade de substancia, nem desig-
ualdade de materia. Podemos di-
zer, que a nossa capacidade só tem
por objecto aquillo que he compo-
sto; porém tudo o que he simples ab-
solutamente, fica sendo mysterio para
nós, e por isso sempre occulto, e es-
condido; e assim a divisaõ, e varie-
dade de partes, ao mesmo tempo
que indica hum ser imperfeito, tam-
bem serve de meyo, que nos facilita
a intelligencia das cousas, e nos con-
duz ao conhecimento dellas; e desta
fôrte alguma imperfeiçāo na fermosu-
ra, faz-nos ver melhor o que ella
tem

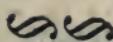
tem de raro , e de admiravel ; algum defeito , mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular ; e finalmente algum vicio , faz-nos reparar o que se encontra nella de virtude ; e assim serve-nos de guia essa imperfeiçāo , esse vicio , e esse defeito .



Mas que poucas vezes se encontra na belleza aquelle certo grāo de imperfeiçāo , que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçarlhe a luz ! A repartiçāo do vicio sempre he larga , e abundante , e o defeito naō se communica escassamente , com profuzaō sim : o que vemos de imperfeito na belleza raras vezes he como hum final , ou mancha breve , de que o alinho se adorna por arte , e por estudo ; antes essa imperfeiçāo se estende , e cresce tanto , que abraça o objecto inteiro , e o escurece : qualquer mistura em pouca quantidade

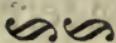
dade contamina a pureza de hum licor; huma grande porçoão absorbe, e comprehende todo. Esse caudaloso Tejo naõ o turva hum só regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura, fazem-lhe perder o nome, e semelhança de crystal: huma só nuvem naõ faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite escura: assim a belleza; o vicio nella naõ costuma ser como hum regato, mas como torrente; o que tem de imperfeito, naõ he como hum sinal (effeito em fim da meditação) mas como huma mancha verdadeira; o seu defeito raramente he leve; antes quasi sempre peza mais do que a mesma fermosura. Infeliz concordia, cruel sociedade! Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor, e aborrecimento! Taõ pouca distancia ha

ha entre o mal , e o bem ? Entre a aversão , e o affecto , entre o perfeito , e o defectuoso , que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar , e unir .



A vaidade da fermosura he a mais natural de todas as vaidades , he vaidade innocent ; a natureza em nada se recrea tanto , como em contemplar-se a si na sua obra , e em reverse na sua mesma perfeição ; por isso a fermosura he hum encanto , a que não resiste , nem ainda quem o tem ; ella a si mesma se namora , a si se busca , ama-se a si , e de si se rende ; he como hum effeito , que vem a retorquirse contra a sua causa , ou contra o seu principio ; e como hum movimento , que retrocede , e se dirige contra o seu mesmo impulso ; a fermosura , pelo que sente sabe o que faz sentir ; e pelo que se ama , conhece que

se faz amar; daqui vem que a vaidade, e a altivez, saõ partes de que a fermosura se compoem; a mesma tyrannia, e rigor attrahe: e que haverá na fermosura, que naõ sirva de laço, de prizaõ, de amor?



He propriedade do amor o ser violento; e he propriedade da violencia o naõ durar. O amor acaba-se em nós, naõ pór nossa vontade, mas porque tem por natureza o acabar; e ainda que tudo ha de acabar connosco, nem tudo espera por nós. Quando amamos, he por força, porque a fermosura que nos inclina, nos vence; e tambem he por força quando naõ amamos; porque huma vez rotos os laços, ficamos de tal sorte livres, que ainda que queiramos, naõ podemos tornar a elles; e assim naõ está na nossa maõ o naõ amar, nem tambem o amar: o coraçao por si mes-

mesmo se acende , e entibiece ; nós ,
naõ o podemos inflamar , nem extin-
guirlhe o ardor : alleguem os aman-
tes esses mesmos ardores indiscretos ;
façaõ delles merecimento para o fa-
vor ; imaginem embora , que os so-
luços , e gemidos , fazem ser devida
a recompensa , exagerem penas , e
martyrios , e finalmente tenhaõ a
ventura de que huma belleza timida ,
innocente , e incauta , creya que ver-
dadeiramente está obrigada , e que
deve attender , e corresponder : am-
bos se enganaõ ; o amante em suppor
que por amar , merece ; e a belleza
em crer , que o amor hẽ merecimen-
to : naõ he tal ; porque o amor vem
da fermosura , e naõ do amante ; este
naõ faz mais que receber huma im-
pressaõ a que naõ pôde resistir : nada
merece hum bronze , por receber em
si a figura de huma Venus ; a maravi-
lha naõ está no bronze , que recebe ,

mas no braço que imprime; a arte naõ se mostra no metal, mas na maõ que conduz o buril, e abre; o bronze naõ pôde deixar de consentir a estampa, porque naõ tem mais do que hum modo passivo, e material; só o braço obra activamente: daqui vem que quando amamos, he porque a fermosura nos obriga a amar; e assim que merecimento pôde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitavel? Por isso o amar, ou naõ amar por razaõ, por discurso, ou ainda por interesse, naõ pôde ser; porque os sentidos, naõ se deixaõ cativar por argumento: daqui vem que muitas vezes se ama, o que se naõ deve amar; isto será porque o coração naõ pôde resistir á fermosura; o mais que pôde fazer, he calar, dissimular, esconder: podemos naõ confessar, mas deixar de cahir, he muy difficultoso; podemos sofrer, mas dei-

deixar de sentir , tambem naõ ; podemos naõ seguir , mas deixar de appetecer he impossivel ; antes o sofrimento aviva o amor , a resistencia o fortalece ; porque tudo o que se reprime , se esforça ; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda . O mesmo he naõ querer , ou naõ dever amar , que amar . Naõ temos dominio no nosso gosto ; as coufas agradaõ-nos , porque nos parecem agradaveis ; como havemos de impedir que as coufas nos pareçaõ o que saõ , e ainda o que naõ saõ ? Se os sentidos nos enganaõ , quem nos ha de desenganar , ou como havemos de emendar esses mesmos sentidos enganados ? A razaõ , e o discurso naõ valem ; ou naõ sabem tanto como se diz ; porque o que julgaõ , he por meyo de algum sentido enganador : se os olhos , e os ouvidos se distrahem , e allucinaõ , que outros sen-

sentidos temos nós , que os haja de conter , ou os faça retractar ? Julgamos pelo que vemos , e pelo que ouvimos : estes sentidos saõ em nós , como dous relatores injustos , falsos , infieis : daqui resulta , que quando o querer he culpa , essa culpa naõ he nossa , mas sim da fermosura que nos move , e que nos prende . Que culpa pôde ter a cera , por receber em si o carácter de huma imagem ? O marmore que culpa tem , por conservar a fórmā que o artifice lhe deu ? Que culpa tem o pano por servir de campo , ou de theatro ás obscenidades do pincel ? E finalmente que culpa tem o ferro , por ser instrumento dos golpes , e da morte ? As cousas em si , saõ inocentes ; o erro he exterior , e vem de fóra : o mal parece que naõ nasce , nem se cria em nós , communica-se a nós . Infelizmente o nosso coraçāo , naõ he firme como o fer-

ferro , nem duro como a pedra ; antes he mais tratavel do que o pano , e mais brando do que a cera ; hel como huma lamina original impolida , informe , e ainda sem configuraō ; e donde naō ha nem amor , nem odio , nem culpa , nem merecimento , nem virtude , nem vicio ; mas he o donde tudo aquillo se poem , se faz se introduz , se esconde .



Em todo o tempo prevaleceo nos homens o poder ; elles arrogaram a si toda a jurisdicçaō legislativa : a sujeição em que ficaraō as mulheres, foy a pena da sua primeira culpa. Aquella sujeição , que naō devia exceder as regras da equidade , veyo a degenerar em tyrannia , e a introduzir nellas huma specie de escravidaō. O ciume dos homens fabricou os ferros , e a fermo-sura das mulheres foy o crime original , que nunca puderaō expiar , nem remir :

remir : a mesma fermosura com que
as dotou a natureza, lhes tirou a libe-
rda^de ; alcançaraõ na belleza o mayor
favor , mas comprado por hum cu-
sto immenso, isto he á custa da liberdade;
ficaraõ sujeitas aos homens por for-
ça , e os homens a ellas por vontade.
Infeliz , é estudada consolaçao ! O
cativeiro costuma ser á medida da fer-
mosura ; quanto mais bellas, mais pre-
zas : para terem alguma liberdade he
preciso que naõ tenhaõ nenhuma fer-
mosura. Cruel situaçao ! Quem ha de
trocar huma coufa pela outra , ou
quem sabe qual das duas he melhor ?
Ter liberdade , é fermosura junta-
mente , he muito ; ter huma coufa , e
perder a outra , he pouco. Quem ha
de resloverse a perder a liberdade , e
tambem que mulher se naõ ha de affli-
gir na falta de fermosura ? As diffe-
renças saõ , que a liberdade em quem
a tem , dura sempre , a fermosura naõ;

na-

naquelle naõ tem dominio o tempo ;
nesta até se conhecem os instantes ;
semelhante á gala de huma flor , que
nam tem mais duraçao que hum dia ;
e assim se vê que nas mulheres , a in-
justiça dos homens lhes tira a liber-
dade assim que nascem , e pouco de-
pois lhes tira a fermosura o tempo , e
de tal sorte , que nem restos lhe ficaõ
do que forao , para se consolarem do
que saõ : nem pôde deixar de ser ;
porque o tempo naõ só desconcerta ,
mas destroe , e arruina ; cada hora
deixa o seu final ; e os instantes que
diminuem a vida a proporçao que
passaõ , tambem diminuem a fermosu-
ra , até que a gastaõ , e desfazem ;
semelhante a huma exhalachaõ , que
em breve espaço se dissipia . Os annos
sim deixaõ a regularidade das feições :
mas de que servé huma regularidade
usada ? O que nella se vê he como
hum debuxo , que naõ foj feito para

Dd ima-

imagem, mas para semelhança. Huma representação do que foy sempre he triste; por mais, que a consideração se forme huma idea agradavel de hum monumento destroçado, e antigo, sempre o que se admira he com lastima: a imaginação fervorosa, é forte, pôde de algum modo fazer presente o que não he, mas nam pôde fingir tanto, que se não percebam as ruinas; os vestigios trazem á memória a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto sucede na belleza, acaba-se em se lhe abandonar a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica, he huma estatua, huma sombra, huma figura.

∞∞

Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella fermosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Nam foy

foy inspiraçāo celeste a que a fez buscar a solidão de hum Claustro ; tal vez foy hum infeliz amor , a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino ! Havemos de amar á vontade da vaidade , e nam á vontade do amor ? Mas que pouco dura o amor , quando naõ nasce do amor ! Naõ ha mayor combate , que o que se dá entre a vaidade , e o amor ; se este fica vencido , a mesma vaidade chora , e se arrepende ; he vitoria , que se forma do estrago do vencedor. Hum amor desconfiado , em nada pôde achar compensaçāo ; porque esta só cabe , quando há outra coufa , que valha o mesmo ; ao amor naõ ha coufa , que o iguale , nem valha tanto. Aquella mesma fermosura , a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo , para a livrar de algum amor humilde , sim vive retirada no limitado espaço de huma prizaçāo santa : mas que importa que

essa priçaõ lhe tira a liberdade das
acções, se lhe não ha de tirar a libe-
rdađe do desejo? Assim como não ha
feitos para o entendimento, tambem
os não ha para o coračão; este ainda
no meyo da violencia, e da tyrannia,
sempre se conserva isento, e livre.
Hum véo preto sempre esconde, mas
não muda, nem desfaz nada do que
esconde; antes tudo augmenta mais,
e tudo mostra, ainda mayor, e mais
claro do que he. Huma Communida-
de Religiosa coberta de véos, o que
faz imaginar he que cada véo enco-
bre huma belleza, e muitas vezes o
que encobre, he huma fealdade enor-
me; o pensamento nesta parte he
sempre favoravel, porque debaixo
daquellas sombras nunca suppoem
outras sombras, luzes sim: ha cou-
fas, que de se occultarem, resulta o
verem-se melhor; em vingança de
hum manto escuro, tudo o que está
de-

debaixo delle, se nos representa perfeito, e singular; aquella specie de rebuço o de que serve he de avivar a imaginacão, de a desanimar naõ: tudo o que se esconde, parece-nos admiravel, só porque se esconde; de forte, que o occultar, he o meyo de acreditar as cousas, e de darlhes mais valor. O mesmo he porse aos olhos hum obstaculo, que fazellos penetrantes, e pollos em huma actividade, que elles naõ tem naturalmente: a vista, que se embaraca, adquirir mayor força, á maneira de huma corda, cujo vigor augmenta á proporcão, que a fazem fugir do arco; a mesma distancia em que algumas cousas se poem, as fazem estar mais perto; e por este principio, tudo o que se esconde, se mostra. Quem dissera, que o recato, e a modestia, mais chamaõ do que desviaõ, mais servem de convidar, que de afastar!

quem

quem foge , parece que quer que o
figaõ ; quem deixa , parece que quer
que o busquem : o mesmo he cobrir o
rosto , que incitar mil vontades de o
descobrir ; a desconfiança faz nascer
a instancia , e o cuidado ; o engano
muitas vezes se evita só com naõ o
presumir ; e com effeito o retirarse ,
e porse em defeza , he o mesmo que
dar hum final de guerra ; o que se
guarda , e se esconde , he a primeira
cousa , que se assalta ; a liberdade do
porto he o que o conserva livre de in-
vasão .

O estimarem-se as couisas , que
naõ tem valor , he o mesmo que fa-
zellas estimaveis : o que se busca com
ancia , nam he o que se dá , mas o
que se nega ; o que se permitte des-
gosta , o que se refuza , attrahe : o
amor naõ tem setta mais aguda , que
aquella que se armou de prohibiçao ;
no tomar , parece que ha mais genti-
leza ;

leza , que no aceitar ; a difficultade incita : muitas cousas nam tem outro algum merecimento , que o serem difficultosas ; a resistencia he o que move a vontade ; tudo o que se concede , he sem sabor ; a impugnaçao faz a coufa consideravel , porque lhe dá hum ar de empreza , e de vencimento : os mais altos montes saõ os que se admiraõ , só porque custaõ a subir ; a facilidade he aborrecida em tudo ; o lustre do argumento venida contradicção . Isto succede á fermosura , a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor : mas que pouco conseguiu a vaidade . Contra o amor naõ ha poder , apenas se pôde impedir algum dos seus effeitos : a causa , isto he , o amor , sempre permanece constante ; a difficultade , o retiro , e a prizaõ fazem , que a fermosura seja mais bella , e mais amante ; a natureza por achar desvio , naõ se despersuade ;
a nos-

a nossa industria naõ a pôde vencer ; antes o mesmo he impedilla , que enchella de estimulo , e de alento ; quanto mais a abatemos ; mais a fortificamos ; he engano parecernos , que podemos tirarlhe os meyos ; por hum que lhe tirarnios ; ella se ha de formar mil ; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embaragar , que nella o modo de conseguir ; quanto mais a queremos ter adormecida , mais a despertamos ; o buscar artificios para a soçegar , he o mesmo que chamalla para o conflito ; o mesmo he reprimilla , que irritalla . As aguas de huma fonte correm mansamente , e sem ruido , apenas humedecem as flores , que lhe bordaõ o caminho ; mas se neste encontraõ embargo , ou se algum penedo , que o tempo arrojou do monte , se foy atravessar , e impedio o passo ; entaõ se vê que aquellas aguas , vaõ cres-

ce

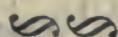
cendo sobre si , e juntas se accumulaõ tanto , que ou rompem , e arrastaõ tudo o que as comprime , ou subindo se elevaõ de tal sorte , que chegaõ ao lugar , de donde por mil partes se lançaõ , e precipitaõ. Isto vemos nas aguas de huma fonte , donde naõ concorrem mais motivos , que aquelles que em hum corpo fluido procedem do pezo , e do equilibrio. Só nas mulheres naõ queremos achar naturalidades; prendem-se porque saõ mulheres , como se quando vem ao mundo , troucessem na razaõ do sexo escrita a condenaõ ; e que a fermosura só lhés fosse dada para regularhes os gráos de desventura. Quem diria aos homens , que as mulheres sendo compostas de huma matéria fragil , e propensa , podem espiritualizarse em forma , que todas se convertaõ em discurso racional ? Trabalhe embora o ciume , e juntamente a

Ee

vai-

vaidade ; o ciume em procurar que a mulher se naõ incline , e a vaidade em prescrever documentos á belleza , para que naõ aíne sem certas proporções , e identidades ; nem o ciume , nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento ; o amor naõ admitte força , nem imperio ; ninguem ama , nem desama por preceito . Quem ha de tirar o gosto , que a alma sente , quando os olhos , ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro , e agradavel ? Como se ha de fazer , que a boca seja insensivel ao sabor de hum manjar delicioso ; e os ouvidos como podem deixar de suspenderse ao som de huma voz sonora , e cheya de armonia ? As primeiras qualidades naõ se podem mudar . Naõ podemos dar leys ás cousas , ao exterior dellas , sim ; as palavras , e as accções admitem composição , e fingimento , a substancia dellas , naõ ; por isso naõ he

he facil desaprovar, o que os sêntidos approvaõ. Quem ha de reduzir a fermosura a crer, que deve fugir de qnem a busca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?



Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorifar humanos interesses! As cousas mais santas sa-bem os homens applicar a fins os mais injustos: qualquer semrazaõ para ser permittida, basta que seja necessaria; o ponto he, que haja quem fai-ba introduzir a necessidade della: os principios mais inalteraveis se alteraõ; o ponto he que o interesse, ou a vaidade sejaõ partes. As regras naõ go-vernaõ aos homens, estes he que go-vernaõ as regras. As leys naõ com-prehendem ao legislador, nem aos que estaõ junto delle; as prerogati-vas do poder parece, que saõ com-municaveis até huma certa distancia;

Ee ii da-

dahi para baixo ficaõ sendo como huma luz , de que se acabou a esfera. Só nos effeitos visiveis da Omnipotencia naõ vemos , que nenhum se mude , nem altere ; o movimento dos astros , o progresso do tempo , a regularidade das aguas , tudo guarda huma ordem certa , e infallivel : o Artifice supremo naõ communica o seu poder , mais do que a si mesmo , isto he , á sua providencia ; por isso as leys , que elle ideou no prineipio , e antes dos seculos , saõ as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda , que houvesse dia em que as aguas naõ crescesssem , e baixasssem ? Que o Sol se apartasse do Zodiaco , que a Lua deixasse as suas phases , que as Estrelas fixas variassem , e que o firmamento naõ circumvolvesse em vinte e quatro horas o universo ? Quem ha que naõ admire as succesões do tempo nas estações do anno , a vegetaçao

getaçāo da terra , a produçāo dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracção , do repouzo , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observaõ o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foy de instituiçāo divina , e que naõ depende da execuçāo dos homens , permanece sem alteraçāo ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relaçāo , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrarietade. As leys primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foraõ , e esstaõ escritas nos corações , essas saõ as primeiras , que segundo as contingencias , para se naõ guardarem , se inter-

interpretaõ. Daqui vem que nascendo todos liyres , a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras , que forao santamente instituidas , e praticadas prudentemente , depois naõ sey se vieraõ a degenerar em hum modo de tirarse a liberdade aos homens , e ás mulheres , e nestas veyo a cahir o rigor do excesso : naõ fallo das que por desengano , e conhecimento proprio , buscaõ aquelle estado de virtude , mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado , ou por castigo do que fizeraõ , ou por castigo do que poderiaõ fazer ; e com effeito o poderem algum tempo delinquir , ja lhes serve de delicto ; nellas o mal futuro , e incerto , ja se suppoem presente ; o poder algum dia succeder , val o mesmo que o sucesso ; a disposiçaõ para ser , he o mesmo que ter sido ; a possibilidade he o mesmo que

que realidade ; e desta sorte , aquelle castigo , chega primeiro que o pecado , e aquella pena vem primeiro do que a culpa ; o suppicio antecede o crime. Cruel cautella , vingança premeditada ! A vaidade , e ciume dos homens , parece que accusaõ as mulheres , ainda antes de nascerem ; as mesmas partes saõ juizes ; por isso logo vaõ prevenindo os carceres , para donde destinaõ aquellas infelices , e para donde as conduzem , antes que ellas se conheçaõ , e poucos annos depois que nascem : assim devia ser , porque sempre foy propriedade da viétilma o ser inocente ; alli se vaõ costumando aos ferros , á maneira de huma fera preza , que ja naõ sente o pezo da cadea , antes com ella joga , e se diverte , á proporçaõ que a arrasta , e move . Prendem se as feras , e tambem se prendem as mulheres ; aquellas por causa da braveza , estas por

por causa da mansidaõ ; aquellas porque se enfurecem , estas porque se enternecem ; aquellas porque assustaõ , estas porque agradaõ ; humas porque he necessário fugir dellas , outras porque he necessário que ellas fujaõ ; e finalmente humas porque mataõ , e outras porque daõ vida. A prizaõ , com pouca diferença he a mesma , os motivos saõ contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vaõ desentranhar as feras; prendem-se para que naõ façaõ mal; este he o pretexto , porém a verdade he que se prendem ás feras , para que sirvaõ de recreyo , e tambem de lisonja á vaidade em ver sujeito por industria ; e arte , aquillo que se naõ sujeita por força , nem vontade. As mulheres que forao encaminhadas para os Claustros , he para que sigaõ nelles o exercicio das virtudes ; este he o pretexto , porém a verdade commummente he para que

que as mulheres naõ se inclinem , nem amem desigualmente. O interesse he da vaidade ; por isso as mulheres , que se offerecem a Deos por aquelle modo , naõ se offerecem mais do que á vaidade. Saõ , como oblações de engano , que sendo a apparencia huma , o objecto he outro ; e saõ como o incenso , que se faz arder em huma parte, para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginaõ os homens , que haõ de enganar a Deos , e para isto , entraõ primeiro a enganarse a si ; comecaõ a querer persuadirse que obraõ bem , e se a consciencia os contradiz , e inquieta , para a suffocar naõ faltaõ opiniões , doutrinas , e conselhos ; tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circunstancias , fique parecendo licita a impiedade , e a transgressão , e a violencia. A regra de que hum mal he permittido para evitarse outro mayor,

tem os homens estendido , e subtilizado tanto , que de illaçāo em illaçāo vem a chegar ao ponto , que naō ha mal por mayor que seja , que naō seja toleravel ; e da mesma forte , de consequencia em consequencia vem a concluir , que naō ha iniquidade que naō seja ás vezes necessaria , nem injustiça , que naō seja justa. Pren- daó-se pois as mulheres para que se evite o mal de que ellas amem ; sejaó conduzidas por força para os Claustros , para que naō succeda que as amémos nós ; sayão do berço para aquellas sepulturas , porque pôde ha- ver perigo na demora ; e assim co- nheçaó a morte , antes de conhecerem a vida ; e saibaó como he a prizaó , antes de saberem como he a liberda- de.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspecti- va tal , que vistas de hum certo mo- do

do , fiquem parecendo o que nós queremos , que ellas sejaõ , e naõ o que elles saõ. O discurso he como hum instrumento lizonjeiro , por meyo do qual vemos as couſas ; grandes , ou pequenas , falsas , ou verdadeiras. O nosso pensamento naõ se accomoda ás couſas , accomoda-se áo nosso gosto. O amor , a vaidade , e o interesse saõ os moldes em que as couſas se formaõ , e configuraõ para se appresentarem a nós ; e com effeito nenhuma couſa se nos mostra como he , contra noſſa vontade. Nunca estamos taõ indifferentes , como nos parece ; as paixões naõ consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que nos naõ importa , costuma levar comigo hum interesse occulto , por iſſo nos importa mais. O amor , e a vaidade ás vezes se concentraõ , e disfarçaõ tanto , que nós mesmos dentro de nós , os naõ podemos

mos descobrir ; apenas se fazem visíveis pelas obras ; semelhantes ao fogo escondido na pederneira , que se não deixa ver , se não he incitado pelo impulso do fuzil : daqui vem que tudo o que fazemos , he sem perceber o principio porque fazemos ; por isso o que se faz por amor , ou vaidade , parece-nos que he feito por zelo , ou por virtude . Qual he o hypocrita , que conhece a sua hypocrisia ? Qual he o vanglorioso , que conhece a sua vaidade ? Qual he o amante , que conhece o seu delirio ? Que fácil coufa he o distinguir tudo nos outros , e que difficultoso o distinguir alguma cousa em si ! Qual he o pây , a quem o filho parece enorme ? Não só ha geração de filhos ; tambem ha geração de acções : as nossas maldades não nos parecem mal , porque saõ nossas , nós fomos os que as produzimos : a natureza não só he máy do que

que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoso; he piedosa ainda com hum monstro, naõ por ser monstro, mas porque ella o fez: a terra naõ só cria a rosa, mas tambem os seus espinhos; naõ se empenha em produzir o bom, mas em produzir a perfeição de alguma sorte naõ se comprehende na ordem da maternidade, mas he cousa como adventicia, estrangeira, e accidental. Nas accções dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as accções, contenta-se com ser progenitora; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar; a qualidade da obra, he eleição do amor, do interesse, e da vaidade. Origem depravada, pessimos consultores! Que pôde obrar o amor, se naõ desfarios? Que se pôde

pôde esperar do interesse , senão in-
justiças ; e a vaidade que pôde fazer
senão tyrannias ? Estas são as que
guião para os Clauistros tantas fermo-
suras desgraçadas : não são desgra-
çadas por harem para os Clauistros ,
mas pelo modo com que vão . Que
mayor desgraça do que deixar o mun-
do por força , e ficar nelle por gosto ?
Como há de chegar á terra de pro-
missão , quem leva o Egypto na me-
moria ? Quantas estatuas de sal se ha-
viaõ de ver , se ás mulheres se con-
vertesseem nellas por olharem para o
seculo que deixaõ ! As galas com que
tão ornadas , he o encanto que lhes
vay suspendendo , é enganando a dor ;
semelhantes ao cordeiro manso , que
primeiro o cobrem de flores , para o
hirem entregar ás châminas : ornatos
alegres , e luzidos , mas funeraes !
Quaes são las mulheres que não cho-
raõ ao proferir das palavras fataes ,
por-

porque se obrigaõ até a morte? Esta sentença irrevogavel elles mésmas saõ as que cantando em altas vozes a publicaõ: mas que pouco pôde encobrir o fingimento do canto, a verdade da lamentaõ! Que doçura pôde haver em huma voz agonizante? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto; aquillo naõ saõ vozes, saõ eccos do coraçaõ; o echo he o fim da voz que acaba; por isso todo o echo he triste, porque he fim; e com effeito o que se vê naquella hora, he o fim de huma mulher que acaba: o mesmo véo que acobre, he luto; tudo nella saõ finaes de affligençaõ, e de tormento, por isso leva os olhos abatidos, errantes, e confusos; os passos mal seguros, o aspecto vacilante, e timido, e assim mais parece, que caminha para o tumulo, que para o talâmo: as lagrimas fieis interpretes da alma; saõ as pri-

primeiras que reclamaõ tudo quanto
alli se diz , e se promette ; ellas ne-
gaõ o que as palavras affirmaõ : a
quem havemos de crer mais ? Pelas
lágrimas se explica a alma , pelas
palavras muitas vezes se explica o
engano : quem chora certamente
sente ; quem falla só se exprime : por
força podemos dizer o que naõ que-
remos ; nem sentimos , mas naõ se
põe de sentir , nem querer por força ,
aquillo que na verdade nem se sente ,
nem se quer : a lingua sabe mentir ,
os olhos naõ ; por isso os votos , que
se fazem com violencia , sempre se
fazem com lágrimas , e tambem por
isso raras vezes se cumprem ; porque
o coraçaõ , e a vontade naõ promet-
teraõ nada : aquillo que só exterior-
mente se promette , só exteriormen-
te se guarda ; as palavras sem tençaõ
naõ formaõ Sacramento , o que se
faz por temor , naõ obriga : hum sa-
crificio

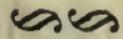
crificio involuntario , he sacrificio de sangue , e Déos uaõ se agrada já dos holocaustos.

Más que grande diferença vay de huma mulher , que professou por força ; a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nelle de lugar : ambas entraraõ no Templo , porém huma só entrou para o profanar ; huma foy chàmada por Deos , a outra foy mandada pelos homens ; huma foy para achár hum Esposo divino , a outra foy porque naõ achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religiao , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ , porém couzas contrarias ; porque o que huma professou , naõ quiz professar a outra ; ambas differaõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra tam-

bem disse do coraçāo ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a ceremo-
nia ; huma fez o que a outra repre-
sentou ; huma fez o que mostrava
que fazia , a outra só fez a fórmā ,
ou a figura : ambas se obrigaraõ aos
tres votos , porém huma foy com-
tençaõ de os observar , e á outra foy
sem tençaõ nenhuma de os cumprir ;
e isto he porque huma deixou os
seus pensamentos fóra , e a outra
nem os deixou , nem os levou : am-
bas hiaõ para jurar guerra ao amor ,
e á vaidade , porém huma ainda que-
ria paz com a vaidade , e com o amor ;
esta ainda tinha os idолос inteiros , e
a outra , ou os naõ tinha , ou os ti-
nha ja quebrados : finalmente am-
bas estavaõ no caminho da virtude ,
mas nem por isso eraõ ambas virtuo-
sas ; por hum mesmo caminho hiaõ
a partes differentes : o mesmo ven-
to serve para muitos rumos ; a mes-
ma

ma estrella serve de guia , para os que negavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; no mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte ; as cousas que saõ contrarias no fim , as vezes saõ as mesmas no principio ; de hum mesmo tronco nascem ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiao he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a ninguem se ha de fazer subir por força ; porque entao ha o risco de cahir . Muitas mulheres entraõ nas Clausuras , porém humas vaõ ser pedras de escandalo , e outras vaõ ser imagens de huma alma santa ; humas vaõ perverter , e outras edificar ; estas saõ as que estando ainda na terra , ja estaõ vendo os Ceos abertos : almas ditosas , pois que do instante em que forao buscar a Deos , logo comessa- raõ a ser bemaventuradas ! E que

bem vieraõ a saber, que para achar a Deos, basta o buscallo: unidas em espirito a hum Esposo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he supremo, e cuja misericordia he infinita, ja parece que vivem transformadas nelle. Feliz semelhança de huma transsubstanciação prodigiosa ! E quem duvida que he celestial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos ? Por isso nella pôde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta, e fortifica : a mortificaçao naõ lhe serve de tormento, de alivio sim; o seu martyrio he a sua gloria. Que meyo admiravel de converter em gosto as penalidades da vida; e que remedio infallivel, para que a dor sirva de delicia !



Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens cho-

chovaõ rayos , nada atemorisa a huma consciencia justa : a virtude levá comigo a tranquilidade ; esta he semelhante a hum dia sereno , e claro , em que todo o horizonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante , e igual ; e em que toda a natureza se alegra , enche de vigor , e alento : entaõ se vê que os campos variamente matisados , mostraõ a verdura mais viçosa , e que de mil producções diversas formaõ hum labyrinto fácil , vivo , e agradavel ; entaõ o ar puro , e immovel , faz que as fontes corraõ , e naõ murturem ; que as aves cantem com mais suavidade , e mais ternura ; e que as flores cresçaõ livremente : assim devia ser , porque em hum bello dia , naõ ha vento que encrespe as aguas , que perturbe as aves , e que desfolhe as flores : só entaõ he que os montes saõ amphitheatros , que servem de decoração aos

aos valles; e estes pelo seu silencio, saõ os que despertaõ na memoria, huma contemplaçāo activa, cheya de fervor, e saudade: finalmente em huma alma virtuosa tudo he descanço, e paz. Neste estado vive aquella que foy ser Religiosa verdadeira; a outra que só o foy no modo da ceremonia, vive afflicta, arrependida, e embaracada; tudo parece que lhe foge; nada alcança, sempre traz opprimida a vontade, o desejo ancioso, a esperança cançada, os passos irresolutos, e o pensamento ocupado em ambições, amores, e vaidades. Naõ pôde haver maior desascoego porque a ambição, por mais que consiga, nunca se contenta, e a inveja que a acompanha, só lhe faz notar com averysaõ os bens, dos outros; a vaidade em presumpções, e altivezes, se consome; a arrogancia que lhe assiste, para sua con-

confusaõ , faz acordar nas gentes a noticia de huma origem miseravel , e por consequencia de hum injusto ; e mal fundado orgulho : o amor todo se compoem de ancias ; e suspiros ; hum amante , só em quanto chora , he firme ; ama em quanto tem de que se queixe ; o que faz acabar o amor , he a ventura : rigorosa felicidade , pois que para existir , he necessario que naõ chegue , e para durar , he necessario que a naõ haja ! Sempre o amor dependeo de contradicções , e de implicacias : e assim se vê que a vaidade , o amor , e ambiçaõ , saõ os verdugos de huma alma peccadora ; por isso vive em sobresaltos , e vive cuidadosa sem saber de que , e inquieta sem saber por que . O encanto da culpa , por mais que lhe tire a lembrança dos motivos , naõ lhe pôde tirar a angustia delles ; a cada passo lhe parece que a terra se sub-

subverte, ou que se abre o abysmo; o ruido de huma folha que cahe, a suspende; em cada voz cuida que ouve a fatal sentença, que sendo dada condicionalmente no principio do mundo, só se publica no fim dele. O sabio que comparou o ciume ao Inferno, talvez que melhor fizera, se ao Inferno comparasse a fealdade do peccado, e com effeito se ha cousa que se pareça ao Inferno, certamente he o peccado, e à este só o Inferno pôde ser de algum modo comparavel: assim devia ser, porque huma cousa foy feita para a outra. Entre tudo o que causa espanto, só o horror de huma noite escura he semelhante á culpa; e na verdade que mayor horror do que ver a terra coberta de sombras, e combatida de huma tormenta furiosa? As pedras parece que se quebraõ, as torres que se precipitaõ, os edificios que se aba-

abatem, e as arvores que se arran-
caõ: a força da tempestade, tudo o
que encontra desfaz, e despedaça
tudo o que resiste; o que he solido,
e seguro, está mais exposto, e arris-
cado; na fortaleza consiste o mayor
perigo: ja naõ he hum, mas muitos
ventos que entre si pelejaõ; as gen-
tes humas assombradas, buscaõ nas
planicies hum emparo menos duvi-
doso; as mesmas feras deixaõ as ca-
vernias; a todos parece que he me-
nor o mal, entregando-se a elle sem
abrigo, e sem defensa; outras com
suplicas, com votos, e protestos,
recorrem ao favor da Omnipotencia,
e procuraõ achar nos templos hum
asylo sagrado; a luz dos relampagos
repentina, e palida, a cada instanté
se mostra, e os olhos timidos, e af-
fustados, tambem a cada instanté se
fechaõ; alguma vez havia de fazer
pavor a luz: segue-se depois hum
Hh dilu-

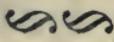
diluvio de agua ; abrem-se as cataratas do Ceo ; os elementos se unem, como para destruir a habitação , e habitadores da terra ; mil inundações conduzem para o mar os finaes lastimosos das ruinas ; alguma vez havia de ser o mar quem recebesse em si os restos do naufragio. Esta pintura que a imaginação dibuxa , e que a experiência mostra , he o retrato de huma alma em culpa ; esta debaixo de hum semblante alegre , encobre sustos , temores , e agonias ; o peccado tem horas em que dentro de nós mesmos nos accusa , e essas são as horas por onde começa a pena do peccado ; o conhecer o crime he por onde começa o castigo delle : e quem ha que não conheça a sua culpa ? Esta o que a faz criminosa , he o conhecella ; a innocencia não he mais do que huma falta de saber ; a ignorancia faz os brutos impeccaveis.

To-

Todas as mulheres sabem que o buscar a Clausura por vontade , he o meyo de evitar o vicio ; mas que importa ? Nem por isso vaõ por aquelle caminho , se as naõ levaõ ; naõ bas-ta que as guiem , se tambem as naõ arrastaõ. Cruel condiçao da natureza humana ! Que occulta sympathia terá comnosco o mal , que antes o queremos seguir por entre espinhos , do que ao bem por entre rosas ? O caminho , que conduz para as felicidades do Ceo , por mais que seja largo , e alegre , parece-nos estreito , e triste ; e aquelle que conduz para as felicidades da terra , por mais que seja triste , e estreito , parece-nos alegre , e largo ; mas que ha de ser , se somos terra. Compramos o vicio á custa de trabalhos , e afflicções ; a virtude naõ a queremos de graça ; ao vicio estimamos , porque depende de objectos exteriores , e estes mui-

tas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para sermos máos , necessitamos de occasião . Quantos danos traz comigo a facilidade ! Os três votos , que se julgaõ taõ pezados quando se professaõ , saõ os mesmos com que todos vem ao mundo ; todos nascem pobres , castos , e obedientes : a pobreza , e a obediencia quem as conserva he por força ; a castidade só por vontade se pode conservar ; e com effeito quem ha de segurar hum voto , que se quebra só com o desejo ? A castidade do corpo difficultosamente se guarda , a da alma , ainda com mais dificuldade , naõ sey em qual das duas consiste a castidade verdadeira ; se consiste na do corpo , essa he material , e está sujeita a mil enfermidades , e acci-

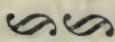
accidentes , e talvez pôde perderse sem consentimento de quem a perde ; e seria injusto , que huma qualidade taõ bella , e em que se funda a virtude mais superior , ficasse dependente da força , do tempo , da opiniao , e tambem de algum successo involuntario : he pois na alma o donde consiste a castidade mais perfeita , e verdadeira ; mas fendo assim , donde se ha de achar a castidade ; pois para corromperse , basta hum instante de vontade , de inclinacao , de pensamento , de amor ?



Na republica das letras naõ ha menos vaidade que na republica das armas ; sim he huma vaidade metaphysica , espiritual , e que na sua origem tem huma existencia vaga , e inconstante ; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto ; saõ os discursos ,

sos , é a disputa , objectos sem corpo , vãos por natureza , e por instituto. O campo desta vaidade he a imaginaçāo : campo vasto ainda quando he infecundo ; e que brota lirios , e violas , quando não produz rosas , e assucenas. Assim que entramos no mundo , entramos também a defender a nossa opiniaõ ; neste combate se passa inteiramente a vida : a guerra do entendimento não tem fim senão comnosoço ; guerra feliz em que ninguem fica vencido , ou ao menos em que ninguem crê que o foy , e em que cada hum pela sua parte canta a vitoria ! A razaõ nos arma contra a razaõ mesma ; cada hum cuida que a tem por si , que a vê , que a toca , e que a conhece ; sendo que quasi sempre , o que temos por razaõ , não he mais do que huma sombra della , e ainda essa mesma sombra he tão escura , e es-

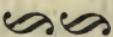
condida, que quando a encontramos, he mais por sorte que por experientia, e mais por accaso que por estudo. O ter, ou naõ ter razaõ, he verdadeiramente a guerra em que se passão os nossos dias, e os nossos annos. O naõ ter razaõ argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos estes para que a vaidade os reconheça?



Contra o nosso parecer, nunca achamos duvida bastante, contra o dos outros sim. A vaidade he engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producções do engenho ha huma especie de creaçao; daqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da

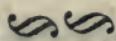
in-

invençāo ; queremos produzir muito , e meditar pouco , por isso erramos ; mas depois que o erro se naturalisa em nós , ja o naõ vemos , se naõ com a figura de razaō .



He mais facil sustentar huma opinião má , do que escolher huma boa ; porque o erro he como hum edificio , cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos ; com algum deste encontra o discurso facilmente , porque saõ muitos , em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meyo de huma esphera ; o discurso que anda vagando á roda , naõ vê o ponto , porque este he só hum ; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre : saõ innumeraveis as linhas , que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum ; alguma li- uha ha de verse , porque saõ muitas ,
e o

e o centro naõ , porque he unico : a superficie do globo impede o poder ver se a sua concavidade ; ou se ha de ver huma coufa , ou outra ; ambas ao mesmo tempo naõ pôde ser.



Sobre o mesmo caso , ha muitas opiniões más , e só huma he boa ; por isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vaõ ter a huma má opinião , e só hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma forma , por isso he difficultosa ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada coufa que vemos , he por entre huma infinidade de outras coufas ; a opiniao tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opiniões ; e da mesma sorte a razão , que se offrece , he por entre huma infinidade

de outras razões; neste labyrintho nos perdemos. Cada coufa tem tantas partes por onde se considere, que de qualquer modo que a imaginemos, sempre achamos argumentos, que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmaõ o acerto: daqui vem que ha opiniões para tudo, assim como para tudo ha exemplos. Aquillo, que nos parece que he sem duvida, he donde ás vezes a ha mayor. As aguas do Oceano, por mais que sejaõ crystallinas, nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustentas; que importa que sejaõ claras, se saõ profundas? Récebemos as idéas, que o entendimento nos propoem, ou certas, ou duvidosas; e assim as conservamos: o emendallas he difficult, porque a emenda depende do mesmo entendimento, que erra. A vaidade faz a obstinação, porque he como hum juiz inexoravel, que nunca muda,

da , nem refórma ; se he que o amor da producçāo naõ concorre ainda mais.



A vaidade de adquirir nome , he inseparavel de todos os que seguem a occupaçāo das letras ; e quanto maior he a vaidade de cada hum , tanto he maior a sua applicaçāo : naõ estudaõ para saberem , mas para que se saiba que elles sabem ; buscaõ a sciencia para a mostrarem ; o seu objecto principal he a ostentação , e assim naõ he a sciencia que buscaõ , mas a reputação ; esta he como as outras , em que o adquirir he mais facil que o conservar ; e verdadeiramente o conseguirse hum nome , pôde ser obra de hum dia , ou de huma hora ; o conservallo he empreza de toda a vida . Do accaso de hum successo pôde resultar hum nome grande , mas de hum accaso ,

naõ pôde resultar a conservaçao de
le. Bem se pôde ser feliz por accaso ;
mas naõ se pôde por accaso ser sem-
pre feliz. A fortuna naõ só governa
as armas , mas tambem as letras ; por-
que a memoria , se huma vez se per-
mitte com abundâancia , nega-se mil.
Em qualquer estado , se tem a repu-
taçao por felicidade ; porém esta he
dificil conservarse á proporçao que
he grande. Algumas vezes pôde de-
pender de nós o buscar huma occa-
siaõ favoravel , de que venha a proce-
der hum grande nome ; porém naõ
está na nossa maõ o fazello durar.
Hum merecimento ; ou hum saber
pequeno , pôde fazer adquirir huma
grande fama , e o mayor merecimen-
to junto ao mayor saber , naõ basta
para a conservar. Por mais bem fun-
dada que seja huma grande reputa-
çao , nem por isso he possivel o ter
segura a opiniao das gentes. Os ho-

mens cançaõ-se de admirar ; passados os primeiros movimentos em que as couſas raras , irattrahem , como por força , o nosso louvor , e approvação ; depois , a vaidade de quem admira , he a primeira que se desgosta ; irrita-se contra tudo o que he superior . Huma qualidade eminentē que vemos nos outros , fica-nos sendo como huma qualidade adversaria , e opposta . A vaidade , ou a inveja , que ella produz , naõ só se dirige contra a opulencia alheya , mas tambem contra a alheya sabedoria ; a sciencia naõ tem mayor inimigo , que a ignorancia : tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista , e à atençao ; só o que está no lugar em que nós estamos , naõ nos offende . A igualdade , e uniformidade he natural em tudo ; por isso os que se afastaõ desta ley univerſal , ficaõ sendo odiosos aos que se conservaõ nella .

nella. Ha muitos meyos para subir ; a vaidade lhe aí que guia a todos ; e com efeito sem vaidade ninguem sobe ; nem procura subir ; estes sim ficão confundidos em huma vulgaridade escura ; mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem , são justos , ou injustos ; as azas da vaidade também se derretem . Quem não tem vaidade não desperta a dos outros contra si .

Ost quei cremlque sabem mais que os outros , sól se enganaõ , ou se persuadem i bem : se se enganaõ ; o mesmo engano lhes serve de ludibrio ; se se persuadem bem , a vaidade da sciencia os faz tão ferozes , e severos , que ficaõ sendo insopportaveis . A sciencia humana commumente se reveste de humar intratável ; imagem tosca , desagradavel , e impolida . A especulação traz consigo hum semblante

blante distraido, e desprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrómpem no homem; porque este he como hum vaso de iniquidade, que tudo o que passa por elle, fica inficionado: as couzas trabalhaõ por se accommodarem ao lugar donde estao, e por tomarem delle as propriedades, só com a diferença, de que as couzas boas fazem-se más, porém estas não se fazem boas. Nas sociedades, o mal he mais comunicavel; a perdição he mais natural; o que he bom mais depressa tende a perderse, que a melhorar se; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza, nem persistem nelles, nem retrocedem para o estado da verdura; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem; por isso o ultimo grão de perfeição, costuma ser o primeiro na ordem da corrupção. Naquillo em que

que a Providencia não predefinio hum ser permanente, e inalteravel, a natureza não cessa de moverse em quanto não desfaz, em quanto não corrompe, e em quanto não acaba. A sciencia acha no homem propensão para a vingança, para a ira, para a ambição, e para a vaidade; nenhuma destas inclinações lhe tira, antes as conforta; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo; assim como o acha, assim mesmo o deixa. As noticias, que alguns forão alcançando pela sucessão dos tempos, e que para as fazerem respeitaveis, e as conservarem bem huma magestade primitiva, as forão caracterizando com nomes pomposos, e pouco intelligíveis, huns Latinos, outros Gregos, outros Arabicos; como Filosofia, Geometria, Algebra, essas taeas noticias a que chamaõ sciencias, não se adquirem brevemente, nem he-
sup tra-

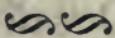
trabalho de hum dia ; mas de muitos annos , e de toda a vida ; e desta forte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar comosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinações ; e nesta forma quando as sciencias chegaõ , naõ he para nos emendar , porque ja vem tarde ; e se entaõ nos emendamos , essa emenda naõ he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade . Os homens mais facilmente se mudaõ , do que se emendaõ ; quem muda he o tempo , a sciencia naõ . Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda entaõ o que perdemos , he o uso delles , e naõ a vontade ; largamos o exercicio , e naõ o affecto ; desistimos da occupação , e naõ da inclinação ; e finalmente nós naõ somos os que

deixamos os vicios, elles saõ os que nos deixaõ; nós os seguimos de longe, e por mais que os sigamos cansados, nunca os perdemos de vista; quando naõ podemos ir, os objectos nos arrebataõ: a memoria dos nossos vicios passados, nos está servindo de vicio presente; e quem sabe quaes saõ os que obraõ com mais vigor, e mais activamente? A imaginaçao naõ he cousa taõ sem corpo como nos parece; talvez que naõ tenha de menos que o ser mais subtil, e desta qualidade o que pôde resultar, he o ser mais duravel. Naõ sey se houve ja quem reparasse, que o gosto dos successos saõ menos attractivos na realidade, do que saõ depois lembrados; a complacencia naõ he taõ forte, quando a primeira vez se mostra na verdade, como quando se repete na lembrança, e se representa sempre; o susto do perigo naõ he taõ gran-

grande no instante que succede , como he depois que se recorda ; e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pasmo tal , que fica como absorto , immovel , e insensivel ; só a imaginaçāo naõ se entorpece facilmente , por isso recebe as impressões do gosto , e do pezar , em toda a sua força , e em toda a sua extensaō ; o pensamento he o lugar em que a natureza se concentra , e fortifica ; daqui vem que tudo quanto se sente , ou se vê com o pensamento , fica sendo mais visivel , e mais sensivel . Naõ he pois a sciencia a que nos ensina , o tempo sim ; a sciencia he como hum crystal claro , que posto sobre huma má pintura , sim lhe dá lustro , mas naõ a faz melhor , nem de mais valor ; a luz que he symbolo da perfeiçāo , naõ faz mais perfeito nada do que alumea : cada cousa guarda o seu defeito original ; e assim devia ser ,

ser, porque a natureza de cada cousa tambem se compoem do seu defeito, e este quem lho tira, desmancha a mesma cousa, porque a desune, e a separa: sem qualquer composto naõ só ha parte principal o que ha nelle de excellente, mas tambem aquillo que tem de inferior; o dividillo ou emendallo seria o mesmo que perde-lo: em hum medicamento tambem entra o simples amargofo, e este se se tira, fica o remedio sem virtude. Tudo ha singular na sua specie: o verdadeiro ser das cousas naõ depende da approvaçao do nosso gosto; de parecer mal, naõ se segue que o seja; as cousas menos estimaveis, e ainda as mais aborrecidas, tiverao famosos Apologistas; nós regulamos tudo pela nossa sensibilidade, e nesta he que costuma haver o engano; isto vem a ser o mesmo que pezar por hum pezo falso; medir por huma me-

medida errada ; e calcular por hum compasso incerto : a infidelidade está no instrumento que peza , e que mede ; tudo o que julgamos , he segundo a nossa razaõ , e segundo a nossa sciencia ; miseravel instrumento , mil vezes falso , e enganoso ! A ignorancia tem produzido menos erros que a sciencia ; esta o que tem de mais , he que sabe introduzir , espalhar , e authorisar ; e segundo a nossa vaidade o errar importa pouco ; o ponto he sustentar o erro ; e nesta forma o que a sciencia nos traz , he sabermos errar com methodo .



E com effeito em que se acordaõ os sabios ? Qual he a doutrina em que todos concordaõ , qual he o systema em que todos convem , ou qual he o principio em que todos se fundaõ ? Só a vaidade he certa em todos . Naõ ha furor a que hum homem

mem se naõ entregue , só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma , ou de huma opiniao . Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia , que se diz ser a primeira das sciencias . Os discipulos de Aristoteles dividiraõ -se em duas seitas , ou em duas parcialidades ; huma foy a que chamaõ Nominaes , e outra a dos Realistas ; os Nominaes diziaõ , que as naturezas universaes naõ eraõ outra cousa mais do que nomes ; os Realistas , seguindo opiniao contraria , affirmavaõ , que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ na realidade . Occaõ , Frade Inglez , e discípulo de Scoto , foy o cabeça dos Nominaes , e Joaõ Duns o era dos Realistas : estes seguiam a Aristoteles mais literalmente ; os outros naõ admittiaõ nenhuma entidade superflua , tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofor , quando diz , que

que a natureza nada faz em vão. Estas duas seitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso , que huma materia inutil , indiferente , e puramente de opiniao , vejo a parar em fazerse della hum ponto de honra ; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excesso a todos , que os argumentos só se decidiaõ pelas armas ; os combates particulares vierão finalmente a reduzirse a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo phanatismo em França , e chegou a tanto extremo , que Luiz XII. para o evitar , determinou , que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes , para que ninguem os pudesse abrir , nem ler. Daquella sorte vejo a ficar a doutrina de Aristoteles taõ desfigurada , pelas subtilezas com que cada hum queria sustentar a vaidade da sua opiniao , que essa foy a causa principal

pal de desprezarse a Filosofia , e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles forão levados a França no seculo treze pelos Frâncezes , que tinhaõ ido a Constantinopla ; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios daquelle Filosofo , foy condenado como Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles , e condonou os. seus livros ao fogo : a mesma prohibiçao se tornou a renovar por hum Legado , sómente a respeito da Fysica , e Metaphysica. Gregorio IX. diminuiu a prohibiçao do Concilio de Pariz por huma Bullâ expedida em 1231; prohibindo a leitura das obras de Aristoteles , sómente em quanto se naõ extirpavaõ os erros , que resultavaõ , ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366. os Cardeas Joaõ de S. Marcos ,

cos , e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz , concederaõ , que se pudessem ler varias obras de Aristoteles , excepçundo a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452. fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII. ordenou que os Estudantes , e Bachareis fossem examinados pela Metaphysica , e Moral de Aristoteles . Em 1601. concedeo á Universidade de Pariz o uso , e liçaõ das obras daquelle Filosofo , e juntamente da sua Physica ; e á imitação da Universidade começaraõ todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica ; esta foy combatida em 1624. por conclusões ; porém a faculdade de Theologia de Pariz , e o Parlamento , tomou a sua defeza : a Sorbona fez hum Decreto , pelo qual censurou aquellas Conclu-

sões, se o Parlamento pôr hum Acordo ordenou tres cousas; a primeira que aquellas Conclusões fossem laceradas; a segunda, que todos os que as tivessem defendido, fossem riscados dos livros das matriculas; a terceira, que todos os que ensinassem algumas maximas, que fossem contrarias aos Authores antigos, e aprovados, incorressem em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento, que se não podia impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles, sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholaística recebida na Igreja; porém naõ obstante todas estas prohibições, e declarações, entrou Gassendo a escrever contra aquelles principios; e Cartesio fe-se cabeça de hum novo sistema, ou nova feita. Depois destes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre: hoje as Filosofias todas

se compoem de Mathēmaticas; ndē
forte que ja naō hā syllogismo, que
conclua, senaō he fundado em algu-
ma demonstraō Geometrica; na
Physica naō se está pelo que se diz, se-
naō pelo que se vê; pouco importa
que se affirme que este, ou aquelle
Metéoro oprocede destas, ou daquel-
la causa; se isso se naō amostra por
meyo de alguma experientia, ou ins-
trumento. A formaō das nuvens,
do vento, da chuva, dos rayos, e
terremotos, e de outros muitos effei-
tos naturaes; a Chimica naō só ensina
como se produzem; mas tāmbem os
imita; e isto sem ser necessario saber
se o Syllogismo está em *Barbara*, ou
em *Celarent*. Hum Lambique, hum
Eolipilo, huma máquina Pneumati-
ca, e a mistura de varios corpos, ex-
plicaō mais em huma hora, do que
hum professor de Filosofia em muito
tempo; o entendimento percebē me-

Ihor fendo ajudado pelos olhos , do que só por si . Nas mais sciencias tambem tem havido fortunas , e desgraças ; todas encontraraõ hum tempo feliz , e outro infausto : a vaidade dos primeiros Mestres , continuada em seus sucessores como herança , foy a fonte, em que nasceraõ as sciencias ; destas a Mônarquia principal , he a Europa ; na mayor parte do mundo , o desprezo das sciencias passou á Religiao ; assim devia ser porque a vaidade , que resulta das sciencias , he vaidade de homens livres , e estes só os ha na Europa ; o Dispotismo reduziõ as outras partes a escravidaõ . Que vaidade pôde haver em hum escravo ? Este ou seja valeroso , ou sabio , nada disso he seu : o valor , e sabedoria tambem entraõ na escravidão ; a vaidade que o escravo pôde ter , tambem pertence ao Senhor : o edificio , a carroça triunfal , o al-

fange , a pendula , saõ instrumentos incapazes de vaidade em si ; da bondade delles só o Senhor se desvanece : assim saõ os escravos ; se ha Automates no mundo , saõ elles.



A vaidade das letras he mayor do que a vaidade das armas ; estas sim tem occasiões de mayor pompa , de mayor grandeza , e de mayor admiraçao ; mas tudo nas armas he semelhante ao rayo , cuja luz , e estrepito se extingue em hum instante . Os Heróes nunca chegaõ a durar hum século ; as suas accções naõ duraõ mais , se a fortuna lhes naõ dá na república das letras alguma penna illustre , que conserve a vida daquellas mesmas acções ; ja succedidas , ja passadas , e ja mortas . A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica na apparencia , naõ deixa de ser altiva , e arrogante . As aguas , que vaõ fazendo

do escumas ; e que correm com ruido , naõ saõ as que assustaõ mais ; aquellas , que parecem negras , que passaõ em silencio ; e que apenas se movem , essas saõ donde o perigo he certo : nas prayas he donde o mar se levanta mais , e faz estrondo ; donde he pego verdadeiro , em que as ondas como em campo largo em si mesmas se abrem , se suspendem , e revolvem , naõ tem o mar bramidos , nem furor , mas he lá donde o risco he grande . O damno naõ costuma estar tanto donde se mostra , como donde se esconde : assim saõ as letras , e assim saõ as armas ; estas fazem o rumor aquellas o estrago : as armas fazem o mal , mas acabaõ com elle , as letras o mal que fazem , dura ; as armas cançao , as letras naõ ; a espada nem sempre pôde usar de força , e de traíçao ; a pena sempre pôde ser traidora , e aleivosa ; he arma ob

que naõ pôde acautelar-se; quanto mais leve, e mais subtil, mais perigosa; daqui vem o ferem as letras de algum modo inexpugnaveis, e por consequencia vaidosas, porque o ser invencivel precisamente influe vaidade; o combate das sciencias entre si, saõ combates invisiveis, em que ninguem se rende; e o renderse valeria o mesmo, que huma confissaõ expressa de ignorancia; e com effeito, de quem cede, nunca se prezume haver cedido, porque conheceo a razao alheya, mas por falta de saber sustentar a sua; a fraquezza naõ se attribue á proposiçao, mas á quem a defende; de sorte, que a sciencia naõ consiste em saber conhecer, mas em saber responder, e arguir; por isso quem mais disse, he quem mais soube: as letraõ naõ se costumaõ tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-se recommendaveis pela extensaõ; o pon-

ponto he que cresçaõ na quātidade ;
a qualidaõ he materia indifferente ;
ellas naõ avultaõ pelo que soão ; mas
pelo que soão ; regulaõ-se pelo appa-
rato , e naõ pela substânciæ ; estimaõ-
se pelo que parecem , e naõ pelo que
valem ; o que importa nellas , he ter
no exterior hum brilhante falso , cu-
jo resplendor furtado escandalize os
olhos de quem o quizer ver de per-
to ; basta que a attenção fique assom-
brada com o aspecto de huma ima-
gem nova , ainda que na verdade naõ
seja mais que huma fantasma ; a su-
perficie deve estar coberta de huma
claridade intensa , e forte ; o fundo
seja embora confusaõ , cégueira ,
cahos . Só o que he precioso , he to-
do o mesmo em si , e o mesmo em
todas as suas dimensões : o diamante
naõ tem parte em que naõ seja dia-
mante ; a roda que o pule , por mais
que lhe multiplique as faces , em to-
das

das o acha igualmente duro ; não he mais solido em hum lugar, que em outro ; a porção, que o engaste cobre, não he inferior á aquella que se mostra ; a luz por toda a parte encontra nelle a mesma resistencia , por isso retrocede reflectida , como em vibrações de varias cores. Não saõ assim commummente as letras ; o que ha nellas de agradavel, he o que fica exposto á vista , e por isso ornado de emblemas , de proporções , de correspondencias , e figuras ; o mais he hum labiryntho informe , rude , e indigesto ; o metal burnido applicado fora , não deixa ver por dentro o pão sem lustro , nem valor.



Saõ raros os quel nas letras buscaõ a sciencia ; o que buscaõ , he utilidade , e applauso ; este he objecto da vaidade , aquelle da ambição ; outros ha , que quando buscaõ as sci-

Mm encias ,

encias, nellas buscaõ tudo; naõ só interesse, plouvor, e approvaçaõ dos homens mas tambem hum quasi domínio delles; las letras saõ armas com que querem adquirir sobre los mais homens hum direito de conquista: esta idéa, ou esperança, parece que nasce com elles, e com elles cresce; ainda estaõ nos primeiros elementos das primeiras ártes, quando logo se propoem aquelle intento, e para este se encaminhaõ todos os seus passos; das virtudes, e dos vicios seguem aquelles, que conduzem para aquelle fim; e assim naõ saõ virtuosos, nem viciosos por natureza, mas por occasião: a natureza naõ os fez máos, nem bons; elles he que se fazem así, por seguirem o que a occasião pede. Sempre estaõ promptos para deixarem a virtude, e abraçarem o vicio, e tambem para deixarem este, e abraçarem a virtude, com

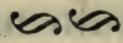
com tanto que disso dependa a sua elevaçāo. Deslealdade, fé, religião, hypocrisia, tudo para elles val o mesmo; olhaõ para os vicios, e virtudes, como para varios instrumentos de que hum artifice perito se saõbe servir a tempo, naõ segundo o que a razão pede, mas segundo o que pede a obra: para que ninguem os siga, nem conheça, vaõ desfazendo, ou escondendo os degráos por onde sobem, e só no ultimo de mostraõ, mas entaõ ja tem na mão o rayo, ja naõ saõ imagens de pequena consequencia; saõ constellações formidaveis, e funestas; à aquella altura nenhum incenso chega; o respeito mais profundo, he vulgar; o que exigem, he silencio, e adoraçāo; e ainda esta ha de ser de longe, porque o chegar a elles de algum modo, he sacrilegio. Os sabios venturofos, de tudo fazem azas, até das coisas

Mm ii mais

mais impropias para voar; por isso qualquer crime nelles fica sendo huma acção justa; nos outros huma culpa leve he delicto atroz: para tudo tem huma multidaão de applicações, e intelligencias; estas saõ as que daão ser a todas as suas cousas; e todas nas suas maõs mudão totalmente de figura; nada lhes parece como parece aos outros; querem reformar o mundo, pouco reformados em si; soberba, ambição, grandeza, saõ os tres polos, em que se estabelecem, e se fundão; aquelles saõ os Idolos, a quem unicamente sacrificão, e de quem elles saõ ao mesmo tempo, retratos, e originaes, idolos, e idolatras; Narcisos das suas acções, e sobre tudo das suas letras, elles saõ os primeiros que se admiraõ, e se applaudem; e tudo com tal arte, que aquella admiração sem fé, por ter nelles mesmos hum principio errado, e sus-

e suspeitoso , elles de tal sorte a espalhaõ , que depois de introduzida , vem a servirlhes de titulo legitimo ; e se ha por accaso quem duvide , ja he tarde , porque na fama tambem cabe prescripçaõ ; he como huma posse , que fica sendo prova do domínio. O vulgo tudo o que recebe , he sem exame , e depois , antes quer permanecer no erro , do que entrar a examinar ; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ , do que parar para os suspender : por isso os que adquirem opiniaõ de sabios , ficaõ graduados por acclamaçao , mas essa opiniaõ devem á fortuna , e naõ a si , porque as mais das vezes apenas saudaraõ de longe as letras ; e assim se verifica , que a quem tem fortuna , basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber naõ basta. Tanto he certo que as cousas se implicaõ , e confundem tanto , que nas mesmas razões

razões , em que se funda a razaõ que affirma , tambem se pôde fundar a razaõ que nega : daqui vem , que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desarma outro , para o deixar sem defesa , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discurso fabricamos armas contra nós , e essas saõ as mais fortes , porque he como hum mal que se forma dentro em nós , e que he maior á proporção que he nosso : o damno exterior admite mais reparo .



Naõ saõ as sciencias as que costumaõ pacificar o mundo ; desordenallo sim. O exercicio , ou a vaidade das letras , toda se compoem de discussões , objecções , e duvidas ; a disputa em si he cousa mais principal do que a materia da questao : alteraõ-

terão-se os ânimos , mas não se persuadem , porque não disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relogio aparta os combatentes ; estes separaõ-se , porém nenhum vay sabendo mais ; por que como no argumento não busca-vaõ a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhe- cida ; o ponto he , que fique satis- feita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim não se trataõ as coufas , tra- taõ-se as palavras dellas : daqui vem , que o ficar veñcido na forma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como coufa estrangeira , e indiferente. De doust textos contraries à fadiga que refula- ta , he ver , se ha meyo de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ este- ja em hum , e não em outro ; isso im-

importa menos ; a arte está em subtilizar de sorte , que ambos os textos fiquem conservados , e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral ; tire-se embora a fé á verdade , e á justiça ; porém naõ ao texto ; este sempre deve servir de regra , por mais que seja regra errada , e naõ direita ; o empêño da vaidade naõ está em descobrir a verdade , mas em ostentar v. g. huma erudiçāo Rabinica , e mostrar que na lingua Hebraica , a palavra *alma* nunca significou outra cousa senaõ *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome , este parece que se adquire á força de vozes , e estas devendo ser de fóra , costumaõ sahir do mesmo sabio pretendido ; elle he o que entoa o cantico , e sempre acha na turba quem o siga : na confiança de começar , encontra-se huma especie de valor

valor de que a fortuna se námora ;
a resoluçāo de pegar nos louros , e
nas palmas , faz parecer que saõ suas :
ha muito , que as sciencias tem o pri-
vilegio de poderem ellas mesmas
coroarse a si ; e com efeito o saber
na realidade mais , ou menos , he se-
grēdo , que fica escondido ; estamos
pelo que indicaō as insignias ; e nas
letras , huma parte do que vemos ,
saõ edificios vãos , compostos só-
mente de hum soberbo frontispicio ;
e este , por mais que inculque hum
fundo grande , quem lho busca , naõ
o acha ; por isso tem fechadas as por-
tas ; e se algum entra , he daquel-
les , que sabem o defeito , e tem inter-
resse nelle ; os más todos saõ profa-
nos . A sabedoria humana he como
a cortina do theatro ; nella se vêm
pintados primorosamente jeroglifi-
cos , medalhas , inscripções , e at-
tributos ; e nesta variedade de acções ,
desinq Nn e de

e de sujeitos , se suspende a vista; e o coraçāo que admira , todo se deixa penetrar de hum respeito , ou medo veneravel ; mas se algum impaciente , e indiscreto fórça a cortinā , e entra , o que vê , he hum lugar escuro , embaraçado , sem ordem , nem aceyo ; vê Actores ainda cobertos de roupas miseraveis ; alguns , vestida a gala , e empunhado o centro , (adornos alheyos , e supostos) vê chegados a huma luz desanimada , recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho ; outros defronte de hum espelho sombrio , exercitando a cadencia dos passos , das acções , do gesto , e revestindo os semblantes de hum aspecto alegre , ou triste , e de hum ar de soberania , de valor , e de justiça : vê as Actrices , que naõ menos cuidadosas , alli mesmo se ajustaõ , e preparam ;

paraõ ; e que algumas a pezar do tempo , e a milagres do artificio , cuidaõ que reparao em brevissimos instantes , a ruina que fizeraõ muitos annos , semelhantes ás serpentes quando se renovaõ , mas naõ taõ felices ; todas em hum espelho portatil estudaõ amor , desdem , severidade , contentamentos , lagrimas ; tudo aprendem no crystal , mestre mudo , e fiel , e que mudamente ensina a propriedade , o ar , a graça ; mas que importa , o ar he vaõ , a graça he enganosa , e a propriedade he falsa ; o representar he mentir ; desde que a scena começa , até que acaba , naõ se vê mais do que hum fingimento de acções , e de figuras ; quem mais se distingue , he quem melhor exprime o que naõ sente , e quem parece melhor o que naõ he : a arte naõ está em imitar , mas em contrafazer : as sombras sustituem

o lugar das cousas ; e a relaçāo da historia , fica sendo a historia mesma : o mentir por aquelle modo , he hum meyo facil para imprimir facilmente na memoria os sucessos passados ; he huma tradiçāo , que se communi ca agradavelmente , naõ só pelo que se ouve , mas tambem pelo que se vê : alguma vez havia de ser util o enga no ; e com effeito daquella sorte ve mos os combates sem perigo ; as virtudes yemos com gosto :: e se yemos tambem os vicios , he sem entrar nelles , para os aborrecer , pela fealdade com que se mostraõ , e naõ para os seguir . Em theatro mayor , e em mayor scena se passaõ , e representaõ as vaidades do mundo , e entre ellas a vaidade das sciencias ; o homem naõ se entende a si , e cuida que entende a fabrica dos Ceos ; ignora a ordem da sua pro pria composiçāo , e crê que naõ ignora

ignora o dê que se compoem à terra; não sabe a economia dos seus mesmos movimentos, e julga que sabe o como se move o Universo; finalmente não se conhecendo a si, presume que tudo o mais conhece. A vaidade do saber parece que arrebata o homem, e que em espírito o faz circular os orbés celestes; lá conta o número dos crystallinos, vê a esfera do fogo, e mede a distancia, o giro, e grandeza dos Planetas; porém assim que torna a si, nada de que tem em si sabe, nem conhece: vê hum corpo sabiamente organizado, e nelle acha vontade, intelligencia, ira, aversão, vaidade, desejo, esperança, amor; acha hum sangué que se move, e hum calor que o anima; tudo distingue com nomes diferentes; paixões, systole, diastole respiritos vitaes, humido radical; estes são os nomes; a que erradamente

cha-

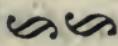
chamaõ das cousas , naõ sendo se-
naõ nomes dos effeitos ; o que se co-
nhece , ou sabe , he o effeito das
cousas pela distinçao dos nomes ; mas
o conhecer o nome , naõ he conhê-
cer a coufa . Todos sentimos a im-
pressao do ardor , mas ninguem sabe ;
o como essa impressao se faz ; e desta
sorte o que conhecemos , he o effei-
to do frio , e naõ o frio ; vemos a
determinaçao da vontade , mas naõ
sabemos o como a vontade se deter-
mina . Quem he que sabe de donde
vem o agrado da armonia , nem o
desagrado da dissonancia ? Huma-
yoz suave nos encanta , hum som
aspero , e agudo nos molesta ; mas
quem ha de dizer o donde procede
no som a suavidade ou a aspereza ?
Os effeitos mais sensiveis , e mais
certos , saõ os da dor , e tambem do
gosto ; mas quem he o que conhece ;
de que se origina o gosto , nem de
que

que se forma a dor? Ainda os effeitos das couzas conhecemos mal , só os sentimos ; parece que só temos sensibilidade , e naõ conhecimento ; aquillo que conhecemos , he porque o sentimos ; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios , e os primeiros movimentos reservou-os para si a Providencia ; o homem só ficou exposto a elles , para os admirar , e naõ para os saber. A vaidade das sciencias toda se cança em conjecturas ; que faz passar por demonstrações ; quando suppoem , que encontra a parte , em que pôde desatar o nó , entaõ o aperta mais : os discursos perdem-se na imensidão vaga de huma materia impenetravel ; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos , e conceitos ; naõ he mais facil no que mostra , do que no que esconde ; naõ he menos reservada no que produz á

su-

superficie da terra ; do que naquelle que fórmão no seu centro ; só ella conhece as suas leys , e os seus segredos : vemos nascer a flor , cresce á nossa vista ; mas nem por isso sabemos o como a flor násce , nem o como cresce . a dificuldade sempre fica fendo a mesma ; o nosso engenho todo se evapora , vem bellas fantasias , e em razões notaveis ; mas estas só servem de enganar , onde entreter a mocidade que começa , e que ainda não sabe por experienzia , que a maior parte das cousas de que o mundo se compoem ; nem se podem ensinar , nem apprender . A vaidade da sabedoria humana não se funda na certeza da sciencia , mas na certeza da cadeira ; esta á maneira de huma torre inexpugnável infunde terror ; e o discípulo docil , e inocente , horecebe como de hum oráculo as decisões dos Mestre : os que estão

estaõ debaixo da disciplina, vem o barrete doutoral, como se fosse hum resplendor, de cuja luz se naõ duvida, por isso a vaidade do Mestre exige respeito, e credulidade: esta he a primeira liçaõ; a verdade sempre nos parece que está no lugar mais alto, e que brilha mais; e se a buscamos em outra parte, he sem ancacia, nem cuidado: o apparato exterior naõ só nos dispoem, mas também nos persuade; os olhos assombrados, naõ deixaõ o animo livre para resistir; a singularidade da pompa, naõ só authorisa, mas authentica; naõ só leva á si á nossa attenção, mas tambem a nossa submissaõ; naõ só nos faz obedecer; mas crer.



Os sabios da terra naõ saõ os mais proprios para o governo della. As Republicas, que se fundaraõ, ou se quizeraõ governar por sabios, per-

Oo

deraõ-

derão-se ; acabaraõ-se ; temos noticia dellas pelo que forão , e naõ pelo que saõ. Roma , essa illustre capital do mundo , ou ao menos da mayor Republica , que o mundo vio; essa universal conquistadora , para cuja gloria concorreu a fortuna mais constante , e cujo poder se manifesta ainda ; ou ja referido nos seus Fastos , ou ja representado nos vestigios preciosos das ruinas , como em obeliscos , arcos triunfaes , columnas , circos , aqueductos , urnas sepulchraes ; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir , e abreviar ; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo , do tempo em que as sciencias chegaraõ ao mayor auge. Julio Cesar , famoso Heroe , e sabio Capitão , foy o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria , e se fez ao mesmo tempo senhor della.

Quem

Quem diffiera a Roma , que no seu proprio seyo se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros ; e que as fachas para a abrasar , se haviaõ de acender dentro dos seus muros ! Roma , sempre vencedora , e invencivel , cessou de o ser , assim que achou em hum filho ingrato , hum sabio armado . As mayores crueldades , ou forao feitas , ou aconselhadas pelos Sabios ; estes quando persuadem o mal , he com tanta vehe- mencia , e taõ efficazmente , que as gentes na boa fé , buscaõ , e praticaõ esse mal , como por entusiasmo , e sem advertirem nelle . A impiedade , he huma das cousas que a sciencia ensina ; naõ porque esse seja o seu objecto , ou instituto , mas porque quando a impiedade he útil , á força de a ornar , se lhe tira o hor- ror . A vaidade das sciencias naõ con- sente , que haja coufa de que ella naõ possa ,

possa , nem se saiba aproveitar. Os erros commumente saõ partos da sabedoria humana ; o errar propriamente he dos sabios , porque o erro suppoem conselho , e premeditaçāo ; os ignorantes quasi que obraõ por instituto ; a sciencia sabe legitimar o erro , a ignorancia naõ : por isto nesta naõ ha perigo de que ninguem o approve ; em lugar que naquella ha o perigo de que a multidaõ o siga. O erro na maõ de hum sabio he como huma lança penetrante , e forte ; na maõ de hum ignorante , he como huma arma quebrada , sem uso , nem consequencia. As coufas parece que recebem mais da forma , que se lhes dá , que da natureza que tem ; naõ se attende á substancia do marmore , ao pulido sim ; a dureza importa menos que a figura. As sciencias saõ os que daõ o lustre ás coufas , é sempre daõ o lustre que lhes parece ; ou

duvi-

duvidoso, ou falso, ou verdadeiro; a vaidade, he o artifice.



Os Heróes saõ os que combatem, os que vencem, e conquistaõ; porém os sabios saõ os que de algum modo reinaõ, e governaõ. O trabalho, e o perigo, he dos Heróes; dos sabios he o fruto: aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento, estes o que querem, he a utilidade da vitoria; huns reservaõ para si a vaidade do nome, outros naõ querem mais do que servirse da authoridade delle; o guerreiro se mea sangue, para o sabio colher flores. He certo, que cada Potêntado naõ he mais do que hum só homem; na campanha sim pôde commandar a muitos mil: huma voz, hum final, hum clarim basta para fazer mover hum corpo formidavel; porém na paz naõ he assim, porque nella o gover-

governo he como huma guerra civil, que faz entre os mesmos Cidadãos, e entre os mesmos naturaes; entaõ mandaõ os sabios; por ser guerra sem estrondo, naõ he menos arriscada; nella se vem traíções, ataques, subtilezas; aquillo que em guerra viva decide a espada, na paz decide a pena; esta tambem corta, ainda que naõ taõ depressa, e nisto mesmo consiste hum dos seus modos de cortar; a lentidaõ afflige á maneira de hum martyrio, que para ser mayor, se faz por arte vagaroso; e com effeito a morte parece que naõ he morte quando chega, mas sim quando está para chegar; o ultimo instante he insensivel, porque he como hum tempo, que se naõ compoem de tempo; a dor para se fazer sentir, necessita de espaço; por isso a agonia naõ he quando alguem acaba, mas quando está para acabar. Assim

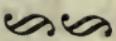
saõ as dilações , de que no ocio da paz se formaõ os conflictos ; estamos vendo acabarse a nossa vida , sem que se acabe a nossa dependencia ; esta vay ficando como herança ; e para ser herança infeliz , sem estimação , nem preço , sempre passa com a qualidade de incerta , e duvidosa , porque sempre fica dependente da inclinação , do arbitrio , e do juizo humano : isto he o mesmo que naõ ficar sujeita a coufa nenhuma certa , mas a huma pura sorte . A fortuna , o tempo , a occasião , o humor , a hora tem mais parte nas decisões , do que a ley , a verdade , e a justiça ; esta , ou a sua imagem symbolica , em huma maõ tem a balança , e na outra a espada ; mas que peza na balança ? Ponderações , discursos , e argumentos saõ as partes por onde o direito se governa ; mas saõ partes , que se naõ podem pezar , porque naõ tem cor-

corpo, nem entidade; e assim ja temos a justiça impropria, até na mesma idéa da sua representaçāo, e se a quizermos defender pela sua antiguidade, convenhamos em que as razões se pezem; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel? Nas dos homens, certamente não; nas de huma Deosa sim. A espada tem mais exercicio na justiça; por isso sempre está em acção; isto he, levantada; e com efeito o ferir he mais fácil, porque he mais facil também o descarregar o golpe; que o suspendello: a força que suspende, he violenta, e a que descarrega, he natural: mas como pôde a justiça ter na espada hum exercicio justo, se a balança na mão dos homens não tem uso, e se o tem he sómente imaginario, e na realidade impraticavel? A espada depende da justeza da balança, e assim vem a depender de huma

instrumento inutil ; sim depende de huma balança certa , para saber o como , o quando , e em que caso ha de ferir ; mas para nosso mal , a balança na maõ da Justiça pintada , he que se vê ; naõ porque deixem de haver homens justos , mas porque a justiça verdadeiramente naõ se pôde pezar ; he hum acto de discurso , e este em cada homem , he sempre incerto , vago , e vacilante. Para dar a cada hum o que lhe toca , naõ basta ter huma vontade perpetua , e constante ; nessa mesma vontade he donde o erro se introduz. Finjamos que o discurso he como hum campo largo , em que a verde Primavera faz nascer aquella multidaõ de bellas flores , mas entre estas , quem impede que naõ nasça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreste , inferior , e errante ? As flores nascem no campo , os discursos em nós ; felices saõ as

Pp flo-

flores , pois forão produzidas na terra humilde , e por isso mesmo incapaz de vaidade , e ainda cheya de simplicidade virginal : infelices os discursos , pois nascendo em nós , nascem de hum limo peccador , e por isso terra ingrata , impura , e adulterada.



Só Deos governa só. Os Potentados naõ podem governar , sem terem varias jerarchias , ou ordens de Magistrados ; nestes delegaõ o poder ; os Magistrados subdelegaõ aquelle mesmo poder em outros , e estes o tornaõ a subdelegar : assim se forma hum corpo vasto , composto de muitos membros , e todos animados por hum mesmo , e unico poder : este visto , e tomado na sua primeira origem , he justo , pio , verdadeiro generoso , legitimo , protector , paterno ; he hum poder , em que parece está

está depositado , ou delegado o poder de Deos : depois que sahe daquelle centro para dividirse , ou repartirse , logo se altera : em quanto está no throno , he puro ; se se affasta delle , degenera ; he como huma arvore , que se transplanta para hum terreno improprio : as aguas saõ limpas quando nascem ; depois fazem-se immundas , segundo os lugares por onde correm : o espirito naõ anima as partes , que estaõ fóra do seu corpo , e a alma que parece , que habita em os membros todos , foge , e se retira , dos que forao separados : a claridade da luz naõ se communica bem , se a distancia em que está he excessiva ; o fogo naõ tem calor , senaõ dentro da esfera da sua mesma aetividade ; as couzas postas fóra da sua regiao ; tomaõ huma natureza contraria , e ficaõ outras. Que couza pôde haver , quel pareça estar mais fóra da sua re-

giaõ , da sua esféra , e do seu centro , do que o exercicio do poder , e da justiça na maõ dos sabios ? Estes saõ prodigos daquelles attributos , usão delles como cousa emprestada , e alheya ; a sciencia que os fez subir , he o que desprezaõ mais ; naõ porque totalmente desprezem a sciencia , mas porque esta prescreve certos modos , e limites , que se naõ podem passar , nem deixar de chegar a elles ; esta necessidade serve de angustia ; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito , e de terminado ; a vaidade da sciencia naõ se accomoda em seguir , o que quer , he que a sigaõ ; naõ quer observar a regra , quer fazella . Os sabios sofrem mal o serem executores , e naõ legisladores ; e com effeito a execuçao , soa huma specie de servidaõ publica ; por isso cada hum se forma huma sciencia particular ; e esta he a que

que propriamente he sua : daqui vem os disversos pareceres ; nem pôde deixar de ser , porque nenhum sabio se governa pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles saõ communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmaçao dos seus : mas como pôde naõ ser assim , se he regra , que em certos casos naõ deve a regra servir de régra , nem o principio de principio , nem a ley de ley ? Entaõ vem a consistir a observancia da ley , na transgressao della , á conformidade com o principio , consiste em se afastar delle , e a sujeiçao á regra , consiste em a violar ; desta sorte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitaria , e fundada mais no conhecimento dos casos , do que no conhecimento das leys : estas saõ as que se applicaõ , e na occasiao de serem applicadas , he que tem o perigo de se que-

quebirarem, ou torcerem; elles se quebraõ, e se torcem, ainda sem ser por fraqueza de quem as applica, mas por culpa da mesma coufa. Vemos aquelles sabios, quasi sempre desunidos; todos estudaõ as mesmas leys, mas no modo de as praticar, nenhum concorda; naõ só disputaõ quando aprendem, mas tambem quando sabem; em disputatione passaõ todo o tempo de aprender, de ensinar, e de usar; ó que argumenta, e duvida mais, he o que dá melhor final de si; o saber embaraçar mais, he o mesmo que saber mais; o aplauso naõ segue a quem tirou a difficultade mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a ostentaçaõ naõ está em fazer assenttar no que a coufa he, mas em arguir, e destruir tudo aquillo em que se assenttar: celebre sciencia, em que os ignorantes, parece que estaõ de me-

melhor partido que os sabios ! Estes
vem tanto , que a multidaõ das cou-
sas que vem , os confunde , e cega ;
aqueelles vem menos , e por isso vem
mais : a abundancia de sciencia faz
aos sabios pobres de saber ; neste
caso a sabedoria está em poder tornar
para o estado de ignorancia ; a manei-
ra de alguem que retrocede para bus-
car o que perdeo : alguma vez suc-
cede a quem caminha , o passar além
do lugar para donde vay ; entaõ
quanto mais caminha , mais se per-
de ; porque busca adiante aquillo ,
que ja lhe fica atraz : tanto erra
quem anda menos , como quem anda
mais ; e tanto se desvia quem não
chega ao lugar , como quem o passa .
Hum vento muito forte ainda que se-
ja favoravel , he tormenta ; a luz
nem por ser muito intensa , he mais
clara ; as aguas , que correm precipi-
tadas , para pouco servem ; a gran-
de

de velocidade as faz inuteis , e incapazes ; o pezo naõ só fica sendo errado , por ter de menos , como por ter de maiores ; as couzas naõ só se arruinam por fraqueza , mas tambem por fortaleza ; a saude demasiada passa a enfermidade ; o preceito naõ só se quebra pela diminuição da observancia , mas tambem pelo excesso : algumas virtudes ha , que saõ vicios moderados ; a temperança he como huma raya , que está entre o vicio , e a virtude , e que distingue o bem do mal ; nas sciencias tambem se peccá , por se saber nellas mais do que se deve saber : . a nossa comprehensaõ naõ he infinita ; depois que recebe huma certa porçao de intelligencia , fica sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cança , e fica como imbecil , e enervada . Depois que hum yaso está cheyo de licor , o que se lhe deita mais , perde-se ,

se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : daqui vem , que os sabios saõ confusos commummente , embaraçados , e irresolutos ; á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo , que sempre vay com medo , e de vagar : a immensidade de regras , de opiniões , e de doutrinas , de tal sorte os occupa , que ficaõ como prezos , e immoveis : a variedade de razões , e de razões contrarias , que hum sabio acha em qualquer causa , o suspende em fórmā , que fica sem saber , qual razaõ ha de seguir ; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas , e para o naõ serem , tambem em todas considera fundamentos grandes : daqui vem as dilações , irresoluções , e perplexidades ; este he o caso em que aquillo , que naõ decide a inclinação , decide a hora ; a for-

tuna he a que move a pena , que absolve , ou quel condena. O fabio que fluctua no meyo de razões , ue opposições iguaes , finalmente lá se deixa levar por alguma razaõ exterior , e indiferente ; as cousas remotas , que naõ tem relaçao alguma , nem conexaõ com a materia , entraõ em concurso , com as que formaõ o corpo , e substancia della : o litigante a quem o Juiz vio , ou fallou ultimamente; aquelle , que sabe ser mais certezaõ , cuja voz he mais sonora , e cujo nome he facil de pronunciar , ou de escrever , esse he o que vence , e a quem se julga a palma ; esta naõ foy tirada do campo da peleja , mas de outro lugar estranho , e independente. Assim governaõ os fabios , por isso ha tanta incerteza , e mudança nas suas decisões ; o que hum disse , outro reprova ; o que hum fez , outro emenda ; e muitas vezes na emen-

emenda he que está o erro ; semelhan-
te ao mal , que procedeo unicamén-
te do remedio ; cada hum defende a
sua opinião , e persiste nella ; e cada
hum se persuade , que o erro não es-
teve na decisaõ , mas na reformaçao ;
em todos fica constante a vaidade da
sciencia ; e algum que se retrata ,
também o move a vaidade de não ser ,
nem parecerse com os outros : huns
fazem vaidade de serem infalliveis ,
outros tambem se desvanecem de
mostrar em , que o não saõ : d'este ge-
nero saõ poucos ; porque a vaidade
de desprezar a vaidade he muito tra-
rra , e em si mesmo he estimavel . A
virtude , ainda que venha de hum
principio vicioso , sempre he virtude
de algum modo , ou mais ou menos
qualificada ; o obrar bem por qual-
quer motivo que seja , he bom ; as
nossas acções , não se determinaõ pe-
la causa que mostraõ , mas por outra

- 132 -
Qq ii que

que se naõ vê ; e entre todas as causas , aquella que consiste em huma
vaidade b innocentez , he menos má.
Que impoſta , quē a vaidade seja a que
incite o exercicio do valor ; da conſtanciā , da ſciencia , e da juſtiça ? O
impulſo ; que move , ſica ſeparado da
couſa móvida : douſ ſicores contrá-
rios por mais , que ſe miſturem , ſem-
pre parece que hum foge do outro , e
ſe separa ; o artifice , o instrumento ,
a obra , tudo ſão partes diſtinctas ; a
vaidade pôde incitar a virtude , mas
naõ incorporarfe a ella ; pôde juntar-
fe ; mas naõ unirfe.

A ſciencia de fazer juſtiça he
verdadeiramente ſciencia de Deos ,
e dos ſeus ſubſtitutos na terra , que
ſão os Soberanos : he Imposſivel darse
injuſtiça em Deos ; nos Soberanos ,
naõ he imposſivel , mas he improprio:
nos maſs homens a injuſtiça he quaſi
natu-

natural. Quaes saõ aquelles de quem se possa dizer exactamente, qne naõ tem interesse, inclinaçao, ou dependencia? Qualquer destas circunstancias serve de impedir o exercicio, e sciencia da justiça. Só os Reys relevaõ immediatamente de Deos, e só de Deos dependem; os mais homens todos dependem huns dos outros, porque ha mil modos de depender: aquelles mesmos, a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes, saõ os que muitas vezes dependem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, poz em hum certo grão de authoridade, necessitaõ de adquirir nome, e reputaçao; necessitaõ da opiniao, e approvaçao dos outros homens. Que mayor necessidade de dependencia! A opiniao, e approvaçao commua, naõ se forma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas do

do parecer de todos ; e desta sorte os mesmos de quem todos dependem, saõ tambem os que dependem de todos. A opiniao das gentes naõ he couisa taõ pouca, que della naõ dependa a conservaçao do lugar , e da authoridade : o receyo de que o poder se perca , ou o respeito diminua , he o que occupa cruelmente aos que estaõ em lugares eminentes ; nestes ninguem está seguro , nem ainda os mais felices , porque se huma maõ poderosa os sustem como elevados no ar , pôde largallos , e quando crem que estaõ em assento firme , naõ estaõ se naõ suspensos : as azas de huma boa fama saõ as que os sustentão , se ellas faltaõ , o mesmo braço , que os suspende , os precipita : o favor supremo , raramente he indiscreto , e se accaso se inclina sem razaõ , isto he , se alguem por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano ;

no , este no dia do seu furor castiga aquella usurpaçao , e sobrepçao de amor ; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinaçao dos Reys costuma fundar-se em merecimentos , e virtudes ; destas se compoem o encanto magico , que attrahe a si hum favor prudente ; mas se foraõ fingidas as virtudes , e se os merecimentos naõ foraõ verdadeiros , irrita-se aquelle mesmo favor , á proporçao que tem pejo da sua preoccupaçao , e credulidade : nenhum engano he mais sensivel , que aquelle que se dirige a roubar o affecto ; a alma , que amou , naõ só sente o ter amado injustamente , mas sente tambem o naõ dever amar mais , porque a impressao , que o amor fez , naõ se pôde tirar sem estrago , e dor da parte a donde está : o que foy gravado profundamente , naõ se desfaz sem ruina , e perda : para aniquilarse a fór-

fórmā de humā estampa , he necessa-
rio perderse à estampa toda ; naõ só
a figura , que ella representa , mas
tambem o corpo , em que a represen-
taçāo está . Aquelles pois , que devem
ás letras a sua exaltaçāo , e que en-
tendem , que feitos arbitros do mun-
do naõ dependem delle , saõ os que na
verdade estaõ mais dependentes , por-
que a fama da sciencia , que os conser-
va , tambem he mudavel , e incons-
tante , e o mesmo favor que os fez
subir como sabios , pôde fazellos des-
cer como ignorantes . A sciencia naõ
he qualidade taõ certa , e permanen-
te que naõ possa soffrer alteraçāo . Tu-
do em nós tem decadencia , e só a
sciencia a naõ ha de ter ? Nem he
preciso , que concorra alguma causa
natural ; as paixões bastão para per-
verterem as sciencias ; naõ tomadas
universalmente como ellas saõ em si ,
mas tomadas como saõ em cada hum
-132- de

de nós. Huma pequena nuvem bas-
ta para escurecer a luz do Sol ; as
paixões saõ como muitas nuvens jun-
tas. Aquelle, em quem a ira naõ pô-
de encobrir a luz do entendimento ,
e da sciencia , a ámbiçaõ ha de en-
cobrilla , e se o naõ fez , poderá fa-
zello a grandeza do respeito , e na
falta desté , lá vem o amor , naõ só
armado de setas , mas de lagrimas ;
naõ só fiado no seu imperio , mas
tambem na sua submissaõ ; naõ só com
animo de render , mas de renderse ;
fatal combate , em que a mayor for-
ça consiste na falta de fortaleza , e
em que o ficar vencido , he o meyo
por onde a victoria se segura ; mas se
nem o amor , nem a ambiçaõ , nem
a grandeza puderaõ conquistar hum
peito heroico , lá vem finalmente a
vaidade , e esta sempre vem feita in-
visivel , e acompanhada de todas as
paixões , mas disfarçadas : o desejo ,

Rr

a dissí-

a dissimulação, a preguiça, e a inveja, vem cobertas de hum sayal modesto, e trazem no semblante hum ar composto, e humilde; a vingança, a soberba, a rapina, e a altivez, vem cobertas de fumos de varias cores, e de diferentes fórmas. Assim se introduz enganosamente a vaidade, e assim vive em nós sempre escondida, como inimigo occulto, e traidor; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis, e quando os deixa ver, he por algum interposto meyo, por onde elles mostrem o contrario do que saõ. Havendo tantas sciencias, apenas ha alguma que faça; que nos conheçamos a nós, nem aos nossos vicios, nem a nossa vaidade. As sciencias humanas, que aprendemos, commummente saõ aquellas, que importava pouco que soubessemos; devíamos aprendermos a nós, isto he, a conhecernos; de que serve o sa-

o saber , ou pretender saber , como o mundo se governa , ao mesmo tempo que ignoramos , o como nos devemos governar ? Para tudo somos sabios , só para nós somos ignorantes . Falta-nos o conhecimento proprio ; naõ porque nos faltem regras , e preceitos para que possamos conhecernos , mas porque a vaidade se oppoem a huma sciencia , que faz humilde a quem a sabe : he arte muy difficultosa de aprender aquella que nos tira a presumpçāo . Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo , disforme , e macilento ! Por isso fica fendo como huma alfaya sem uso , e desprezada : o ser fiel , e verdadeiro , he crime , quando a verdade molesta , e abate ; o espelho que naõ lisonjea he prejudicial .



A sciencia de fazer justiça he
Rr ii don-

onde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera, que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum ! Naõ só ha vaidade nisso , mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes , que a cada hum se naõ dá, o que he certamente seu. A corrupção das gentes está taõ espalhada , que faz parecer virtude , huma obrigação que se cumpre , huma divida que se paga , ou huma verdade que se diz. As cousas naõ se regulaõ pelo que deviaõ ser , mas pelo que poderiaõ ser ; isto he , o deposito que se entregou , podendo-se negar ; a divida que se podia naõ pagar , e se pagou ; a verdade que se disse , podendo-se esconder ; e assim a privação do vicio serve de virtude actual ; e de alguma sorte , para ser hum homem virtuoso , naõ he necessario que faça algum acto de virtude , basta que naõ faça algum de vicio ; e de al-

algum modo tambem; o ser leal naõ depende do exercicio da lealdade, bas-
ta que se naõ exercite alguma aleivo-
fia. O mundo está taõ pervertido,
que a bondade dos homens naõ se ti-
ra da razão de serem bons, mas da
razão de naõ serem máos: o nome
da virtude, naõ vem da virtude pre-
sente, mas do vicio ausente; o me-
recimento das coisas, naõ se toma
pelo que saõ, nem pela forma que
tem, mas pelo que naõ saõ; e pela
forma contraria que naõ tem. Daqui
vem que huma acção he louvavel, só
porque naõ he reprehensivel. Aquel-
le meyo de naõ ser, nem huma cou-
sa, nem outra, parece que o naõ
ha ja; ficaraõ os extremos, e extin-
guio-se o meyo. Tudo propende pa-
ra o que naõ deve ser, por isso naõ
sey se podemos admirarnos, de que
as fontes ainda corraõ para o mar; de
que o fogo ainda abraze; de que o ar
ain-

ainda se move ; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos naõ se mudão, mas he , porque estaõ subordinados ás primeiras leys , que lhes deo o author do mundo ; temos o uso delles , o dominio naõ ; devem servirnos , e naõ obedecernos: a nossa prevaricaçao estende-se a tudo quanto foy , ou he obra nossa ; por isso a vaidade se communica , e tem jurisdiçao em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede , o ser a sciencia da justiça humana , huma sciencia mudavel , inconstante , e varia; porque as leys da vaidade sabem confundirse com as leys verdadeiras da justiça. A vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injuções naõ terá feito a vaidade de fazer justiça ! A mesma vaidade que inspira a rectidaõ , a embarça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso , implacável,

vel, adverso, e truculento; faça-se irrisivel totalmente, aspero, severo, e desabrido; mostre hum aspecto sombrio, terrivel, taciturno, e intratavel; falle de hum ar, e tom de soberania; tenha sempre o pensamento distrahido, como que o tem todo ocupado em Ulpiano, e Bartolo, ou que está combinando na memoria algum ponto de grande consequencia, de que talvez depende a economia do Universo; nada disso pertence á natureza do Magistrado, á natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até na gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo; e que se veja até na sua forma exterior, huma forma judicial. Aquelle frontispicio, cujo ornato consiste na desordem, he a primeira cousa que a vaidade expoem, como em espectaculo, quando quer alcançar huma acclamação.

acclamaçāo de justo. Mas quantas injustiças naõ produz o desejo , ou a vaidade de adquirir aquella acclamaçāo ! Naõ pôde haver justiça , quando esta se exercitā por algum fim , que naõ seja por ella só ; nem pôde ser justo nunca , quem tem por objecto principal , a gloria de o parecer . Tudo o que se busca por ostentação , busca-se por qualquer meyo que for , isto he , ou justo , ou injusto ; quem procura a voz da fama , que lhe importa á figura do instrumento que ha de fazer aquelle som ; o que o fizer mais espantoso , e o espalhar mais longe , esse he o que convem ; nem importa que a voz seja sonora , e certa , o ponto hé que seja forte . Quem he muito sensivel á vaidade do nome , e á vaidade da opiniao , comumente he insensivel á realidade da causa ; esta fica desprezada ; se se pôde desprezar com segurança , e sem

sem receyo ; quando só se quer o effeito , naõ se procura , nem attende a causa ; por isso a quem deseja o applauso da virtude , esta fica sendo in-diferente ; e a quem deseja o applau-so da justiça , tambem esta fica sendo menos importante. Daqui vem , que a justiça costuma fazersé para soar : aquella que soa mais , (ou pela grandeza da materia , ou do sujeito) essa he a mais agradavel a quem a faz ; porque della se forma a voz da fama , e juntamente nasce della o nome , e reputaçāo de justo. A vaidade naõ se contenta , com o que as couzas saõ , mas com o que parecem , com tan-to que pareçaõ grandes ; nem faz caso do que a couza he , mas do que se diz que he : estima o merecimento naõ segundo a qualidade delle , mas segundo o effeito , que faz na estimachaõ das gentes : naõ faz distinçāo entre o louvor extorquido , e o lou-

Ss

vor

vor merecido justamente, basta-lhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade naõ se formaliza da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem huma exhalachaõ por huma estrella, importa pouco: daqui vem, que huma acçaõ illustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que naõ se sabe, a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.



O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidaõ o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidaõ cega, e sem experientia; presume no jniz hum espirito de justiça, firme, e incontrastavel,

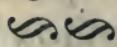
tavel , só porque o vio julgar contra
a grandeza do poder ; mas naõ vê
que nisso mesmo quiz o juiz astuto ,
fundar a sua grandeza propria ; opri-
mio injustamente ao grande , (por-
que nem sempre a razaõ , e a justiça
estaõ da parte dos humildes) aquel-
le foy o meyo que buscou para fazer-
se admiravel entre todos , e adquirir
reputaçao em poucas horas : huma
só injustiça lhe deu a opiniao de jus-
to ; huma só iniquidade o fez illustre ;
talvez que huma vida longa , e cheya
do exercicio da justiça verdadeira ,
naõ fizesse tanto ; isso mesmo previo
o maligno julgador ; por isso quiz an-
ticiparse aquella gloria , ou vaidade ,
por meyo de hum crime , que o vulgo
commummente naõ suppoem : da-
quella forte conseguiu hum alto no-
me ; mas que importa ; elle mesmo
o desconhece ; todos o tem por jus-
to , e só elle naõ se tem a si ; o enga-

no produzió o effeito para os mais; para elle não; todos o estimão porque o crem justo, e só elle se reprehende, porque interiormente sabe que o não he; a todos pôde enganar, só a si não; a consciencia, que não teve para julgar á outrem, tem-na (a seu pezar) para julgarse a si; em si mesmo tem hum Tribunal, que o accusa, e que conhece claramente o seu delicto; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena; a sentença contra hum julgador impio, elle mesmo a pronuncia; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro, com tudo lá vem algum tempo em que parece, descança a vaidade, e desperta a consciencia; esta nem sempre vive em hum letargo, ás vezes se levanta como estremecida, e assombrada; entaõ a ouvimos sus-

suspirar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou eco triste , que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coraçaõ se sobre salta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só entaõ podemos ver naquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razaõ ; entaõ se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razaõ por instituto , nessa mesma se introduz a vaidade . Quem dissera , que a escuridade das trevas pôde ter lugar na mesma parte em que a luz preside ! Que á vista da fermosura , pôde ter veneraçaõ a fealdade ! Que huma voz irracional , e rouca , pôde entrar sem desordem no concerto da armonia ! Que entre as pedras preciosas , pôde ter valor a pedra tosca ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao

ao metal brilhante ! E finalmente quem differe , que no templo da divindade pôde ter algum culto , o idolo ! Entre extremos taes , a distancia que ha , he infinita ; e com effeito entre o vicio , e a virtude ; entre o engano , e a verdade ; e entre a injustiça , e a justiça , naõ ha caminho certo , nem proporção , que se conheça ; o mesmo meyo parece que he injusto , e vicioso . Mas que importa : a vaidade faz , que naõ seja excessiva a distancia dos extremos , porque quando os naõ pôde chegar , e unir , faz com que ao menos se possa ver de longe ; he o que basta para de algum modo os concordar , e tudo sem mais força , nem trabalho , que o de dar á verdade alguma sombra , algum pretexto ao vicio , e alguma cor á injustiça : e assim eni quanto houverem cores , sombras , e pretextos , haõ de padecer

cer a verdade, a justiça, e a virtude.



Na sciencia de julgar, alguma vez he desculpavel o erro do entendimento, o da vontade nunca; como se o entender mal naõ fosse crime, erro sim; ou como se houvesse huma grande diferença entre o erro, e o crime: o entendimento pôde errar, porém só a vontade pôde delinquir. Assim se desculpaõ commumente os julgadores, mas he porque naõ vem, que o que dizem, procedeo do entendimento; se bem se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parço supposto, cuja origem, naõ he aquella que se dá. Querem os sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de naõ ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita

jeita ao que nós queremos ; e que o seu maior empenho , he servir á nos-
sa inclinaçāo ; por isso raras vezes se oppoem , e o mais em que se occu-
pa , he em conformar-se de tal sorte
ao nosso gosto , que ainda a nós mes-
mos fique parecendo , que foy reso-
luçāo do entendimento aquillo que
naō foy senaō acto da vontade . O
entendimento he a parte que temos em
nós mais lisonjeira ; daqui vem que
nem sempre segue a razāo , e a jus-
tiça , a inclinaçāo sim ; inclinamo-nos
por vontade , e naō por conselho ;
por amor , e naō por intelligencia ;
por eleiçāo do gosto , e naō por ar-
bitrio do juizo : as paixões que nos
movem , nos inclinao ; a todas co-
nhecemos , isto he , sabemos que ama-
mos por amor , que aborrecemos
por odio , que buscamos por intere-
se , e que desejámos por ambiçāo :
mas naō sabemos sempre , que tambem
a vai-

a vaidade nos faz amar, aborrecer, desejar, buscar; daqui vem que o julgador se engana, quando se presume justo, só porque não acha em si, nem amor, nem ódio, nem ambição, nem interesse; mas não vê, que he vaidoso, e que a vaidade basta para o fazer injusto, cruel, tyranno. Não vê, que se não tem amor a ou-trem, tem-no a si; que se não tem ódio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na oppressão des-te quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da gloria de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna, sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessário para perverter hum julgador? E com efeito que importa, que a corrupção proceda de hum prin-

cipio conhecido, ou de hum principio occulto, isto he, de huma vaidade, que o mesmo julgador não conhece, nem percebe? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto, só por passar por justiceiro? A consequencia da injustiça tambem vem a ser a mesma; o mal que se faz por vaidade, não he menor, que aquelle que se faz por interesse; o damno que resulta da injustiça, he igual; o juiz amante, ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto.

Naõ he assim o Magistrado, ou o julgador prudente: este he seyero sem injuria, nem dureza; inflexivel sem arrogancia, recto sem aspereza, nem malevolencia; modesto sem desprezo; constante sem obstinação; incontrastavel sem furor, e douto sem ser interpretador, subtilisador,

ou legislador ; o seu carácter hé hum animo candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigaçāo do officio ; he sensivel ao divertimento honesto , mas sem uso delle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil , circunspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem hé pezada a sua authoridade , e quando foy promovido a ella , todos conheceraõ que foy justa , e acertada a eleiçāo ; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector seguro da verdade , e hum medianeiro discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor , clemencia , generosidade ; chegou á aquelle emprego por meyo das virtudes , e naõ por meyo da fortuna ; hum alto merecimento o fez chamar : e as gentes se admiraraõ , naõ de que fosse chamado , mas de que o naõ fosse

mais cedo ; a elle naõ astombra nem a grandeza dos sujeitos , nem dos lugares , nem das materias ; naõ attende mais do que á justiça ; a esta tem por objecto singular , para esta he que olha ; a razaõ he a sua regra , elle a segue , e a acclama em qualquer lugar que a ache ; no seu conceito naõ valem mais , nem o pobre por humilde , nem o grande por poderoso ; distingue as pertenções dos homens , pelo queellas saõ , e naõ por de quem saõ ; naõ attende á qualidade dos rogos , mas á qualidade das cousas ; huma vida sem reparo , nem desordem , foy hum dos requisitos por onde se habilitou ; outros ha á quem naõ he ventajoso , que se vejaõ os passos , que ja deraõ , mas sómente aquelles , que vaõ dando ; e a quem naõ será util , se ponderem as accões antecedentes ; e ainda as presentes naõ passaõ sem murmuração ,

çaõ , e queixa . O julgá dor benigno
naõ receyar ; quẽ se saiba a sua vida ,
que se diga , e que se escreva ; o seu
panegyrico só depende da verdade , do
êncarecimento , ou da lisonja , naõ ;
elle mesmo he o seu elogio . Final-
mente o julgá dor sincero tem das
sciencias o que basta para saber jul-
gar , e naõ o que basta para saber
embaraçar ; alguns ha , que fazem do
conhecimento da razaõ huma scien-
cia imensa ; como se fosse necessa-
rio aite para se conhecer o Sol . O
caminho da justiça (para quem tem
vontade de andar por elle) he hum
caminho direito ; espacoso ; claro ;
fácil , e aprasivel ; as flores ; que o
bordaõ de huma , e outra parte , to-
das saõ perpetuas , porque nunca
murchaõ ; huma Primavera constan-
te as reverdece , e alenta : o cami-
nho porém das injustiças he hum ca-
minho difficult , espantoso , e escuro ;

hu-

humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio; outras vezes he por valles estreitos, sinuosos, e profundos, e donde as arvores saõ todas infecundas, tem palidas as folhas, e nascendo desordenadas, e confusas, fazem o lugar seguro, e proprio para traições, aleivosias, furtos, assassinos; as mesmas sombras infundem pavor, e fingem vultos enormes; humlar caliginoso, e denso, apenas pode alvergar aves nocturnas de presagio infausto; os rios, que alli se vem, saõ negros, e tem no abyssmo o fundo, apenas pôde criar monstros amphibios; o silencio, com que passão, os faz ainda mais funebres, e tristes, como se nascessem do Styge, do Averno, ou do Cocyto. Esta figura representa o caminho da injustiça, caminho, que não se sabe sem estudo, porque todo se

se compoem de circuitos , rodeyos , e desvios . Mas que infeliz estudo he este , em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vay ao Inferno ! Por isso aquelle digno Magistrado , de huma fiel jurisprudencia , só quiz saber , o como se deve julgar ; e naõ o como se pôde julgar ; e da mesma sortâ só quiz saber , o como se devem fazer as coustas , e naõ o como se podem fazer ; daqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões , e ser o seu voto acertado sempre ; nunca teve por objecto , senão a justiça , ne a razão , e estas só consideradas em si mesmas , sem alteração , em o seu primeiro estado de innocencia , e de pureza ; nas leys nunca vio mais nem menos do que aquillo , que ellas tem , nem as soube accommodar á algum sentido exquisito ; e raro , por onde viesse a ter lugar a inveja , a ambição , e a vingança .

Fi-

Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade; he justo só por amor da justiça; elle conhêce os seus proprios movimentos, e entre estes segue unicamente aquelles, que tem por principio a justiça, e a verdade. Não se desvanece das virtudes, que conhece em si; o aplauso só quer, que seja da virtude, e não seu; o louvor quer, que se dê á razão, e não á elle; parece-lhe, quem em obrar como deve, não merece nada; não se admira da justiça, que exercita por força da obrigaçāo das accções memoráveis, sem que tem parte; elle se suppoem hum instrumenro necessario; sendo assim, não o pôde vencer a vaidade. Esta, que em todos os homens he como hum affeçāo, ou paixāo inevitavel, só aquelle julgador fica sendo como affeçāo sem vigor; desconhecido, e estranho; mas por isto mesmo, e sem cuida-

cuidado , conseguiu , e tem hum nome veneravel , e com circunstancia taõ feliz , que esse mesmo nome , que conserva , contém em si huma illustre , e saudosa recordaçāo.

A vaidade da origem , he huma feita ; que se fundou na Europa da decadencia de outras da mesma especie , ou semelhantes : aquella parte por onde o mundo se começou a polir , foy o donde os homens descobrião a invençāo maravilhosa da nobreza. A successaõ dos seculos , tinha feito perder a intelligencia , e uso de muitos artificios uteis , e admiraveis ; mas em recompensa fez achar no sangue muitas differenças , que ainda se naõ tinhaõ advertido. Os homens barbaros naõ puderão ver no sangue outras cousas mais , do que aquellas de que consta hum corpo physico ; e naquelle humor o mais que

viraõ, foy a razaõ de mais , ou me-
nos liquido , e a razaõ de mais , ou
menos cor ; destes douis principios fi-
zeraõ resultar todas as mudanças de
que o sangue he susceptivel , e por
causa delle , o homem. Averroes ,
Avicéna , Hippocrates , é Galeno ;
huns , famosos Medicos , e Filoso-
fos Arabios ; os outros , tambem fa-
mosos Filosofos , e Medicos Gre-
gos , naõ conheceraõ (segundo se
diz) a circulaçao do sangue . Os
que lhes succederaõ depois , naõ só
fizeraõ aquella grande descuberta ,
mas tambem entraraõ a seguir á idéa
de applicar , ou considerar no sanguine
muitas razões , e substancias impor-
tantes , de que a natureza , que o faz ,
e cria , naõ tinha , nem ainda tem ,
noticia alguma , de sorte , que nesta
parte pôde dizerse , que a natureza
naõ sabe o que faz ; e com effeito o
que sabe he , que o sangue he huma-

entidade material , sujeita a todas as leys da hydrostatica , e do equilibrio ; e que forma hum liquido espirituoso , vital ; universal , e igual em tudo quanto respira , e he sensitivo ; o mesmo modo , a mesma arte , os mesmos ingredientes , de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão , de hum Elefante , ou de huma Aguaia , saõ os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica , ou de hum Cordeiro manso ; as producções saõ diversas ; a fabrica he a mesma ; naõ ha diferença nos principios , nas figuras sim . Se o Leão se desvanece , he porque tem a força , e naõ por que tem o sangue de Leão ; e ainda se se desvanece pela força , he quando se compara ao Cordeiro debil , e naõ se he comparado a outro Leão . Se o Elefante fosse presumido , seria por ter a corpulência , e naõ por ter

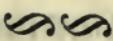
Vv ii o san-

o sangue de Elefante: é ainda no que toca á corpulencia, á presumpçāo seria a respeito de outros animaes de menos estatura; e naõ a respeito de outros Elefantes. Se huma Aguaia se jactasse, havia de ser de subir mais alto; e naõ de ter o sangue de Aguaia; é ainda a jactancia do subir, só seria a respeito do Cisne humido, e pezado, e naõ a respeito de outras Aguias. Naõ he assim o homem; porque o seu desvanecimento, a sua presumpçāo, e a sua vaidade he dirigida sempre a respeito dos mais homens. O sangue he o lugar em que fazem consistir a singularidade, ou superioridade de huns a outros; naquelle clícor he o donde consideraõ como occultas, e invisiveis todas as razões de differenças; alli puzeraõ o assento da Nobreza, e dalli a fazem sahir, como de huma fonte original, e composta de infinitas distinções,

qua-

qualidades, gráos, quilates. Os homens das outras regiões naõ distinguem os sanguess, senaõ pelas suas proporções elementares ; isto he pela proporçaõ dos elementos ; ou partes, de que os mesmos sanguess se compoem ; a diversidade que notavaõ, consistia, em ser hum sangue mais, ou menos calido ; mais ou menos denso ; mais ou menos subtil : naõ viraõ aquellas nações remotas, o que com mais engenho, e estudo chegaraõ a ver as nações da Europa ; isto he, que ha hum sangue humilde, vil, abjecto, e baixo ; e que ha outro, nobre, illustre, preclaro, esclarecido : mas se se perguntar a hum sangue, quem o fez humilde, e a outro ; quem o fez nobre, o primeiro ha de dizer, que huma nobreza cruel, e dilatada, o invileceo ; e o segundo dirá, que huma pomposa, e dilatada riqueza o ilus-

lustrou. Quem dissera, que a fortuna faz o sangue! Não bastava, que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas, que nos rodeão, sem o ter também naquillo, que está dentro de nós? Parecia-nos, que só a natureza dava o sangue, e que este só da natureza dependia; mas agora vemos, que a fortuna o muda.



Muda a fortuna o sangue, ou ao menos parece, que o muda; e com tal variedade, e força, que aquelle sangue, que algum dia foy humilde, hoje he generoso; aquelle que foy esclarecido, he humilde; o que agora he abatido, tempo ha de vir em que o não seja; e o que está sendo ilustre já, também algum dia deixará de o ser. Deste modo vem a depender o sangue, não só da fortuna presente, mas da passada, e da futura: não só lhe prejudica a miseria actual, mas

mas tambem aquella que passou; faz-lhe mal o mal que sente, e tambem aquelle que não pôde sentir; costuma virlhe de longe o abatimento, ou a grandeza; por isso depende menos do estado presente em que se acha, que do estado passado em que outros se acharão; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes, e a fortuna destes faz a Nobreza dos futuros; assim se faz a Nobreza, e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns; isto he, começa-a; em outros a aperfeiçoa; até que finalmente vêm a acaballa em outros; o acaballa, he desfazella; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural, ou mais certa que a abundancia; esta que illustrá o sangue, he menos permanente do que a pobreza, que o abate; a decadencia he

he mais commua , e menos inconstante ; a prosperidade he a que faz a Nobreza , em quanto dura ; e tambem he a que a desfaz, quando se aparta. A Nobreza segue os passos da fortuna ; se esta he dilatada , e grande , entao se forma huma Nobreza esclarecida ; porque os seculos lhe escondem a sua primeira , e limitada origem. A luz , quando nasce , he debil ; porém insensivelmente se fortifica ; nenhum rio se mostra logo como mar ; e dos que sao mais celebrados , ainda se ignora o donde vem ; talvez que seja de alguma fonte humilde , e desprezada ; mas como vem de longe , a distancia os enobrece , só porque oculta a tosca rocha , ou a brenha sem nome donde nascem. As cousas vãs necessitaõ de huma certa escuridade , que as esconde , porque como se estimaõ , só porque se imaginaõ estimaveis , se se dei-

deixaõ conhecer , perdem-se ; a ignorancia do que ellas saõ , he o que as conserva , e atrahe a si hum respeito religioso. Saõ poucas as vozes , que naõ sejaõ imprudentes ; e pelo contrario , todo o silencio he discreto , e sabio ; as cousas que naõ se estimaõ por naõ serem conhecidas , saõ raras : o merecimento transpira por toda a parte , e por mais que se queira esconder , naõ pôde ; he como a claridade , que sempre busca , e acha caminhos invisiveis por onde passa : huma chamma activa naõ se pôde conter ; ella se descobre , o mesmo fumo lhe serve de indicio. Naõ he isto assim na vaidade da Nobreza , porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel , e que esteja involvido em sombras taes , que o exame as naõ possa romper ; e que esse mesmo exame , ja confuso , e embaracado , naõ chegue senaõ

até áquella parte ; donde a Nobreza está mais brilhante , e clara ; e se lhe fosse facil andar mais , de successão em successão , lá havia de encontrar os finaes , ou vestigios da miseria ; e junto a esta inseparavel a vileza ; assim , bem podemos assentar , que a vaidade da Nobreza he huma introducção supersticiosa , a qual nasce da vaidade do luxo , da vaidade da arrogancia , e da vaidade da fottuna .



Era preciso com effeito , que muitas vaidades concorressem ; para poderein formar a vaidade da Nobreza ; Era preciso , que muitas vaidades se ajuntassem , (todas subtils , e especulativas) para fazer que os homens cressem , que os accidentes do tempo , da fortuna , e da desgraça , se podiaõ de tal sorte infundir no sangue , que a humi constituuisse sangue nobre , e a outro fizessem sangue vil .

A

A Nobreza, e a vileza, saõ substancias incorporeas, porque saõ vãas; e se he verdade, que podem estar no sangue; será talvez por algum modo intellectivo, imaterial, e ethereo; mas parece que nem assim podia ser, porque aquillo que he vaõ, de nenhuma sorte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos, que a inexistencia de huma sombra, porque esta ao menos he hum nada que se vê; a imaginação pôde fingir huma chiméra, porém darlhe corpo, naõ; pôde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla nas veas nunca pôde ser. Os homens enganaõ-se com o que imaginaõ; parece-lhes que o mesmo he imaginar, que formar, e que he o mesmo idear, que ser. O engano, ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar, se os homens assim como a quizeraõ, pôr interiormente em si, se contentasssem

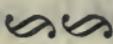
com a pôr de fóra ; isto he , se a fizesssem consistir nas acções exteriores ; perderaõ-se em buscar o sanguine para assento da Nobreza ; aquelle engano ficou visivel , e facil de perceber. Todos sabem , que a imaginaçaõ naõ pôde dar , nem tomar corpo : a illusaõ do pensamento nunca pôde ser mais do que illusaõ. O sangue naõ está sujeito á opiniaõ , só depende das leys do movimento , e da materia ; as distinções , que o pensamento considera , naõ passaõ do pensamento , nelle ficaõ , só nelle podem existir , no sangue naõ. A Nobreza , e a vileza , saõ nomes diferentes , mas naõ fazem differentes sanguines ; estes saõ iguaes em todos ; e por mais que a vaidade finja , invente , e dissimule , tudo saõ imagens supostas , e fingidas ; tudo saõ opiniões , que todos sabem que saõ falsas ; tudo saõ sonhos de homens acor-

dados

dados. A verdade se ri de ver a gravidade , o gesto , e circunspecçāo com que as gentes trataõ a materia da Nobreza; e de ver que saibaõ como o sanguine se ennobrece , ao mesmo tempo que naõ sabem o como elle se faz ; de forte que ainda naõ conhecem , nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel , e presumem conhecerlhe as qualidades ; ignorando as qualidades certas , e visiveis , e cuidaõ que naõ ignorado as que saõ de huma fantasia irregular ; e que naõ constaõ mais que de huma ficçāo civil. Daqui veyo o reduzirse a arte áquelle mesmo conhecimento , arte rara , e vasta , e que tem por objecto , naõ só o estado da successaõ dos homens , mas tambem o estado , ou situaçāo da Nobreza delle. Em hum breve mappa se vê facilmente , e sem trabalho , o que produziaõ muitos seculos ; alli se achaõ collocados

cados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana ; e tudo com tal ordem , e repartição tão clara , que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : no mesmo mappa , ou globo racional , se encontrao descriptas muitas linhas , e distintos lados ; e nestes introduzidos subtilmente outros lados errantes , desconhecidos , vagos , e duvidosos : as regiões , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo consunio : as arvores , os troncos , e os ramos , saõ de donde estaõ pendentes Varões illustres , armas , escudos , titulos , troféos , mas tudo sem acção , nem inovimento , tudo alli se poz , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para incitar o desejo de merecer , que para servir de lizonja a occiosidade da memória ; menos para

ra estimulo da imitaçāo , que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço taō pequeno , mayor contentamento. A quelle he o lugar mais proprio , nem que a Nobreza se mostra vestida de pompa , e de aparelho : alli he finalmente donde a vaidade como em hum labyrintho famoso , e agradavel intenta medir o ar , pezar o vento , apalpar as sombras.



Mas porque razāo poriaō os homens no sangue a qualidāde da Nobreza ? Seria por ser aquella a parte de que a vida estā mais dependente ? Naō , porque a vida naō depende mais do sangue , que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem na cor mais elegancia , move-se , e existe em porçaō mayor ; mas disso naō se segue , que a vida dependa mais do sangue , ou tenha delle mayor

yor necessidade. A cor he effeito da transpoſiçāo da luz; a porçaō muitas vezes faz o nosso mal; e na forma-
çaō dos mixtos he menos importan-
te aquillo, que entra nelles em mais
larga quantidade. Move-se finalmen-
te o sangue; mas que parte haverá
no corpo, que não tenha hum movi-
mento proprio? O que o sangue pare-
ce tem de mais, he que não necessita
da nossa intensaō para moverse; mas
isso mesmo tem o corpo em outras
partes; e a depravaçāo do movimen-
to de que resulta a convulsaō, pro-
cede de hum movimento involunta-
rio. Não achamos pois o fundamen-
to por onde os homens quizeraō, que
fosse o sangue a fonte donde a No-
breza se imprime, e de donde sahe.
Só nos falta ver, se será talvez por
entenderem, que as successões se
continuaō pelo sangue, e que este
derivado de huns a outros, succe-
ſiva-

sivamente continúa em huma mesma descendencia, conservando nella hum caracter particular, distinto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de donde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando saõ muitos no numero, sempre conservaõ a mesma ordem, e a mesma identidade na figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producções saõ separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaõ de huma só roseira; porém todas saõ rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada huma esteja em diverso ramo, a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e ja parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem justa

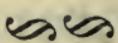
• Yy appli-

applicaçāo para o caso da Nobreza infundia no sangue , e na successaō ; mas naō sey se a mesma paridade pôde servir de aniquillar inteiramente , ou ao menos de embaracar o sistema da Nobreza de geraçāo. (A mayor parte dos systemas cominummente est á sujeita á variedade do discurso ; ainda aquelles a que a prescripçāo do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza.) O caso he , que o sangue dos animaes he como o humor nas plantas ; estas por meyo das raizes attrahem a si a humidade fecunda , que as faz reverdecer , e he a mesma de que se forma o tronco , os ramos ; as folhas , e os frutos ; de sorte que o humor da terra he o que anima a planta , he o seu sangue : este sangue pois , ou este humor , será por ventura sempre o mesmo em huma planta ? Naō ; porque a terra a cada instantē recebe dos outros ele-

men-

mentos huma nova vida , isto he , huma humidade nova : as aguas , que a regaõ , nunca saõ as mesmas ; daqui vem , que o sangue de huma planta sempre he outro , comparado ao que foy primeiro ; e por isso sempre muda de sangue , porque sempre muda de humor ; aquelle com que nasceo , naõ he o mesmo que hoje tem : o primeiro parece se extieguio por huma transpiraçao lenta , e insensivel ; e assim o sangue , com que está , naõ he o que ja teve , porque ja naõ tem o humor que tinha : a conservaçao das plantas , e animaes , depende de huma continua mudança de alimento , e por consequencia de sangue ; este sofre huma dissipação precisa ; he preciso , que hum sangue acabe , para dar lugar a outro : nesta renovaçao , ou reformaçao de sangue , consiste a vida : a morte vem de ser o sangue o mesmo ; a falta de mudan-

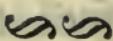
ça , he o que o perverte ; a constância, e estabilidade, serve-lhe de ruina.



E com esse efeito se se não perdesse o sangue , que se faz nos animaes, e o humor , que as arvores attrahem, donde era possivel que coubesse tanto humor , e tanto sangue ? Que outra couisa he a enfermidade , senão hum sangue , ou hum humor , que se não dissipá , e está como suspenso ? O calor vital , que expulsa hum , fabrica outro ; algumas couisas ha , que para acabarem , basta que subsista no que saõ ; daqui resulta huma especie de pasmo ; a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece ; a força do remedio consiste na virtude de expellir , e dissipar ; a superfluidade procede de se haver o sangue conservado ; a conservação o perde , não só pela razão de ser peccante , mas pela razão de ser

ser o mesmo. Os poros saõ como infinitas portas, e quasi imperceptiveis, por onde o sangue, e todos os humores passaõ continuamente, e sem interrupçaõ: a saude consta de exhalacaõ, e de perdiçaõ; persiste huma substancia, porque outra se desvanece: se acaſo aquelles poros se constipaõ, isto he, se aquellas portas se apertaõ, ou se fechaõ, e que o sangue fique como prezo, e sem sahir, entaõ se vê, que o sujeito se afflige, e desfalece; e se dura, ou permanece a reclusaõ, a morte chega em poucas horas: a arte, que conhece a causa da desordem, só cuida em relaxar, e abrir os poros comprimidos, e cerrados, para que o sangue posto em liberdade se possa livremente perder, dissipar, fugir. A natureza ambiciosa em conservar fica inhabil para adquirir; a vida naõ depende tanto do sangue, que está feito, como daquelle

le que se vay fazendo: rotas as veas, por ellas sahe em horrivel, e espan-tosa quantidade; debilita-se a natu-reza, mas se lhe acodem, naõ aca-ba; porém se fica sem acçaõ para fa-zer de novo, entra em agonia, e se extingue totalmente; naquelle elabo-raçaõ está a vida, neste descanço a morte.



Ainda as partes solidas do cor-po de alguma sorte mudaõ de sub-
stancia, e se regeneraõ. O osso du-ro, parece que todo em si he com-pacto, e immutavel; mas com tudo, a sua contextura he composta de fo-lhas adherentes, separadas, e sobre-postas; por entre varios intersticios circula nelle hum liquido unctuoso, este serve-lhe de alimento, e sangue; e he tambem o que sendo molle, faz que o osso seja forte, e firme; dalli vem a nutriçaõ, e por consequencia a mu-

a mudança de materia; porque tudo o que alimenta, trabalha em se transformar, ou converter na coufa alimentada; aquella conversão procede lentamente, e apenas se imagina em hum corpo duro: nos líquidos he visível, e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga, que ainda que o sangue mude, e se renove, basta que fique delle hum atomo fermentativo, ou idéa primogenia, para assim se conservar perennemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o defensor do sangue antigo, não por defender o sangue, mas por defender a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em coufa physica não sey se he permitido o recurso para coufas imperceptiveis, e invisiveis.) Em o nascimento de huma fonte quem lançar qual-

qualquer porção de agua diversa , es-
ta há de sahir em brevissimos instan-
tes ; porque aquellas aguas continua-
mente estão mudando de si mesmas :
ellas são o sangue da terra , assim co-
mo o sangue são as aguas do corpo :
todas se mudaõ , e successivamente
se renovaõ ; as que vem depois são
outras , sem impressão alguma das
primeiras ; nem se pôde imaginar ,
que cada porção de sangue vá deixan-
do , (como em memoria , e penhor
de si) alguma porção , ainda que
pequena infinitamente ; as partes não
são extensíveis , ou divisíveis em infi-
nito ; assim que chegaõ a huma tal
tenuidade , acaba-se a divisaõ . A
subsistencia tem fim no sangue , por-
que este transpira por huma immensi-
dade de caminhos ; nem he compre-
hensível , que na massa de hum fluido
subtil , haja alguma parte , que te-
nha o privilegio de ser intranspiravel ,
e que

e que izento das leys universaes , vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move , mais se diminue : naquelles que tem hum movimento perpetuo , regular , e proprio , a materia se dissipá , á proporçao que se subtiliza ; nem ainda em hum tubo de crystal se pôde algum licor conservar interio ; e apenas se faz crivel a quantidade de humor , que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois , que o sangue naõ he donde a Nobreza assiste ; he hum liquido incerto , e vago para ser o assento de huma vaidade taõ constante. Haja embora no mundo huma Nobreza , com tanto que naõ imaginemos , que ella tem dentro dos homens huma parte distincta donde habita : seja hum idolo , mas idolo sem templo : basta suppor , que o Simulacro he certo , sem entrar no empenho sobre o

lugar da dedicaçāo : seja a Nobreza como a sombra ; esta , bem se vê , mas não se pega ; sempre está fóra do corpo , dentro nunca : tenha a vaidade humana exterior , com tanto que ella seja exterior tambem . Deixemos finalmente o sangue em paz ; elle não descança , certo o seu trabálho hé para ser sangue , e não para ser este ; ou aquelle sangue : de que serve a arte de introduzir naquelle liquido admirável , qualidades arbitrárias , e civís , se a verdade hé , que elle só tem as qualidades naturaes ? Para que hé fazer ao sangue , author daquillo , de que só hé author a vaidade .

A Historia he huma das provas , com questa vaidade allega , é de que mais se serve na authenticidade da Nobreza : prova incerta , duvidosa , fingida , e também algumas vezes falsa :

fa : nella se vem muitos successos famosos , acções , combates , victorias , muitos nomes à quem essas mesmas acçãoens ennobrecerão , illustrárao . Mas de quantas acções fará mençaõ a historia , que ja mais se viraõ ? De quantos successos , que nunca forão ? De quântos combates , que nunca se deraõ ? De quantas victorias , que nunca se alcançaraõ ? E de quantos nomes , que nunca houverão ? Naõ he facil , que pelas narrações da historia se possa descobrir a verdade dos successos ; ella commummente se escreve , depois de serem passados alguns , ou muitos seculos , de que se segue , que a mesma antiguidade he huma nuvem escura , e impenetravel , donde a verdade se perde , e esconde . Se à historia se escreveo ainda em vida dos Heroes , o temor , a inveja , e a lisonja bastaõ para corromper , diminuir , ou accrescentar .

os factos succedidos: por isso ja se disse, que para ser bom historiador, he necessário naõ ser de nenhuma Religiao, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissao; e mais que tudo, se se pudesse naõ ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela liçaõ da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a historia do que os Authores escreyeraõ, e naõ a verdade daquillo que escreveraõ.

Os historiadores no que mais se esforçao, he em pintar cada hum a si, e introduzirem no que escrevem as suas profissões, e inclinações. O Orador todo se occupa em Declamações, e Panegyricos, ainda que os objectos do louvor sejaõ totalmen-te indignos delle. O Militar naõ faz mais que buscar occasião para des-

crever emprezas , muralhas , angulos , ataques , sitiós : huma batalha , que nunca houve , elle a faz taõ certa , que até relata a hora em que começou , o como se proseguió , o tempo que durou , os incidentes que teve , os nomes dos Gêneraes , a forma do combate , os erros , ou acertos de huma , e outra parte ; e finalmente dá a razaõ por onde se vejo a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o historiador teve noticia de infinitas circunstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o author da historia he Jurisconsulto , logo faz menção de leys , legisladores , direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussão , e deixando o que pertence á historia , elle mesmo se incor-

incorpora nella , e entra a mostrar o seu carácter : daqui vem , que Salustio , sendo historiador , todo se cansa em moralidades , Tacito em politicas , Titolivio em superstições.

O desejo de contar cousas admiraveis , e a vaidade , que o historiador tem de manifestar que as sabe , he o que fez sempre inventar , e escrever successos fabulosos . O inventor de cousas raras , extraordinarias , e maravilhosas , attribue a merecimento seu , a admiraçāo que faz nascer no animo do leitor credulo , e inocente . A variedade de opinioens na materia da historia , faz que esta parte da literatura , seja a mais incerta , duvidosa , e composta muitas vezes de enganos , e imposturas . A Herodoto (que passa pelo melhor historiador) chama Cicero author de fabulas ; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores , que lhe percederao , e a

e á elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar naõ saõ mais acreditados : Pollio-Afinio os tem por pouco verdadeiros., e Vossio faz lembrado hum Escritor, que pretende mostrar com provas invenciveis , que Cesar nunca passou os Alpes ; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos , he falso.



Os Historiadores , naõ sómente saõ oppostos entre si , mas cada hum a si mesmo muitas vezes he contrario. Procopio na sua historia , dá louvores immensos ao Emperador Justino , e á Emperatriz Theodora , sua mulher , a Bellisario , e a Antonina ; e nos seus Anecdotos os critica excessivamente. Os marmores , e bronzes , naõ servem na historia de provas infalliveis : os monumentos mais antigos tem dado occasião aos mais celebrados erros : as primeiras con-

conjecturas , (bem ; ou mal fundadas) adquirindo com o tempo a authoridade da historia , foraõ passando á posteridade como cousas certas : temos exemplo na memoravel inscripçao posta no arco do triunfo de Tito ; a qual dizia , que antes daquelle Emperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o sitiар Jerusalem , sendo que (sem recorrer á historia sagrada , que ainda entaõ poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foy huma das conquistas de Pompeo , de donde procedeo o chamarlhe Cicero , o seu Jerosolimario . Accresce a isto , que os mais notaveis acontecimentos saõ os em que as historias mais variaõ , e em que os Authores concordaõ menos . Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troya ? Huns querem que ella fosse verdadeira , outros dizem que naõ foy mais do

do que huma bem composta fabula.

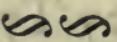


Dion Chrysostomo , na fé das tradições Egypcias , diz que Helena sendo pedida pelos mayores Príncipes da Asia , e Grecia , casara por ordem de seu pay Tyndaro com Alexandre , filho de Priamo ; e que aquelles Príncipes irritados da preferencia , fizeraõ guerra a Troya ; e que enfraquecidos depois pela peste , e fome ; e juntamente pelas suas mesmas dissensões concluiraõ a paz com os Troyanos , em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira , donde se escrevera em grossas letras , a forma do Tratado ; e que finalmente naõ podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade , se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse . Porém Pausanias diz o contrario ; e segura que o cavallo de Troya naõ fora

Aaa

mais

mais do que huma máquina de bronze, que elle vira em a Cidadella de Athenas; e que tinha servido naquella guerra, como de instrumento bellico, para arrombar, e destruir os muros.



Muitos escreverão; que Helena nunca fora a Troya: que Pariz, e Helena foram levados por huma tempestade a huma das bocas do rio Nilo, chamada *Canope*, e de lá conduzido a Memphis; donde Protheo reinava, este abominara a aleivosia daquelle Príncipe; e que lançando-o fóra do seu Reino, retivera a Helena com todas as riquezas, que ella tinha: que entaõ Paris se retirara a Troya, e que sendo seguido pelos Gregos, dalli se originara huma grande, e cruel guerra; e que indo depois Menelao ao Egypto, lá lhe entregara Protheo a Helena, e jun-

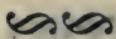
e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opiniões naõ
he menor em tudo o que respeita á
história de Eneas. Alguns Escrito-
res dizem, que aquelle Príncipe fo-
ra o que entregará a sua patria, abrin-
do huma das portas de Troya aos
Gregos: outros escrevem; que a ví-
agem do mesmo Príncipe á Italia era
duvidada por Denys de Halicarnasso,
e entré os Modernos por Justo Lipsio,
por Philippe Cluvier, por Samuel Bo-
chart, e por outros muitos. Metro-
doro de Lampsaque naõ faz difficulta-
dade em crer; que os Heroes de Ho-
mero, Agamemnon, Achilles, Hei-
tor, Paris, e Eneas nunca existiraõ
no mundo.

A histofia naõ he ménos incerta,
á respeito da fundaçao de Roma:
huns dizem, que os Pelasgos, depois

de subjugarem nações varias, fundaraõ na Italia huma Cidade grande, a que chamaraõ Roma, em final, ou significaçao da sua força; porque Roma em Grego, quer dizer, *força*. Outros contaõ, que no mesmo dia, em que se tomou Troya, alguns dos naturaes entraraõ nas embarcações, que acharaõ naquelle porto; e que sendo lançados pelos ventos sobre a Costa de Toscana, desembarcaraõ junto ao Tibre; e que entre as mulheres, que não podiaõ supportar os incomodos do mar, havia huma chamada Roma; e que esta aconselhara as outras pozessem fogó ás embarcações, e que sendo executado aquelle arbitrio, e conhecendo os mari-dos a bondade do paiz, se resloveraõ a ficar nelle; e fundando huma Cidade, lhe puzeraõ o nome da mulher, que os obrigara a estabelecerse alli.

TAM-



Também há quem diga, que Telepho, filho de Hércules, tivera huma filha chamada Rómá, a qual casara com Eneas, ou com seu filho Ascanio, de donde procedera o nome da Cidade: outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Romo, Rey dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracusa, que vivia cem annos antes de Aristoteles, escreve que muito antes da guerra de Troya, ja havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Autores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, nemhum concorda com o nascimento, e educação daquelle fundador.



A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas falla Herodoto, Diodoro, Trogo-Pompeo, Justino, Pausanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabão nega, que as Amazonas fosse humanação, que existisse nunca. Palephato he do mesmo parecer. Ariano tem por muito duvidoso, tudo quanto se escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas hunos exercitos de homens comandados por mulheres; e disto ha muitos exemplos na historia antiga. Os Medos, e os Sabianos, obedeciaõ a Rainhas. Semiramis dominava os Assyrios, Tomyri saos Scytas, Cleopatra aos Egypcios, Baudicea aos Ingleses, Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê, que as Amazonas
não

naõ era humaõ naçaõ particular , mas que assim se châmavaõ todas as mulheres de qualquer naçaõ que fossem ; e tivessem por costume oir á guerra . Outros pertenderão que as Amazonas naõ eraõ outrancousa mais do que huns povos barbaros ; vestidos de roupas longas , e que tinhaõ na cabeça ornatos de mulher . Diodoro de Sicilia diz , que Hercules , filho de Alcmene , a quem Euristeo pedira lhe trouxesse o talim de Hypolita , Rainha da Amazozas , elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermodon , e destruira aquella naçaõ guerreira ; porém os successos mais famosos da historia das Amazonas saõ menos antigos que o Hercules Grego , filho de Alcmene . Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniao , e juizo humano .

Naõ ha pois certaza alguma em na-

nada. A historia profana (porque esta he sómente a idé que fallamos) parece que não soy feita para instruir, senão para enganar. Os Authores não se contentaraõ com enredar o mundo em quanto vivos ; quizeraõ ter o maligno divertimento de deixar na historia huma occupação de estudar enganos : nem todos jo fizeraõ por malicia ; mas por simplicidade. Essa mesma historia he donde a vaidade da Nobreza toma o seu principio, e donde tira as provas de que mais se desvanece ; quanto mais antiga a historia he, tanto he mais esclarecida a Nobreza, que se funda nella. Esta sorte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidades, não só he propria a cada hum dos homens, mas a todas as gentes, e nações ; e com tal fatuidade, que algumas vaõ buscar a sua origem, antes que o mundo habita-

vel tivesse a sua , e daquelle modo elles começaráo primeiro do que o mundo. Neste delirio de antiguidade, e por consequencia de Nobreza entrarao os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes naõ pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e nesta fórmā, que naçāo poderia competir com ella naquella parte? Nem os Chinas, excessivos em tudo , deitaõ as suas pertençōes taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ : huns para se ennobrecerem a si , outros para ennobrecerem os seus. Naõ ha meyo algum de que aquella vaidade se naõ sirva ; ou seja imaginario , ou falso , tudo serve a quem se quer fazer illustre ; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem , ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano , e sobre tudo em defender

o erro, e prevençāo, de que os homens podem ser diversos, ainda na mesma razaō de homens.



Os grandes da antiguidade, ou a Nobreza dos antigos, ainda era mais forte, e singular, que a que se ideou depois; huma, e outra tem de commum o serem efeitos da vaidade, e consistirem na imaginaçāo de quem naō cabe em si; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida: nem he para admirar; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata, e ao esplendor Latino. Os seculos foraõ desfazendo todos os portentos; a variedade de successos, e fortunas tambem foy reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia; acabou-se a ficçāo, e desvario em que aquela sorte de Nobreza se fundava; ella foy

foy hum dos Idolos que cahiraõ. Quando a luz da verdade desterrou as trevas do Paganismo , cessaraõ os Oraculos , naõ responderaõ mais , emmudeceraõ. A Grecia , patria comunua dos Heroes , e donde estes nasciaõ como em terra fecunda , e propria , foy donde a vaidade da Nobreza quiz elevarse ainda acima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia ser filho de Venus , Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter. Estes , e outros muitos pretendiaõ naõ menos nobre origem , que a celeste , como descendentes dos Deoses immortaes ; esta fabula naõ durou hum dia só ; e he para admirar , que ella tivesse authoridade no conceito de homens polidos , sabios , e prudentes , e com tanta força que chegassem a fazer das fabulas , religiaõ. Aquella foy a Nobreza dos antigos ; Nobreza , que ti-

nha por principio , hum bengano introduzido , e respeitado ! Via-se nas maõs de Jupiter o rayo , nas de Marte a espada , e nas de Apollo as setas : Thetys dominava as ondas , Venus a fermosura : quem havia resistir por huma parte á força do poder , e por outra ao encanto da belleza ? Ainda quem conhecesse a fabula , se havia de namorar do apparato della . Todos sabem que os homens saõ iguaes , em quanto homens ; mas nem por isso deixaõ de entender , quē ha huma nobreza que os distingue , e que os faz ser homens melhores .

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo ; porque os illustres hiaõ buscar os seus ascendentes nos seus Deoses ; e desta forte ficavaõ os homens meyos humanos , e naõ inteiramente . Só assim podiaõ ser distin-
tos

ctos , e desigualaes na realidade. As distinções permaneceraõ , em quanto duraraõ as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura , e logo os Deoses se acabaraõ , deixando os seus descendentes , feitos homens como os outros ; e com a circunstancia , que por haverem tido progenitores altos , ficaraõ sem nenhum. Depois daquelle catastrofe fatal , parece que devia extinguirse a vaidade da Nobreza ; mas naõ foy assim , porque aquella vaidade só mudou de especie , e o engano , de figura ; a Mythologia converteo-se em Genealogia , humanizou-se. A igualdade sempre foy para os homens huma cousa insupportavel ; por isso entraraõ a forjar novos artificios com que se distinguissem , e ficassem desigualaes ; e naõ tendo ja Deoses de donde tirassem o principio da Nobreza , entraraõ a tiralla de outras mui-

tas

tas vaidades juntas ; compuzeraõ humana Nobreza , toda humana ; entaõ nasceo aquella tal Nobreza , como parto do poder , da pompa , e da riqueza , accidentes na verdade exteriore , mas que servem de incrustação no homem , e esta ainda que composta de fragmentos , sempre fórmam ornato matizado , e agravel ; bem se vê alqueja viveza dos esmaltes , e das conchas , naõ penetra a substancia interior , e que o muro oscil naõ fica mudado , cuberto sim ; mas que importa , se a gala fragil que o reyeste , o ennobrece .

- Isagi A . el - uoxur , nigoisone .
- ur Na propagaçao dos animaes observa la natureza naõ mesma pordein ; desta sempre vem a resultar a mesma fórmia , e as mesmas circunstancias : os individuos potém de cada especie naõ saõ taõ uniformes , que naõ tenhaõ entre si hum caracter particular

com

com que se distinguem huns dos outros. Nas familias se notaõ feições determinadas, pelas quaes saõ conhecidos os que vem da mesma parte; o mesmo ar no gesto, ou na figura persiste em muitas linhas descendentes; e de tal sorte que algumas saõ reconhecidas por huma fermosura successiva; e outras tambem o saõ, por huma fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ differentes por hum aspecto, ou semblante proprio, que a natureza affecta em cada huma dellas. A cor che hum final demonstrativo, regular, e indelebil, que a mesma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou regiaõ; e dessa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas, que indicaõ o gráo, e concurrencia de nações diversas, mas unidas; de gentes separadas, mas juntas; de familias estranhas, mas naturalizadas. Aquela

la he a marçá, que a Providencia poz
nos homens; marca perpetua, em
quanto elles se pérpetuaõ dentro da
sua mesma esfera, mas temporal, e
extinguivel por meyo de huma nova
composiçāo. Até nas plantas se en-
contra a mesma economia; ellas tem
sinaes por onde se distinguem; huás
perseverantes, outros mudaveis. A
arte, que concilia entre si plantas di-
versas, ou as conserva, e faz permanecer no estado primitivo, ou as
altera, nem muda para outro; quella for-
ça no tronco a sustentar ramos alhe-
yos, a vestirse de folhás desconhe-
cidás, e a produzir frutos adulteri-
ños. Ainda nas coisas insensiveis,
tem ás vezes lugar a violencia. Assim
se constrange a natureza a que siga
hum caminho errado, e que em cer-
tos casos não siga as suas leys, mas
ás leys da industria, e do artificio;
daqui vem, que he util que a nossa in-
telli-

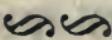
telligencia seja limitada; se o naõ fosse, apenas teria a terra liberdade para fazer nascer, como quizesse, a menor flor do campo. Quantas vezes naõ se faz o mal, porque se naõ sabe fazer? Aquella ignorancia nos preserva; mas nem por isso valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e naõ de nós.



Ja vimos que os homens, quando vem ao mundo, ja trazem hum final de distinçaõ, e differença, e que esta os faz distinguir, e conhecer. Daqui paree que resulta huma indução forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil he aquelle que se tira de huma distinçaõ visivel, constante, e material, para outra que he sómente imaginaria; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica; de huma que he da instruçāo do mun-

do , para outra que he da instituiçāo
dos homens ; de huma que he total-
mente independente , para outra que
he arbitaria ; de huma que tem por
principio a mesma Providencia , para
outra que procede da fortuna ; e fi-
nalmente de huma que he fundada
em regras infalliveis , para outra que
sómente he fundada em vaidade ?
Nesta parte a razaō tirada da seme-
lhança naõ convence. Com hum só
carácter se podem formar letras infi-
nitas , todas iguaes , e semelhantes ,
mas nem por isso ás letras tem nada
do carácter impressor. Este imprime ,
mas naõ se communica ; dá a seme-
lhança ; a sua substancia naõ ; o me-
tal de que he composto , naõ dá de si
mais do que a figura. Muitas estam-
pas vêm de hum mesmo molde ; to-
das saõ iguaes , e parecidas , mas ne-
nhuma tem do molde mais do que o
contorno . A sombra vem de hum

corpo que tem opposta a luz , desorte que naõ ha sombra donde naõ ha luz , é corpo ; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma , nem do corpo , nem da luz . O produzir huma cousa , naõ he o mesmo que reproduzirse .



A vida , ou espirito vital , que passando de huns a outros vay fazendo a descendencia dos mortaes , parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria ; e com effeito se a vida se transfere sendo mais , porque naõ ha de transferirse a Nobreza sendo menos ? A vida he transmissivel , e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha . Pórém naõ tiremos erradas consequencias : A vida naõ se pôde dizer que he transferivel , e ainda que o fosse , nem por isso ficava sendo transferivel a Nobreza : só o que existe physicamente

Ccc ii mente

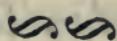
mente se transfere, mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente, nem se passa, nem se dá, nem se transmite. A vida com que vive hum, é naõ he a mesma com que outro vive; a imaginação de hum naõ he a mesma que outro tem. A vaidade desperta já imaginação, ou idéa de Nobreza, e esta naõ vem como imaginação herdada, mas adquirida; e ninguem sabe que a tem, ou que a naõ tem; senão depois que o imagina; naquella imaginação o que se ganha; ou perde, he hum pensamento; e este quando he falso, naõ tem menos entidade, que quando he verdadeiro; porque nas coisas vãs, a verdade naõ vale mais, do que a mentira.

A vida consiste no movimento, quem primeiro o causa, he o que se estima.

diz ser principio delle ; mas naõ se
segue daqui , que a causa que depois
se move , fique com alguma porçaõ
do principio , que a moveo. O braço
quando move hum corpo naõ se com-
munica a ellé ; e esse corpo naõ rece-
be em si , mais do que hum impulso ;
o braço naõ poem mais do que a for-
ça , que serve de principio ao movi-
mento , mas nem por isso fica o cor-
po , que se moveo , com alguma parte
do braço , que o fez mover. Em hu-
ma mesma luz se podem accender
muitas mil luzes , mas nenhuma des-
tas participa , ou tem em si nada da
primeira ; cada huma arde em sub-
stancia propria , distinta , e separada ;
o que as distingue , he a materia , que
lhes vay servindo de alimento ; e naõ
a primeira luz dê dondeI começaraõ.
O incendio naõ he menos activo , ou
menos nobre aquelle , que nasceo de
huma faisca errante , do que aquelle
que

que viria de hum fogo guardado no templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma , porque vejo de outra que diziaõ consagrada ? E humilde aquella que procedeo de outra , que naõ tinha circunstancia ? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeiçao que ella mostra em si ; a que nasceo no monte Olympo naõ he por isso mais esclarecida , do que aquella que se achou em hum valle rustico , e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distintos huns dos outros , e o distinguirem-se , naõ pelo valor de cada hum , mas pelo valor das cousas que os distingue. A Nobreza foy a mayor maquina , que a vaidade dos homens inventou ; maquina admiravel , porque sendo grande , toda se compoem de nada. As outras vaidades , parece que saõ menos vans ; porque sempre tem algum objecto visivel , e mani-

manifesto: mas por isso mesmo á vaidade da Nobreza he huma vaidade sem remedio; mal incuravel, porque se naõ vê.



Assim he, mas quem ha de haver que negue, que a Nobreza, ou essa coufa vãa, he util, necessaria, e bem imaginada? Que importa que huma coufa seja na realidade nada, se os effeitos que produz saõ alguma coufa? Os effeitos da Nobreza saõ muitos; ella dá merecimento, valor, saber, a quem naõ tem nem sciencia, nem valor, nem merecimento; ella serve, para fazer venerado, a quem o naõ deve ser; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido; que a desordem se encubra, e se disfarce; e que a soberba, á arrogancia, e a altivez, fiquem parecendo naturaes, e justas: finalmente a vaidade da Nobreza, até se desvanece com a vileza

za das acções ; estas ainda quando saõ vís , infames , torpes , e odiosas , nem por isso envilecem , ou infamaõ a quem asfaz ; antes da mesma enor midade das acções se tira hum novo lustre , ou nova prova da Nobreza : o ponto he contar huma longa serie de illustres ascendentes para que hum nobre fique dispensado das leys da sociedade , e de formalidades civís ; e tambem habilitado para que possa livremente , e sem reparo , perder o pejo , a honra , a verdade , e a consciencia . Desta sorte vem a Nobreza a ser hum meyo por onde o vicio se authorisa , o crime se justifica , e a vaidade se fortalece . Cuidaõ os Nobres , que a Nobreza lhes permette tudo , mas cuidaõ mal ; porque o certo he , que a Nobreza bem entendida , naõ se fez para canonizar o erro ; ella foy sabiamente achada para servir de estímulo , e companheira das vir-

virtudes; para ennobrecer as acções illustres, e naõ para illustrar as viciosas; para ser attendida pelo que obrasse digno de attenção, e naõ pelo que fizesse indignamente; para servir a razão, e naõ para a dominar; para ser exemplo, e naõ regra; para fazer os homens bons, e naõ para os perverter; para nos distinguir pela Nobreza do espirito, e naõ pela Nobreza da carne; para os fazer melhores de huma melhoria de animo, e naõ de corpo; finalmente para fazer mais clara a luz, e naõ para fazer clara a sombra.

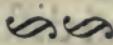
Por isso o sabio Rey, (que ainda ha pouco perdemos, e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só, mas sim quando a via acompanhada de acções nobres; nunca attendeo á Nobreza das origens, mas

Ddd

sim

simplicemente Nobreza d'os sujeitos; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes, e pelas outras qualidades, depois; o conceito, que fazia, foy, que a Nobreza não era no homem parte principal, mas sim parte ajuntada, que só servia de ornar, e não de fazer. Aquelle mesmo Rey foy o terror da Nobreza arrogante, e destemida; estas sempre tinha os olhos assombrados de ver a cada instante fusillar o rayo; de ver armado sempre o braço poderoso; mas armado ao mesmo tempo de justiça, e de piedade, de furor, e de compaixão. Deste modo governou em paz, e nos deixou a paz; por isso a mágoa de o perder, foy, elha de ser infinita em nós; as nossas lagrimas e penas poderão mitigarse alguma vez, ob suspender-se, nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto, e parece que não tanto pela fatal nem

cessidade de acabar , como! para que
trocado em altair o trono , o respeito
em culto , e o obsequio em adora-
çāo , o pudessemos inyocar . Subiu
ao estado de immortal para ser nu-
mén tutelar do Imperio Portuguez ;
e em hum Principe (o mais pruden-
te , e moderado que o mundo vio)
nos deixou hum Rey benigno , pio ,
generoso , justo , protector ; assim fi-
cou disposta a nossa consolaçāo , e
seria menos forte a nossa pena , se
pudesse ser o havér remedio para a
saudade .



Hum dos abusos , que o tempo ,
e a vaidade introduzio , foy a Nobre-
za ; esta porém sendo tomada nos ter-
mos da sua primeira infancia , ou na
idéa com que foy creada , he verda-
deira , e util ; e nestes mesmos termos
ninguem lhe pôde disputar , nem a
utilidade , nem a verdade da existen-

cia. Por Nobre, entendiaõ os antigos hum Heroe, isto he, hum homem distinto dos mais homens, e distinto por siõ e naõ por outros; pelas suas proprias accções, e naõ pelas accções alhieyas. O Heroismo, e a Nobreza eraõ qualidades pessoaes, e naõ hereditarias; huma, é outra dependiaõ de accções heroicas, e em ambas era necessario o requisito do poder; se este cessava, extinguia-se a Nobreza. Deste modo he, que antigamente haviaõ Nobres, porque em todo o tempo houveraõ poderosos; estes ficavaõ distintos por grandeza, e naõ por natureza; passava a Nobreza de huns a outros, quando o poder tambem passava; de huma, e outra causa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por faltando luzimento, se este depois tornava, naõ fazia resuscitar a Nobreza já perdida; compunha-se

outra nova , e esta naõ era de menos entidade , ou menos Nobre que a primeira. O tempo naõ he o que ennobrece. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza naõ haviaõ de fazer caduca? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer mayor? Huma flor moderna naõ tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , ja no Outono fica prostrada , é macilenta. As Estrellas começaraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais ; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer aproveitar das horas , e dos dias , que passaraõ. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza naõ. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade , e que a duraçaõ do mundo , naõ he mais do que hum instante !

Se

Se ha nos homens diferença ,
esta só se acha nos Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem
a semelhança dos humanos , mas naõ
sey que tem de mais : tem o mesmo
ser para serem homens , mas naõ pa-
ra serem como os mais homens :
quem os fez mayores , foy a Provi-
dencia ; só esta podia influir diversi-
dade no que he o mesmo ; podia fa-
zer que huma identidade fosse diffe-
rente de outra da mesma especie ; e
podia , debaixo da mesma forma , e
dos mesmos accidentes , fazer huma
natureza desigual . Deos he a origem
do poder dos Reys , estes saõ inde-
pendentes da fortuna ; porque o po-
der supremo , só Deos que o dá , o ti-
ra . As revoluções particulares pare-
ce que resultaõ de huma economia
certa ; as dos Monarcas naõ succe-
dem sem decreto especial . Aquelles
a quem

ai quem a Providencia fez árbitros do mundo, a mesma Providencia os distinguiu: os outros homens fazem-se distintos á proporção do favor supremo que os distingue. Assiste pois a distinção dos homens só na vontade, ou coração dos Reys; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reys são os que glorificam os homens, isto he os que os ennobrecem; e desta sorte recebem a Nobreza por graça, e não por successão; por favor, e não por herança; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illustra; persiste aquella prerogatiya em quanto o favor existe; se este se retira, logo a Nobreza acaba. A luz toda se emprega nos objectos, estes ficam claros, mas he por força de huma luz, que não he sua. Se o Sol se esconde, ficam os objectos escuros, e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se vem;

vem ; os homens não vem ao mundo
sabios ; justos ; prudentes , virtuosos,
bons ; e do mesmo modo não vem
Nobres ; cá achaõ a Nobreza como
huma parte posterior , e auxiliar , que
se pôde unir, e aggregar depois; achaõ
muitas vaidades , e entre ellas huma
occupada em crer , que a Nobreza he
qualidade fixa, propria, interior , e in-
separavel ; e por mais que os sentidos,
e a razaõ mostrem o contrario , nem
ponisso aquella vaidade se deixa con-
vencer. Tiremos por hum pouco aos
homens a faculdade que elles tem de
se explicar; supponhamos que não fal-
laõ , talvez que entaõ se vejaõ iguaes
todos ; a incapacidade , e o silencio,
sabem mais : tiremos tambem por hum
instante aos homens a alma racional ,
e entaõ veremos a Nobreza com que
ficaõ. Esta tal Nobreza, ou a sua vai-
dade negando as supposições , fica li-
vre do argumento.

F I M.

